

# CORREIO BRAZILIENSE

DE AGOSTO, 1809.

---

Na quarta parte nova os campos ara,  
E se mais mundo houvera la chegára.

CAMOENS, c. VII. e. 14.

---

## POLITICA.

---

*Documentos Officiaes Relativos a Portugal.*

*Diario Official das operações militares do General Francisco da Silveira, desde a invasão dos Francezes até a sua total expulsão desies Reinos.*

**N**O dia 24 de Fevereiro tomou o General Silveira o Commando da Provincia de Tras-os-Montes, e com elle o do Exercito da mesma, que constava de dois regimentos de Infantaria de linha, que então teriaõ 2.800 praças; de cinco Regimentos de Milicias, dos quaes estavaõ sómente armados 2.500 homens; de 50 cavallo, que dentro de poucos dias quasi se inhabilitaraõ pela actividade do serviço; e de alguma artilheria.

O inimigo se aproximava á raia; o que fazia recear uma invasão a cada momento; e guarnecendo por este motivo, para cobrir a Provincia do Minho, e facilitar os soccorros, que della lhe podiaõ vir, os postos desde Tourem até Villarelho da raia; foraõ estes postos atacados desde o dia 25 de Fevereiro até 4 de Março, e sempre repellidos com vantagem nossa, e perda consideravel do inimigo.

A força do Exercito Francez se achava então nas mar-

gens do Minho, ameaçando aquella Provincia ; mas o dito Exercito nos principios de Março retrocedeo para Orense, e adiantou a sua vanguarda composta de 1.500 cavallos, e 6.000 infantes para Ginço ; e nos dias 2 e 3 de Março se unio a esta o grosso do Exercito. Neste tempo se achava o Marquez da Romana com as suas Tropas postado na margem direita do Tamega desde Monte Rei até esta Praça (Chaves) ; mas no dia 4 as mandou passar para a margem esquerda, postando-as desde Tamaguelos até Lama-d'Arcos. Os dois Generaes, segundo as noticias, que tiveraõ, de marchar o inimigo contra Chaves, convencionaõ em o esperar : o Exercito Hespanhol fazendo a direita, guarnecendo Monte Rei ; e o Portuguez postando-se desde a ponte de Villaça até Villarelho. No dia 6 de Março tinha o General Silveira postado a sua vanguarda nas montanhas, que dominaõ a ponte de Villaça, e o resto do Exercito na Atalaya de Villarelho : ás 8 da manhã se apresentou o inimigo na frente da avançada da ponte de Villaça com 1.800 cavallos, 6.000 infantes, e alguma artilheria, passou a Monte Rei sem resistencia, por se ter retirado nessa manhaã o Exercito Hespanhol : mandou instantaneamente o inimigo um forte reconhecimento de 800 cavallos pela margem esquerda do Tamega até abaixo de Tamaguelos, ficando a vanguarda do General Silveira já rodeada, ao tempo que era atacada na ponte de Villaça por um Corpo de Infantaria : principiou o ataque ao meio dia, e acabou com a noite com pouca perda nossa, á excepção de uma peça de pequeno calibre que foi abandonada : soffrendo o inimigo uma perda de mais de 80 mortos, e bastantes feridos.

Retirou-se a vanguarda ao Corpo do Exercito, e ás 8 da noite mandou o General Silveira retira-lo sobre Chaves ; pois tendo descoberta toda a sua direita, pela retirada do Exercito Hespanhol, pela falta de Cavallaria e pelo grande número da do inimigo, naõ podia suster-se em posições,

onde aquella arma podia operar taõ vantajosamente. No dia 7 de manhã soube o General Silveira, que o Exercito Hespanhol já marchava em retirada 7 legoas distante de Chaves; vendo se pois na impossibilidade de se poder sustentar na sua veiga, e menos defender a dita praça de Chaves, que pela sua total ruina não tinha defesa alguma, a mandou evacuar, e se retirou com o Exercito (á excepção da vanguarda, que a tinha deixado em Villarelho a observar o inimigo) para as montanhas de Outeiro Joaõ, e S. Pedro de Agostem. Neste dia alguns paisanos, e até Officiaes principiáraõ no indiscreto enthusiasmo de querer defender Chaves; de que o General Silveira os tentou dissuadir com fortes razoes, mas inutilmente; elle se retirou para as mencionadas montanhas, e os outros se recolhéraõ a Chaves, dando principio á projectada defesa. O General tinha mandado retirar a vanguarda para se reunir ao Exercito; mas ella em lugar de o executar, entrou em Chaves, e tomou parte na dita defesa.

No dia 8 foi o General reconhecer o inimigo, e achou a sua infantaria acampada entre Oimbra e Villarelho na margem direita do Tamega; e a Cavallaria em Tamagueolos na margem esquerda: a sua força era de 18 ou 20:000 homens, dos quaes 3.000 eraõ de Cavallaria. Neste dia as avançadas inimigas chegáraõ á vista da Praça.

No dia 9 foi o General Silveira á Praça, e quiz novamente convencer a todos da impossibilidade da sua defesa; mas as suas reflexões não foraõ attendidas. Despois foi reconhecer o inimigo, e vio que marchava com todas as forças contra Chaves: a Infantaria pela margem direita, a Cavallaria pela esquerda do Tamega.

No dia 10 tornou o General Silveira á Praça, e convocou um Conselho militar de todos os Officiaes superiores: protestou contra a defesa della, e mostrou a sua inutilidade, ainda sendo possivel: todos os officiaes foraõ deste mesmo voto, á excepção dos que se tinhaõ encarregado

da dita defenza: ás dez horas da manhã foi a praça formalmentesitiada por tres lados, e então lhe fez o Marechal Sout uma intimação, á qual respondeo verbalmente o General Silveira, que nada tinha com a defenza de Chaves, e só sim com o Exercito que commandava: recolheo-se para o Campo; a nesse tempo se lhe apresentou uma Carta do Marechal Sout, na qual lhe pedia em nome de Napoleão quizesse governar a Provincia, e o Exercito em nome do mesmo: que o reconhecesse, e poupasse a effusão de sangue, que hia a haver: a cuja proposição respondeo de palavra o General Silveira, que quem tinha a honra de commandar Portuguezes não ouvia taes proposições; e que jámais ouviria alguma, que não fosse a de ficar elle Sout prisioneiro de guerra. Em todos estes dias os paisanos e partidas tinhaõ feito fogo ao inimigo, e lhe tinhaõ causado bastante damno.

No dia 11 se fez nova intimação á Praça, a qual o seu intruso Governador mandou participar ao Campo de Santa Barbara ao General Silveira; pedindo-lhe determinasse o que se devia fazer. Foi lhe respondido, que o General Silveira nada tinha com a defenza de Chaves; e quem della se encarregara, contra as ordens do mesmo, respondesse á dita intimação a seu arbitrio. Com tudo o General Silveira mandou dizer aos officiaes, que estavaõ dentro da Praça, que se retirassem della essa noite com toda a Tropa, que elle lhes cobriria a retirada, fazendo baixar maior força sobre Outeiro João; assim se executou; mas ainda que se esperasse toda a noite, ninguem se quiz retirar.

No dia 12 ás oito da manhã se rendeo a Praça sem resistencia alguma, e ficáraõ prisioneiras de guerra todas as Companhi.s graduadas dos Regimentos do Exercito: intentou o General Sout sitiar a posição de Santa Barbara, fazendo passar uma grande porção de infantaria pela margem direita do Tamega até ao sitio do Polderado, para que passando ali o Tamega, tomasse o caminho de Villa Pouca, vizinho ao Povo de Redeal; e no mesmo dia quasi

á noite fingio o inimigo um ataque nas montanhas de Nantes, para subir a estas, sem que o General Silveira o presentisse, e pode-lo rodear pelas montanhas da direita por S. Pedro de Agostem: conheceo tudo isto o General Silveira, e ás 10 horas da noite se retirou para as montanhas de Oura, e Reigaz. O inimigo verificou o seu projecto pela uma da noite, mas já em vaõ: adiantou as suas avançadas até Villa Verde.

No dia 13 de Março se retirou o General Silveira para Villa Pouca: cuidou em se fortificar, e esperar ahi o Inimigo; mas nos dias 14, 15 e 16 naõ foraõ avistadas as suas avançadas pelas Portuguezas; nem passáraõ de Villa Verde. No dia 17 fez o inimigo um reconhecimento forte, fazendo adiantar uma avançada de 200 cavallos, e 300 a 400 infantes até á Veiga de Villa Pouca. No dia 18 fez marchar o General Silveira 800 homens a fazer um reconhecimento desta avançada inimiga; marchou até Soutelinho duas legoas distante de Villa Pouca, e o inimigo naõ appareceu, antes se retirou do campo que tinha ao pé do Redeal.

No dia 19 marchou o General Silveira com os 800 homens até Santa Barbara, e mandou que o resto do Exercito o seguisse; nesse dia appareceu sómente uma partida de 20 cavallos em distancia. No dia 20 foi reconhecido na posição de Santa Barbara por uma partida de 16 cavallos, que logo se retirou apenas vio marchar sobre si algumas partidas de infantaria. Mandou entaõ o General Silveira que se marchasse sobre Chaves, e que se tomasse a Praça de assalto, desde o Cavalleiro da Amoreira até á brecha dos Açougues, o que se verificou com muito pouca perda nossa, sendo a do inimigo de mais de 300 mortos, e 290 prisioneiros. Entráraõ em Chaves os regimentos de infantaria N.º 12 e 24; alguns Corpos de Milicias e Caçadores do monte: os inimigos restantes se recolhêraõ ao Forte de S. Francisco.

Nos dias 21, 22, 23 e 24 se fez um fogo vivo de parte a parte com a vantagem de terem os inimigos 12 peças montadas, e algumas de grande calibre, e nós nenhuma, por não terem chegado os Parques d'Artilheria.

No dia 25 destinou o General Silveira que o Forte fosse tomado por escalada; para o que o regimento de infantaria N.º 12 o havia atacar pelo Picadeiro do regimento de cavallaria N.º 6, o de infantaria N.º 24 pelas Portas, e os de milicias de Moncorvo e Miranda pela Senhora da Lappa. Estando tudo prompto, fez uma intimação o General Silveira ao Commandante do Forte, o qual lhe pediu uma hora para responder; suspendeo-se o fogo, e tendo passado o prazo, novamente intimou o General Silveira dentro em cinco minutos se rendesse á descripção, quando não se verificava o ataque; a esta intimação veio o official Francez com uma carta do Commandante, na qual propunha a entrega do forte, deixando-o sahir com a guarnição, com armas e bagagens a unir-se ao exercito do General Sault: ao que respondeo o General Silveira, que nenhuma das proposições era admissivel, e nenhuma outra o era senão a de se entregar á descripção, para o que mandava um Official a fim de trazer a decisão dentro de cinco minutos.

A resposta foi de que elles accitavão a proposta com todas as condições que o General Silveira lhes quizesse impôr. Mandou o General Silveira tomar conta do forte, e então lhes concedeo as condições, que se mostraõ da Capitulação já impressa: ficãraõ prisioneiros mil duzentos setenta o tantos soldados, 25 Officiaes, 23 Empregados Civis, e 13 Cirurgiões; achãraõ-se muitas muniçoens, 12 peças, mil e tantas armas em bom estado, muitas mais quebradas e arruinadas, noventa e tantos cavallos, e trinta e tantas bestas de transporte.

No dia 26 fez marchar o General Silveira para as alturas os Regimentos de Milicias de Lamego e Bragança, e o

Batalhaõ de Caçadores do monte, de Monte Alegre para Salamonde. No dia 27 os Regimentos das Milicias de Villa Real e Miranda para a ponte de Cabeza. No dia 29 fez marchar com o mesmo destino os regimentos de infantaria N.º 12 e 24 com o designio de dar um golpe de maõ sobre Braga, aonde sabia o inimigo tinha deixado bastantes bagagens, e uma guarniçaõ de dois a tres mil homens. Tinha destinado o dia 2 de Abril para esta surpresa, quando no dia 30 teve a noticia de que o Porto tinha cedido, e os inimigos entrado naquella cidade: com esta noticia fez marchar no dia 1 todas as tropas em direcçaõ a Villa Real.

No dia 3 teve noticia o General Silveira que as avançadas inimigas tinhaõ apparecido á vista de Canavezes; e que intentavaõ passar a esta Provincia por aquelle ponto, ou por entre ambos os rios: mandou logo marchar para Canavezes os regimentos de milicias de Chaves e Villa Real; para entre ambos os rios o de Miranda; e o resto do exercito para Amarante.

No dia 7 estavaõ estes pontos guarnecidos, tendo sido Canavezes por duas vezes atacada, cujos ataques repellio sempre com bastante perda do inimigo. No dia 9 marchou o General Silveira para Amarante, e a tempo que chegava a esta villa, baixava o inimigo sobre ella, tendo já incendiado os pòvos de Villa Meã, Manhufe e Pildre: marchou o General Silveira a ataca-los, os quaes se retiráraõ precipitadamente para Penafiel, e ficáraõ essa noite postadas as nossas avançadas em Manhufe.

No dia 10 foi este ponto occupado pelo exercito, e as nossas avançadas passáraõ a Villa Meã, desalojãdo dahi o inimigo. No dia 11 houve bastante fogo; e no dia 12 foi o inimigo perseguido até Penafiel. No dia 13 foi desamparada pelo inimigo aquella Cidade, e occupada pelo General Silveira. No dia 14 se retirou o inimigo a Baltar, e as nossas avançadas se postáraõ em Paredes, ha-

vendo em todos estes dias um fogo vivissimo com bastante perda do inimigo, neste dia foi elle reforçado com 3.500 homens e 6 peças. O General Silveira mandou retirar as suas avançadas de Penafiel para o campo de Manhufe, ficando uma avançada nas alturas de Villa Meã. No dia 15 appareceu o inimigo em grande força, e houve um combate de bastantes horas. No dia 16 appareceu em Villa Meã todo o exercito inimigo; principiou o fogo logo ao amanhecer com as guardas avançadas, e durou todo o dia, ficando ainda postada sobre Villa Meã a nossa avançada. No dia 17 se renovou o combate, e todo o dia houve fogo: neste dia soube o General Silveira que uma divisaõ de 4.000 homens, que tinha passado de Braga a Guimarães, já tinha as suas avançadas perto da Lixa; conheceo que o designio desta divisaõ inimiga era ataca-lo pela retaguarda ao mesmo tempo que a que estava posta sobre Villa Meã o atacasse pela frente.

No dia 18 logo ao amanhecer se empenháraõ as avançadas em um vivissimo fogo; o General Silveira deo ordem para que todo o exercito se retirasse sobre Amarante á margem esquerda do Tamega: principiou-se esta retirada, sendo coberta pelo regimento de infantaria N.º 12; quando se estava verificando appareceu no caminho de Guimarães a outra divisaõ inimiga commandada pelos Generaes Delaborde e Loison; e logo das alturas de S. Gens principiou a jogar a sua artilheria contra nós, mas com pouco damno da nossa parte: ao meio dia se tinha verificado a retirada para a margem esquerda do Tamega, e tinha chegado o inimigo á margem direita. Principiou o combate estabelecendo instantaneamente o inimigo quatro peças, e dois obuzes: tres vezes intentou passar a ponte, e tres vezes foi repellido até acima de Amarante com uma perda taõ consideravel, que já na rua se faziaõ trincheiras com Francezes mortos; a nossa foi mui pequena, mas grande pela perda do valoroso Tenente Coro-



nel Patrick. Desesperados os inimigos com estas suas infructíferas tentativas, estabelecerão as suas baterias na Cerca dos Frades, e dos Oliveaes da direita da ponte, e lançaram fogo a toda a Villa: continuou com tudo o combate, e só cessou a força delle ás 9 da noite, ainda que em toda ella não cessou o fogo de parte a parte.

No dia 19 ao amanhecer renovou-se o ataque, e acabou com a noite, sem que o inimigo podesse forçar a Ponte, não obstante ter recebido o reforço da divisaõ commandada pelo General la Houssaye, composta das Brigadas dos Generaes Sarrut e Marisy. No dia 20 intentou o inimigo passar a Ponte, e ao mesmo tempo os dois Vaos immediatos: quatorze horas durou a acção, em que o inimigo teve huma perda consideravel, como confessou em huma carta que se interceptou, em que pediu novos socorros, pois já tinha perdido mais de mil homens.

Desde o dia 20 até 29 houve hum continuo fogo de parte a parte; mas tendo chegado ao inimigo mais dois mil homens, e algumas peças de grande calibre, protestou no dia 29 passar o Tamega; principiou ao meio dia a jogar-se contra nós com 14 peças de artilheria e dois obuzes; e das duas para as tres da tarde formou tres ataques, hum sobre a Ponte, e os outros aos Vaos, que acabáráõ pelas 9 da noite com huma grande perda do inimigo; pois por muitas vezes se varrêráõ as columnas da Ponte, e igualmente as do largo de S. Gonçalo.

No dia 30 houve menos fogo; e no dia 1.º de Maio chegarão novos reforços aos inimigos, e com elles o Duque de Dalmacia. No dia 2 ao amanhecer houve huma nevoa densissima, e a favor della podêráõ os inimigos chegar á nossa trincheira da ponte, e pondo nella alguns barris de polvora, lhes deraõ fogo, lançando algumas bombas sobre o sitio das nossas Guardas; com o que pôde penetrar hum pequeno numero de inimigos guiados por alguns traidores Portuguezes, e surprender as nossas baterias da

ponte pela retaguarda. A espessa nevoa não deixava ver nada ao exercito, o qual vendo-se atacado pela retaguarda se retirou sobre o caminho de Mezaõ-frio e Campeã.

O General Silveira acudio aos postos que havia para baixo da Ponte, e se retirou em fórma com os regimentos que os guarneciaõ, que eraõ milicias de Chaves, Villa Real Miranda, com quatro peças de artilheria sobre Entreambos-os-Rios.

A defesa da Ponte de Amarante foi tal que basta ouvir os Editaes e Proclamaçoens, que contra ella fizeraõ os Francezes para honrar, e encher de gloria os seus Defensores ; e quem vê a desgraçada Amarante conhecerá pela total ruina della a defesa que alli houve : ruinas que seraõ hum padraõ eterno de que ainda ha quem faça conhecer aos vencedores de Jena e Austerlitz, que Portugal não succumbe ; porque os Portuguezes tem valor, e saõ fiéis ao seu Augusto Soberano.

No dia 3 depois de o General Silveira deixar na margem esquerda do Doiro em Entre-ambos-os-Rios huma competente guarniçaõ para a defesa daquella importantissima passagem : veio á passagem da Pala reunir a outra gente, que para alli se tinha retirado ; e a que se tinha retirado para Villa Real e Mezaõ frio a mandou reunir na Regoa para a margem esquerda do Doiro. No dia 4 já todos os pontos do Doiro estavaõ guarnecidos, e já as avançadas inimigas appareciaõ a baixo de Mezaõ-frio. No dia 5 chegou o General Silveira a Corredoura visinho á passagem do Doiro na Regoa ; e sabendo que o Inimigo se adiantava pelo caminho da Campeã sobre Villa Real, e tendo já chegado a Lamego o General Bacelar, com a sua divisaõ fez passar 1.200 homens para guarnecer Villa Real, por saber que o não estava, conforme a sua ordem, por huma equivocação que teve a Divisaõ que guarnecia Cabez e Mondim, que se havia retirado para outro ponto, e não para Villa Real, como o General Silveira lhe tinha determinado.

No dia 7 appareceo em Turqueira, visinho a Villa Real,

huma Divisaõ de 4.000 homens, e entrou nesta Villa huma avançada de 150 cavallos, e 300 infantes, a tempo que nas montanhas de Alvações do Tanha apparecia a nossa tropa marchando para Villa Real. Isto bastou para a avançada inimiga se retirar daquella Villa taõ precipitadamente, que lhe naõ fez o mais pequeno damno, á excepção de matar sete ou oito desgraçados velhos que encontrou pelas ruas : isto prova bem a sua precipitada fugida. Recolheo-se esta avançada inimiga ao Campo de Turqueira ; mas no dia 8, quando a nossa avançada chegou a Villa Real, os inimigos se retiráraõ de Turqueira para as alturas do Maraõ na Casa da Neve.

No dia 9 o General Silveira mandou adiantar as suas avançadas até á Campeã. No dia 10 se adiantáraõ até á Casa da Neve, donde o Inimigo fugio para as alturas de Ovelha : neste dia hum piquete nosso de 15 cavallos se bateo com huma partida inimiga de mais de 50, taõ valorosamente, que o seu Commandante mereceo, que o Senhor Marechal Commandante em Chefe do Exercito lhe desse hum posto de accessõ. No mesmo dia intentando o inimigo passar de Mezaõ-frio á Regoa, estando ainda guardado o ponto da Barca do Carvalho pelo regimento de milicias de Bragança pertencente á Divisaõ do General Silveira, fez-lhe este regimento huma opposiçaõ tal, que o inimigo soffreo huma grande perda, e naõ pôde passar aquella ponte.

No dia 11 mandou o General Silveira reforçar a sua vanguarda, que estava na Casa da Neve, com mais Tropas. No dia 12 logo de manhaã principiou o fogo nas partidas avançadas no sitio de Ovelha, e ás 11 da manhaã o o combate. Era o Exercito Inimigo de 4 a 5 mil homens com bastante Cavallaria, 6 peças, e estava postado em posiçoens vantajosas. Tres posiçoens, que tomou, foi obrigado a deixar, e oito horas houve hum fogo vivissimo, que acabou muito noite, retirando-se o inimigo para as montanhas

de Gateães, e ficando o nosso exercito nas posições do inimigo, mas muito visinho hum do outro. Amanheceo o dia 13, quiz o General Silveira renovar o combate ; mas o General Loison tinha fugido vergonhosamente essa noite : seguio-o o General Silveira, mas elle não o esperou, abandonando tres peças, immensos bois e bestas, e muitas bagagens.

Marchou o General Silveira a postar as suas avançadas em Manhufe sobre o caminho de Penafiel, e em S. Gens sobre o caminho de Guimarães : neste dia entrou por ordem do General Silveira o Coronel Antonio Manoel de Carvalho, com 600 homens, em Penafiel, a tempo que o inimigo se retirava com as bagagens, que conduzia fugindo do Porto : a guarda que as escoltava fugio assim que soube se avisinhavaõ tropas nossas ; e deixou em nosso poder 119 carros ; 12 peças de maior calibre, e 2 obuzes, mas a maior parte dos carros manchegos destruidos por elles, assim como muitas munições que queimáraõ.

Neste tempo chegou a Amarante o Senhor Marechal em Chefe do Exercito Portuguez, e sabendo que o inimigo se encaminhava a Salamonde, mandou o General Silveira a tomar pela direita do Tamega hum ponto sobre as alturas de Monte Alegre ; a immensa chuva que houve nos dias 14 e 15 não deixou adiantar as nossas tropas. No dia 16 chegou o General Silveira ás Boticas, com a primeira divisaõ do seu commando ; e a segunda divisaõ chegou no dia 17 ás visinhanças de Monte Alegre, aonde já os inimigos estavaõ. No dia 11 foi o General Silveira reconhecer o inimigo, e vendo que este se retirava de Monte Alegre precipitadamente, queimando alguns povos, o atacou na sua retirada ; e logo que o inimigo presentio isto, principiou a retirar-se n'hum vergonhosa fúgida, abandonando cavallo, bestas, e bagagens ; seguio-o o General Silveira todo o dia até abaixo de Sant-Iago dos Misticos ; mandou tomar posições á sua tropa, e o inimigo as tomou a hum quarto de legoa ao mais.

Nesta noite recebeo o General Silveira ordem de ir ao Quartel General de S. Meaõ, e de retirar a sua tropa. O pouco tempo, que tem tido o General Silveira, o não tem deixado dar huma relação mais circunstanciada de todos os acontecimentos desta campanha, o que protesta fazer dando os nomes dos honrados e valorosos Portuguezes, que se tem distinguido, omittindo neste curto diario o nome de todos; pois nomeando alguns, se deveriaõ offender os outros; e para que isto não succeda, o General Silveira protesta dar huma relação de todos os que se tem distinguido, e nas accões ou acontecimentos em que o fizeraõ, sendo já dignos de louvor todos os que soffrêraõ, e fizeraõ a defesa da Ponte de Amarante, pois em quinze dias que ella durou, nem de noite, nem de dia cessou hum só momento o fogo. Quartel General de Chaves 21 de Maio de 1809.

FRANCISCO DA SILVEIRA PINTO DA FONCECA.

—◆—

*Documentos officiaes da Hespanha.*

*Proclamação da Suprema Juncta Central, publicada em Sancta Maria, e Cadiz aos 23 de Dezembro, de 1808.*

HESPAÑHOES! Os eniissarios assalariados pelo tyranno, com o designio de vos desencaminhar, e destruir a reputação da Suprema Juncta Governante do Reyno, espalháram o rumor de que ésta tinha approved a capitulação de Madrid. Este corpo Soberano julga ser do seu dever o contradizer estes rumores, cujo objecto he tendente a semear a desconfiança entre o Governo e o povo a produzir uma desanimação geral, e anarchia, e expor ao desprezo o sagrado juramento dos vossos representantes. Hespanhoes! A Suprema Juncta, cujo motto he—A morte ou a liberdade—está bem longe de approvar a capitulação de alguma cidade. Quem reconhece o Usurpador, e se submete ás leis do tyranno, não he Hespanhol—he inimigo. Estes são os sentimentos da Suprema Juncta; sentimentos que ella nunca trahirá, nem por obra, nem por palavra; e tudo que vos disserem os partidistas do despotimo, aquelles vis

malvados que sacrificam a um miseravel interesse particular os sagrados direitos da sua patria, estai reguros que saõ rumores para calumniar; e laços que vos arma o tyranno, para vos enredar nos labyrintos de sua infernal politica. A patria, que tendes jurado defender, a religião, por quem tendes jurado morrer; um rey captivo, a quem tendes jurado libertar; tudo exige o preenchimento de vossas promessas. E vós valorosos habitantes de Madrid, que recusastes dar o vosso consentimento a uma vergonhosa capitulaçãõ, e levantando-vos superiores aos outros encarregados do commando, e até a vós mesmos, preferistes a morte á miseria, e escravidãõ; continuai em vossa generosa resoluçãõ. A occupaçãõ momentanea dos edificios da Cidade, pelo inimigo, he de nenhuma importancia; em quanto naõ estivérem senhores de nossos coraçõens. Continuai a resistir-lhes no ceio de vossas familias; naõ ponhaes confiança em suas profissoens enganossas; reflecti, que ao mesmo povo aquem promettêram felicidade, tem submergido na miseria. A Juncta, que vigia sobre o vosso destino fára que numerosos reforços marchem para aquella infeliz capital. A Juncta naõ se tem esquecido de vós; naõ, conservai vivas as vossas esperanças; conservai o vosso valor e firmeza, e a vossa libertaçaõ será tanto mais gloriosa, quanto for maior o perigo que tiverdes de combater.

◆◆◆

*Memorial do Corregedor de Madrid, em nome dos magistrados e Cidadãõs, apresentado ao Imperador dos Franceztes, na sua entrada na capital de Hespanha.*

SENHOR! A Cidade de Madrid, representada pelos seus Magistrados, clero secular, e regular, nobreza, e deputados dos bairros, se apresenta aos pés de V. M. I. a offerecer os seus mais respeituosos agradecimentos, pela graciosissima clemencia, com que V. M. na conquista que as vossas victoriosas tropas fizeram desta cidade, foi servido pensar sobre a segurança e bem de seus habitantes, e o louvavel, e benefico tractamento, que V. M. se servio mos-

trar-lhe, e que a cidade de Madrid considera como um pe-nhor do perdaõ de tudo o que tem acontecido na ausencia de nosso rey José, irmão de V. M.—As differentes corpo-raçoens que constituem esta assemblea, considerando de-vidamente no objecto de sua associaçaõ, tem concluido e resolvido rogar a V. M. I. e R. que seja servido conceder-lhes o favor de vêr a El Rey Jozé em Madrid, em ordem a que debaixo de suas leis, Madrid, com todos os lugares de sua immediata jurisdicçaõ, e toda a Hespanha, possam finalmente gozar daquella felicidade e tranquillidade, que espéram da benevolencia, e do character de S. M.—Finalmente Madrid se lisongea que achará protecçaõ no poder de V. M. I. e R.       SENHOR! Aos pés de V. M. I. e R.

Madrid, aos 9 Dezembro de 1809.

*Resposta do Imperador Napoleaõ.*

Estou satisfeito com os sentimentos da Cidade de Ma-drid. Sinto as injurias que tem soffrido, e me julgo parti-cularmente feliz, nas circumstancias existentes, de poder effectuar a sua libertaçaõ, e protegêlla de maiores cala-midades. Eu me tenho dado pressa a adoptar medidas calculadas a tranquilizar todas as classes de cidadãos, sa-bendo quam penoso he o estado de incerteza, para todos os homens ou colectiva, ou individualmente fallando. Tenho conservado as ordens espirituaes, mas com uma li-mitaçaõ do numero de Frades. Naõ ha uma só pessoa inteligente que naõ sêja de opiniaõ, que elles saõ demasia-damente numerosos. Aquelles que saõ influidos por uma vocaçaõ divina, ficaraõ nos seus claustros. Aquelles cuja vocaçaõ he duvidosa, ou influida por consideraçoens tem-poraes, eu lhe tenho fixado a sua condiçaõ, na ordem dos clerigos seculares. Do excedente dos rendimentos mo-nasticos tenho providenciado a manutençaõ dos pas-tores, esta importantes, e util classe do clero. Tenho abolido aquelle tribunal, que tem sido o objecto de

queixas em toda Europa, no seculo presente. Os padres podem guiar os espiritos dos homens, mas não devem exercitar sobre os cidadãos, jurisdicção alguma temporal ou corporal. Tenho cumprido com o que devia a mim e á minha nação. A vingança teve o seu curso. Cahio sobre dez dos principaes culpados ; todo o resto tem absoluto, e inteiro perdaó. Tenho abolido estes privilegios que, os Grandes usurparam, durante os tempos das guerras civis; quando os Reys mui frequentemente éram obrigados a render os seus direitos, para comprar assim a sua propria tranquillidade, e a do seu povo; tenho abolido os direitos feudaes; e daqui em diante todos poderaó estabelecer estalagens, fornos, moinhos, occupar-se em caçar coelhos, e exercitar livremente a sua industria, com tanto que respeite as leis e regulamentos de policia. O amor proprio, riqueza, e prosperidade de um pequeno numero de individuos, fôram mais injuriosos á vossa agricultura, doque as calmas dos caniculares. Como ha um so Deus, assim so deve haver um poder judiciario. Todas as jurisdicoens peculiares éram usurpaçoens, que estávam em contradicção com os direitos da nação. Eu as tenho abolido. Tenho tambem feito conhecer a cada individuo o que deve temer, e o que tem de esperar. Eu expulsarei o exercito Inglez da Peninsula. Saragoça, Valencia, Sevilha, seraó submettidas, ou com persuasoens, ou pelo poder de minhas armas. Ja não ha obstaculo, que possa resistir á execução de minhas resoluçoens. Mas o que fica alem do meu poder he isto; o consolidar os Hespanhoes como uma nação debaixo do governo de um Rey, se elles continuárem infestados pelos principios de aversaó e odio da França, que os partidistas dos Inglezes, e os inimigos do Continente, tem instilado do ceio da Hespanha. Eu não posso estabelecer nação, nem Rey, nem independencia dos Hespanhoes, se o Rey não estiver seguro da sua affeição, e fidelidade. Os Bourbons não podem reynar mais na Europa. As divi-



soens na Familia Real fôram machinadas pela Inglaterra. Não foi adethronização d'El Rey Carlos, e ruina do valido (o Principe da Paz) que o Duque do Infantado, aquelle instrumento da Inglaterra; como se provou pelos papéis, que se acháram em sua casa, tinha em vista. A intenção éra estabelecer, na Hespanha, a predominate influencia da Inglaterra: projecto insensato, cujo resultado seria a perpetuidade da guerra continental, o que causaria a effusão de torrentes de sangue. Não pode existir no Continente poder algum, que esteja debaixo da influencia da Inglaterra. Se houver alguém que entretenha tal desejo, o seu desejo he absurdo, e cedo ou tarde occasionará a sua ruina. Ser-me-hia facil, vendo-me obrigado a adoptar uma tal medida, governar a Hespanha, estabelecendo tantos vice Reys, quantas são as provincias: Não obstante, eu não duvido abdicar os meus direitos de conquista; a favor d'El Rey, e estabelecê-lo em Madrid, logo que 30,000 cidadãos, que ésta capital contem, o clero, nobreza, negociantes, e letrados declararem os seus sentimentos e a sua fidelidade; dando exemplo ás provincias, o ao povo illuminado, e feito conhecer á nação, que a sua existencia e prosperidade depende essencialmente de um Rey, e uma constituição livre, favoravel ao povo, e hostil somente ao egoismo, e paixoens activas dos Grandes.— Se taes são os sentimentos dos habitantes da cidade de Madrid, ajuntem-se os 30,000 habitantes, nas Igrejas; e na presença do Sanctissimo sacramento, prestem um juramento não somente com a boez mas com o coração, e sem nenhum equívoco Jezuitico; promettam apoio, affeição, e fidelidade ao seu Rey; os padres no confessorario, e no pulpito; a classe mercantil na sua correspondencia, os letrados nos seus escriptos, e fallas, infundam estes sentimentos no povo; então renderei o meu direito de conquista; porei o Rey sobre o throno, e me comprazerei de conduzir-me como verdadeiro amigo dos Hespanhoes. A presente geração pode differir em suas

opinioens; tem-se demasiadamente posto em acção as paixoens; mas os vossos netos me abençoaraõ como vosso regenerador; elles contaraõ, entre os seus dias das festividades memoraveis, o dia em que eu appareci entre vós; e delle começará a data da felicidade da Hespanha. Portanto vós, senhor Corregedor, sabeis toda aminha determinação. Consultai com os vossos concidadaõs, e considerai a parte que quereis escolher; mas qualquer que seja fazei a vossa escolha com sinceridade, e dizei-me os vossos genuinos sentimentos.

◆

*Falla de Jozé Napoleaõ, como Rey de Hespanha, na sua entrada em Madrid, respondendo ao Bispo suffraganeo, que o recebeo, á frente do Clero.*

Antes de dar graças, ao Supremo arbitro dos destinos, pela minha volta á capital destes Reynos, confiados ao meu cuidado, dezejo replicar á affectuosa recepção de seus habitantes, declarando-lhes os meus pensamentos secretos na presença do Deus vivo; que agora acaba de receber os vossos juramentos de fidelidade á minha pessoa. Portanto, protesto diante de Deus, que conhece os coraçoens de todos, que he somente o meu dever, e consciencia, quem me obriga a subir ao throno, e naõ a minha inclinação particular. Eu dezejo sacrificar a minha felicidade; porque penso que vós tendes necessidade de mim para estabelecer a vossa. A unidade da vossa sancta religiaõ, a independencia da Monarchia a integridade de seu territorio, e a liberdade de seus cidadaõs, saõ condiçoens do juramento, que prestei recebendo a coroa. Naõ será vilipendiada na minha cabeça; e se, o que naõ duvido, os esforços da nação apoiarem os esforços de seu Rey, eu serei, em breve tempo, o mais feliz de todos; porque vós o sereis por minha causa.

*Carta circular aos Arcebispos e Bispos do Reyno.*

D. Jozé Napoleaõ, pela graça de Deus e as Constituições do Estado, Rey da Hespanha e das Indias.

Voltando para ésta capital, foi o nosso primeiro cuidado, assim como o nosso primeiro dever, prostrar-nos aos pés daquelle Deus, que dispoem das coroas. Temos-lhe offerecido a homenagem da nossa existencia, para a felicidade da valorosa nação, que elle confiou ao nosso cuidado. He com este fim somente, em conformidade dos nossos mais charos pensamentos, que lhe dirigimos as nossas humildes oraçoens. ¿ Que he um individuo na immensa população da terra? ¿ que he elle aos olhos do Eterno, que só pode penetrar as intençoens dos homens, e segundo ellas determinar a sua elevaçã? Quem deseja sinceramente o bem de seus semelhantes, serve a Deus; e a sua omnipotente bondade o protegerá.—Nos desejamos, em conformidade destas disposiçoens, que vós ordeneis as oraçoens dos feis, que a Providencia vos confiou. Rogue-mos todos a Deus, que se digne dotar-nos com o espirito de paz, e de sabedoria; abjuremos a todas as paixoens, ocupemo-nos somente daquelles sentimentos que nos devem animar, e que inspiram os interesses geraes desta monarchia. Succêdam os exercicios de Religiaõ, a tranquillidade, e a felicidade, ás discordias de que temos sido victimas; demos graças a Dèus pelo bom successo, que foi servido conceder ás armas de nosso Augusto irmaõ, e poderoso alliado o Imperador dos Francezes, que naõ tem tido outro fim em sustentar os nossos direitos, pelo seu poder, senaõ procurar á Hespanha uma longa paz, fundada na sua independencia.—O exercito Francez evacuará as Provincias Hespanholas, logo que ellas se unirem ao redor do nosso throno. He nossa vontade, que vos ordeneis a cada um dos curas de vossa Diocese, que Cantem um Te Deum, o primeiro domingo despois de receber ésta. Da-

da no nosso Palacio de Madrid, aos 24 de Janeiro, de 1809.

EU EL REY.

O Ministro e Secretario de Estado,

(Assignado) D. MARIANO LUIZ D'URQUIYO.

*Decreto da Juncta Suprema Governante de Hespanha ;  
por occasião da tomada de Saragoça.*

S. M. nosso Soberano, D. Fernando VII., e em seu nome a Suprema Juncta de Governo, considerando ; que os serviços feitos á patria se devem avaliar mais pelo valor, e sacrificios do que pelo successo, o qual muitas vezes depende da fortuna, que Saragoça não somente não era impregnavel, mas relativamente ás regras militares, até nem éra capaz de defenza; e que, não obstante isto, se defendeo de maneira que nenhuma fortaleza, por mais forte que fosse, se pode gloriar de tal haver feito, e que as honras e premios, que se concedem a um povo benemerito da patria, são, relativamente aos que morrêram, o justo premio de seu valor, e de seu martyrio; e relativamente aos que sobrevivêram, um motivo de consolação, e um recurso necessario para abater o rigor de suas calamidades; e relativamente aos demais, um poderoso estimulo para que sîgam o seu exemplo; sabendo, que Saragoça será, na memoria dos Hespanhoes, uma fonte perene de acçoens heroicas, e de virtudes civicas, que salvarão o Estado da tempestade dessoladora, estimando, como he devido, a singular gloria que resulta á nação Hespanhola da admiravel defenza que fez ésta cidade, tão preciosa aos olhos da virtude e do patriotismo, como a mais gloriosa victoria, e deseяando finalmente, como um signal da alta estimação em que tem Saragoça e seus habitantes, dar um testemunho de seu merecimento, tão singular, e grande quanto a occasião requer, foi servido decretar o seguinte.

1. Que Saragoça, seus habitantes, e guarnição, são benemeritos da patria, em um grão eminente, e heroico.

2. Que logo que o digno e valoroso Capitaõ General de Aragaõ, for restituído á sua liberdade, para cujo alcance se não pouparaõ meios alguns ; a Juncta, em nome da naçaõ, lhe dará aquelle premio que for mais digno de sua invincivel constancia, e ardente patriotismo. 3. Que todos os officiaes empregados no sitio seraõ promovidos um posto ; e todos os soldados teraõ a graduaçaõ e paga de sargento. 4. Que todos os defensores de Saragoça, e seus habitantes, e herdeiros, gozaraõ nobreza pessoal. 5. Que todas as viúvas e orfaõs dos que morrêram na defensa, gozaraõ uma pensaõ, proporcional á sua graduaçaõ, e circumstancias. 6. Que o haver estado dentro dos muros de Saragoça, durante o cerco se considere como justo direito, para a pretensaõ dos empregos futuros. 7. Que Saragoça será livre de todas as contribuiçoens, pelo termo de dez annos da data da paz. 8. Que neste periodo se começaraõ a reedificar os edificios publicos, com toda a magnificencia possivel, e á custa do Estado. 9. Que se erigirá um monumento na praça da cidade, em perpetua memoria do valor de seus habitantes, e sua gloriosa defensa. 10. Que nas praças de todas as cidades do Reyno, se erigirá uma inscripçaõ, contendo as mais heroicas circumstancias dos dous cercos que soffreo Saragoça. 11. Que se cunhará uma medalha em sua honra, como testemunho da gratidaõ nacional, por taõ eminentes serviços. 12. Que a todas as cidades de Hespanha, que resistirem a similhante sitio, com similhante constancia, e tenacidade, se concederaõ as mesmas honras, e prerogativas. 13. Que os poëtas e oradores Hespanhoes seraõ estimulados a exercitar os seus talentos, sobre este sublime objecto, e se offerecerá um premio em honra da naçaõ, consistindo em uma medalha de ouro do valor de cem dobloens, ao melhor poëma ; e um igual áquelle, que compuzer o melhor ensaio em prosa, sobre este immortal sitio ; sendo o objecto de ambos não somente recommendar á admiraçaõ e memoria, da idade presente e da posteridade, o

valor, constancia, e patriotismo de Saragoça ; mas inflamar, com igual ardor, o enthusiasmo da nação, encher os corações dos Hespanhoes com o mesmo amor da liberdade, e a mesma detestação da tyrannia. Alcaçar Real de Sevilha aos 9 de Março, de 1809.

O Marques de ASTORGA, Vice Presidente.

MARTIN DE GARAY, Secretario.

---

*Decreto da Juncta Suprema, mandando solemnizar o  
anniversario dos martyres de 2 de Maio.*

HESPAÑHOS! A Juncta Suprema vos convida a celebrar com ella, no dia 16 deste mez, o solemne anniversario, que decretou pelo repouso eterno das victimas de dous de Maio. Honremos neste dia os fundadores da liberdade Hespanhola, os que entre nos fóram os primeiros, que levantáram a voz contra a oppressão estrangeira, e selláram com o seu sangue o voto nacional da independencia. Lembrai-vos, Hespanhoes, do horror que vos causou seu infortunio, e este grande dia reanime nas vossas veias o calor da vingança, e aquella resolução intrepida e generosa, com que vos levantastes para a tomar: a fama levou este memoravel acontecimento a vossos ouvidos; porém suas exaggerações vagas não bastávam para o pintar. Era necessario ter visto martyrizar a lealdade daquelle povo, nos dias anteriores, com as noticias ja prosperas, ja adversas, que os inimigos lhe dávam sobre a sorte do seu innocente e adorado Rey: éra preciso ter seguido as tramas occultas e perfidas com que foi posto no ultimo trance do soffrimento, e contemplado a satisfacção horriavel, com que as hyenas Francezas bebiam, ja na idea, o sangue que iam a verter. Os Madrilenos, incapazes de soffrir, por mais tempo, os ultragens, e a humiliação, correrám indignados ás armas, e se lançáram contra seus alevosos inimigos. Um concerto de paz, e de concordia os

aquieta, e desarma ; e entaõ presos pelas ruas ao arbitrio de soldados ferozes, e conduzidos ás masmorras, sahem amarrados, e saõ arrastados áquelles mesmos sitios, que, em outro tempo, fôram sua distração e seu recreio. Ali se certificáram da sorte horrivel, que os esperava ; ali voltando os olhos em torno si, e vendo-se desamparados do ceo, e da terra, dêram um profundo, e ultimo a Deus ás suas familias, e fôram lançados na eternidade.—Respeito ás suas cinzas ! Paz a suas almas ! Guerra mortal, e eterna, aos seus malvados assassinos ! Se ha algum Hespanhol que desmaie no grande intento, que se lembre logo de dous de Maio. Terá entaõ vergonha para voltar o pé atraz, e soffrer a idea de servir a homens taõ ferozes ! Naõ, Hespanhoes, naõ : a sua authoridade he um jugo de ignominia, suas promessas saõ perfidias, seu beijo de paz he morte. Os patriotas de Maio indefensos, e desarmados, abrîram o campo para a sanguinolenta guerra, e o abrîram morrendo. Oh ! naõ demos nós occasiaõ aque no descanso de que gozam os afflija a lembrança do seu terrivel sacrificio, considerando-o infructuoso para a salvaçaõ do seu paiz.—Naõ o será, ó Martyres da patria, precussores dignos de heroes, que tem perecido despois, no campo da batalha ! Hum anno correo já desde que o vosso sangue fez brotar no nosso solo as palmas de valor, e do patriotismo. Temos conseguido victorias ; temos experimentado revezes. Mas a adversidade naõ nos espanta, porque sabemos que naõ se compram por outro preço a liberdade e a gloria. Descançai pois em paz almas generosas ! Vede a naçaõ inteira posta a roda do lugubre mausoleo, que o reconhecimento publico vos levanta, jurando ás vossas cinzas, e á vossa memoria, seguir a gloriosa estrada, que lhe assignalastes ; e naõ repousar jamais, senaõ no throno da independencia, ou no silencio dos sepulcros.

Real Alcaçar de Sevilha, 11 de Maio de 1809.

MARTIN DE GARAY.

A Juncta Suprema passou um decreto aos 12 de Abril, contendo os seguintes artigos.

1. Os bispos que abraçaram decididamente o partido do Tyranno, serão considerados indignos do elevado ministério que exercitam, e presumidos criminosos de alta traição.

2. As suas temporalidades, e effeitos de todo o genero serão immediatamente confiscados.

3. Se as suas pessoas forem apprehendidas serão entregues ao tribunal de segurança publica, em ordem a que pronuncie sentença contra elles, sendo a Juncta Central consultada, e obedecidos os regulamentos do direito canonico.

---

Por outro Decreto de Maio se mandam confiscar os bens das seguintes pessoas, como traidores á patria.

D. Gonçalo de Ofaril, D. Miguel Jozé de Azanza, Marquez de Caballero, Conde del Campo Alange, Duque de Frias, Conde de Cabarrus, D. Jozé Mazarredo, D. Mariano Luiz de Urquijo, Conde de Montareo, D. Francisco Xavier de Negrete, Marquez de Casa Calvo, Marquez de Vendaya, Marques de Casa Palacios, Marquez de Monte-hermoso, D: Manuel Romero, D. Pablo de Arribas, D. Jozé Marquina e Galindo, Marquez de S. Adriaõ, D. Thomaz de Morla, D. Manuel Sixto Espinosa, D. Luiz Marcellino Pereira, D. Joaõ Llorente, D. Pedro de Estala, D. Francisco Gallardo Fernandes, Duque de Mahon, D. Francisco Xavier Duran, D. Francisco Amorós, D. José Navarro Sangram.

---

*Proclamação do Marquez de la Romana.*

HESPAÑHOES! O inimigo da humanidade, Napoleaõ Buonaparte, sabe que elle não pode conquistar Hespanha por força d'armas; e observa com pena, e vergonha, que os seus numerosos exercitos, e tropas mais aguerridas,



acham o seu sepulcro na nossa península ; e portanto para obter o seu injusto fim, tem recorrido á sedução e á intriga ; e por meio de peitas, e promessas, que nunca preenche, trabalha por semear as divisoens, e a discordia. Para este fim se aproveita de infames emissarios, que pervertem o entendimento, suffocam o espirito publico, e induzem a desconfiança entre a suprema Juncta central, que he a mira que tem em vista, visto que a não pode seduzir. Não ha meios, por mais detestaveis e vis que sejam, que elle não empregue, sendo o seu objecto destruir a tranquillidade publica por meio de seus agentes : para que os partidistas, que, por desgraça nossa, elle tem entre nós, nos entreguem em suas mãos, para sermos despedaçados ; para que se exercitem sobre nós, e nossas familias, aquelles horrores que são de costume entre o enxame de roubadores, e assassinos, que compoem os seus exercitos. Taes são os seus fins, Hespanhoes ! e taes são os seus meios !

O tribunal da segurança publica, está incessantemente empregado em descobrir, punir, e exterminar ésta infame raça de espias, traidores, e máos Hespanhoes, que trabalham por enganar-nos, e arruinar-nos. Nenhum será perdoado ; e a inexoravel espada da justiça será levantada igualmente contra o poderoso, e contra o fraco. Ja em outras partes alguns culpados, convencidos de traição, tem soffrido o castigo devido a seus crimes. Outros, entre os quaes havia funcionarios publicos tem sido postos em prisão, por crimes de menor grandeza. Ha nas prisoes outras pessoas culpadas, cujo processo se adianta com a maior expedição, e com a devida actividade ; as pessoas mal intencionadas, e os amigos de Napoleão seraõ entregues aos castigos que merecem. Os mais perniciosos de todos são os que, para desunir-nos, espálham calumnias contra o presente Governo ; pois este he o seguro meio de destruir a representação nacional, desunindo as Provincias, fazendo

perplexas as nossas relações com as Americas, e com as Cortes estrangeiras; e introduzindo a anarchia, para fazer ao inimigo Senhor da Peninsula, e effectuar a nossa destruição. Para evitar este mal, que indubitavelmente he o maior, que pode succeder a um Hespanhol; tenho decretado o seguinte.

1. Todo aquelle que trabalhar para semear a desconfiança da Suprema Juncta Central, e derribar o actual Governo, por insurreiçoens populares, e outros meios vis; he declarado réo de alta traição, indigno do nome de Hespanhol, e vendido ao tyranno Napoleão.

2. Como tal soffrerá pena de morte, e os seus bens seraõ confiscados.

3. Todo aquelle que usar de linguagem, tendente a diminuir o odio que devemos ter aos exercitos Francezes, que saõ compostos de infames roubadores, e assassinos; e vem somente a roubar, e sacrificar-nos, será instantaneamente prezo, processado, e soffrerá o castigo, em que tiver incorrido.

4. Toda aquella pessoa que denunciar criminosos desta classe, ao tribunal da segurança publica será competentemente premiado, convencendo-se o reo; e o seu nome ficará em segredo.

5. A presente proclamação será affixada nos lugares do costume desta cidade, e inserida nos periodicos. Corunha 10 de Julho, de 1809.

(Assignado) Marquez de la ROMANA.

---

*Inglaterra.*

*Despachos officiaes, relativos á expedição contra os paizes baixos.*

Quartel-general de Middleburgh, 2 de Agosto 1809.

MY LORD! Tenho a honra de informar a V. S. que havendo dado á vella das Dunas, na manhaã de 28 do passado, com o Contra-Almirante Sir Richard Strachan,

no navio de S. M. Venerable, na tarde do mesmo dia chegamos, e ancoramos no anchoradouro de East Capelle; e na manhã seguinte, se nos ajunctou a divisaõ do exercito, commandada pelo Tn. Gen. Sir Joaõ Hope. No decurso daquelle dia ventou uma briza forte d'Oeste, o que occasionou grande marulhada; e estando os vasos pequenos muito expostos, se determinou procurar-lhes abrigo no anchoradouro de Room Pot, para onde tambem se mandou proceder a divisaõ de Sir Joaõ Hope, a fim de aposar-se daquelles pontos que julgasse necessarios, para segurar o anchoradouro, e tambem com vistas das operaçoens futuras, no Scheldt oriental.

A ala esquerda do exercito commandada pelo Ten. gen. Sir Eyre Coote, destinada particularmente, para a operaçoõ contra Walcheren, chegou aos 29, e manhã de 30; mas continuando a ventar mui forte do Oeste, e a causar grande marulhada na praia, tanto na parte de Zoutland, como juncto a Domburg; foi conveniente, em ordem a effectuar um desembarque, levar toda a frota pela estreita e difficullosa passagem, até o Veer Gat, que até aqui se considerava impracticavel por navios grandes; e concluindo-se isto bem, e estando completas as preparaçoens para o desembarque, tenho a satisfacçoã de informar a V. S. que as tropas desembarcãram sobre o Bree, e obra de uma milha para Oeste do forte Haak, sem opposiçoã; e se postãram por aquella noite sobre os areaes, tendo em frente East Capelle. O Tn. gen. Frazer foi immediatamente destacado para a esquerda, contra o forte Haak, e Ter Vere, o primeiro dos quaes, logo que elle chegou foi evacuado pelo inimigo; mas a cidade de Vere, que tinha defezas fortes, e uma guarniçoã de perto de 600 homens, manteve-se até hontem pela manhã, naõ obstante o pezado, e bem dirigido fogo dos navios bombardeadores, e barcas canhoneiras, durante o dia precedente; e até que se investio a praça de perto.

Na manhã de 31, chegou ao campo uma deputação de Middleburgh, donde se havia retirado a guarnição para Flushing; e se concordaram os termos de capitulação, de que envio copia a V. S., assim como da guarnição, de Ter Vere; e as divisões do exercito debaixo das ordens do Tn. gen. Lord Paget, e Major gen. Graham, se adiantaram, e se postaram com a direita em Maliskirke, o centro em Grypenskirke, e a esquerda em S. Lourenço. Na manhã do primeio do corrente, avançaram a investir Flushing, cuja operação foi vigorosamente disputada pelo inimigo. Neste movimento foi elle repellido, pela divisaõ do Major gen. Graham, sobre a direita, das baterias de Dykeshook, Vygeter, e Nole; em quanto a brigada do Brigadeiro gen. Houston forçou o inimigo, postado no caminho de Middleburgh, a retirar-se com a perda de 4 peças, e muitos mortos e feridos. A divisaõ do Tn. gen. Lord Paget tambem acometteo os postos do inimigo e lhe tomou a posição de Youberg occidental.

Nada pode exceder a valentia das tropas em todo este dia, e he devido o meu maior louvor aos diversos officiaes generaes pela sua judiciosa disposiçaõ no avanço de suas respectivas columnas. Estou muito obrigado ao Tn. gen. Sir Eyre Coote pelos seus trabalhos neste serviço; prompta e habil maneira em que executou as minhas ordens. As tropas ligeiras commandadas pelo Brigadeiro gen. Baraõ Rottenburg fôram admiravelmente bem conduzidas; e tenho razaõ de estar perfeitamente satisfeito com os officiaes commandantes dos differentes corpos, que entraram em acçaõ. O terceiro batalhaõ dos Royals, as companhias de flanco do 5º regimento, mantivéram a direita, debaixo de difficies circumstancias, com grande valentia, e mataram ou feríram muitos do inimigo.

Estando Ter Vere em nossas mãos, marchou a divisaõ do Tn. gen. Frazer, juncto á noite sobre Ruttern, destacando um corpo para tomar Ramakeens; o que, estando

effectuado completará o sitio de Flushing. Tenho de lamentar a ausencia temporaria do Brigadeiro gen. Browne, que foi ferido naquelle dia ja tarde, mas espero não ficar privado dos seus serviços.

Tenho a honra de incluir a lista dos mortos, feridos, e extraviados. Por mais lamentavel que sêja, em todos os tempos a perda de um soldado Britanico, não parecerá esta ser grande, considerando-se os serios impedimentos que o inimigo podia oppor aos nossos progressos, e ao formidavel estado das batterias de Flushing, a que as tropas estavam naturalmente expostas. O aperto das circumstancias fez com que o official commandante da artilheria não pudesse fornecer-me uma conta circumstanciada das peças e trem de artilheria, tomadas nas diferentes batterias e fortalezas de Ter Vere, mas será ao despois transmitida com a lista dos prisioneiros que se tem tomado despois que desembarcamos, que se suppoem chegar a mil. A esquadra do Comodoro Owen, com a divisaõ do Tn. gen. Marques de Huntley, fica anchorada na passagem de Wreling; e as divisoens do Tn. gen. Conde de Rosslyn, e Tn. gen. Grosvenor, chegaram ao anchoradouro, no Vere Gat. Não posso concluir sem exprimir, nos termos mais fortes, a minha admiração da distincta habilidade com que a frota foi conduzida pela passagem para o Vere Gat, nem podem as vantagens, que resultam do bom successo desta operação, serem apreciadas demaziado; pois isto não somente facilitou o desembarque, o qual no estado em que então estava o vento, éra impracticavel em outra qualquer parte; porem tambem he provavel que descançando o inimigo na difficuldade da navegação, estava menos preparado para defenza. Devo tambem reconhecer vivamente o grande adjutorio que foi para o serviço a zelosa co-operação dos officiaes da esquadra, e dos marinheiros empregados em puchar uma grande parte da artilheria, pelos areaes, e sem cujo auxi-

lio, se deveria necessariamente suspender o avanço do exercito; porque a força da mare fez por algum tempo extremamente difficil o desembarque dos cavallos. Tenho a honra, &c. ser, &c.

(Assignado) CHATHAM.

Ao muito Honrado Lord Visconde Castlereagh,  
Secretario da Guerra.

---

*Artigos de Capitulação da Cidade de Middleburgh na ilha de Walcheren.*

Art. 1. Conceder-se-ha segurança a todas as pessoas, funcionarios publicos, particulares, cidadãos, e habitantes, quaesquer que tenham sido ou sejam as suas opinioens politicas. *Resposta.* Concedido, com tanto que elles se conduzam como cidadãos pacificos, e se conformem áquelles regulamentos, que se houverem de estabelecer por authoridade do Governo Britanico.

Art. 2. Toda a propriedade qualquer sem excepção, será protegida. *Resposta.* Concedido, em quanto ao que respecta á propriedade particular; responder-se-ha por toda a propriedade publica aos commissarios que nomear o General Commandante das forças de S. M. Britanica.

Art. 3. Os cidadãos armados ou outros habitantes, que houverem pegado em armas, ou feito o serviço militar, para manter a tranquillidade publica, serão protegidos nas suas pessoas e propriedade, e lhes será permittido voltar para suas casas. *Resposta.* Concedido. Sob condição, porém, de que as suas armas serão entregues ás pessoas que fôrem devidamente authorizadas para as receber.

Art. 4. Os funcionarios publicos, e suas familias terão permissão, no caso de que assim o desejem, de voltar para qualquer parte do Reyno de Hollanda.

Art. 5. Os habitantes que estão auzentes de suas cazas, ser-lhe-ha permittido voltar a ellas com a sua propriedade. *Resposta.* Concedido; sujeito á restricção especificada no 1. artigo.

Art. 6. As tropas serão aquartelladas em barracas. *Resposta.* Isto deve ser determinado pelas circumstancias; mas ter-se-ha todo o cuidado para fazer com que o aquartelamento seja o menos pezado aos habitantes, que for possivel.

Art. 7. Se houver alguma duvida na intelligencia a respeito dos ar-

tigos sobredictos, serã elles explicados a favor da cidade, e seus habitantes. *Resposta.* Concedido.

Art. 8. O artigo acima se extenderá tambem a todas as partes deste departamento, que possam haver obtido termos igualmente favoraveis. *Resposta.* Este artigo se applicara, neste caso, somente á Cidade de Middleburgh; mas naõ se fará difficuldade, em conceder os mesmos termos vantajosos a qualquer cidade, que se render similhantemente sem fazer opposiçaõ.

Art. adicional. Todos os militares enfermos nos hospitaes, ficarã onde se acham; e se terá cuidado delles: depois de convalcidos se lhes permittira voltar para os seus corpos. *Resposta.* Teraõ cuidado dos doentes, os seus mesmos medicos e cirurgioens; mas devem ser considerados como prisioneiros de guerra.

(Assignado) C. G. BEDLERELD. P. G. SCHORER.  
J. M. VANKHOOR. H. VAN DE MERDENE.

Acordado por mim, conforme aos poderes que me concedeo o Tn. Gen. Conde de Chatham, Cavalleiro do Banho, e Commandante em Chefe das forças de S. M. Britanica.

(Assignado) EYRE COOTE, Ten. Gen.

Alturas de Bree Saud, aos 31 de Julho, 1809.

### Capitulaçãõ da Fortaleza de Veer.

Art. 1. A guarniçaõ de Veer terá permissãõ de sahir por uma das portas com todas as honras da guerra, e depôr as armas sobre a esplanada; naõ lhe será permittido servir contra S. M. Britanica, ou seus alliados, até que tenhaõ sido regularmente trocados; e as tropas serã mandadas para algum lugar da Holanda, á custa de S. M. Os officiaes conservaraõ as suas espadas, cavallos, e propriedade, e os soldados as suas muxilas. *Resposta.* Acordado; excepto que a guarniçaõ deve ser geralmente considerada prisioneira de guerra; e della disporá o governo Britanico, como julgar proprio, e como he costume em taes occasioens.

Art. 2. Desde este momento até a evacuaçãõ da fortaleza, as tropas de ambos os exercitos ficaraõ na sua presente posiçaõ. *Resposta.* Concedido.

Art. 3. Cessaraõ todas as hostilidades, de ambas as partes, e se naõ continuaraõ preparativos alguns de ataque ou defenza. *Resposta.* Concedido.

Art. 4. Toda a artilheria e armazens serã entregues por Com-

missarios nomeados de ambas as partes. *Resposta.* Acordado; considerando, que neste artigo a entrega da propriedade publica de toda a descripção he tambem incluida.

Art. 5. Todos os doentes, e feridos serãõ deixados á humanidade do General, até a sua convalescença. *Resposta* Concedido.

Art. 6. Os habitantes da Cidade de Veer continuaraõ a gozar todos os seus privilegios, e a sua propriedade particular será respeitada; e terá permissaõ, se elles assim quizerem, para ser transportada para fóra. Este privilegio se extenderá tambem, a todas as mulheres da guarniçaõ. *Resposta.* Concedido.

(*Assignado*) A. M. FRAZER, Ten. Gen. Comm.  
das tropas juncto a Veer.

C. RICHARDSON, Official de Esquadra mais antigo.

Veer, 1 de Agosto,  
de 1809.

V. BOGART, Commandante da guarniçaõ de Veer.

Total dos prisioneiros tomados em Veer—519.

Total da perca Britanica. Mortos 1 official, 2 sargentos, 2 tambores, 41 soldados: feridos 13 officiaes, 15 sargentos, 1 tambor, 184 soldados, extraviados 34.

Middleburgh, 3 de Agosto de 1809.

MY LORD! Depois da minha carta, datada de hontem, recebi informaçãõ do Tn. Gen. Sir Joaõ Hope de haver occupado Batz, e tomado posse de toda a ilha de Beevelaud do Sul.—Tenho tambem a satisfacção de informar a V. S., que estando as batterias promptas para começar a jogar, se rendeo ésta tarde a fortaleza de Ramkeens, e tenho a hora de incluir aqui os artigos da capitulaçaõ.

(*Assignado*) CHATHAM.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

(Por esta Capitulaçaõ se rendeo prisioneira de guerra a guarniçaõ que constava de 127 homens.)



## LITTERATURA E SCIENCIAS.

*Analyze do folheto intitulado—Os pedreiros livres e illuminados, que muis propriamente se deveriam denominar os tenebrosos, de cujas seitas se tem formado a pestilencial irmandade, a que hoje se chama jacobinismo, Lisboa 1809.*

A LEITURA deste folheto, servindo de algum divertimento, excitaria o riso, se a sensaçã, que produz o ridiculo, não fosse contrabalançada pela compaixã a que move a ignorancia do author; e alem disto, a triste consideraçã da falta de ideas em que a naçã está, a este respeito, donde podem dimanar effeitos mui importantes, e nocivos á tranquillidade do Estado.

Que o author deste folheto ignorasse os principios da sociedade dos Framaçõs he escusavel; porque, a fallar a verdade, o mundo está mais as escuras, a este respeito, do que muitos pensam; mas he indisciplpavel, que o author se intromettesse a fallar de similhante materia, sem saber ao menos o que ha publico sobre os Framaçõs, tanto a favor, como contra.

A comiseraçã pois obriga a desviar ésta analyze, algum tanto, da forma ordinaria; porque depois de se mostrar a natureza da obra se passará a dar uma breve idea desta sociedade dos Framaçõs; e se o author foi motivado por um sincero desejo de fazer bem, não deixará de agradecer alguma instrucçã, em materia que elle se propos tractar; e até por fim lhe lembrarei os authores mais notaveis, que tem fallado contra a masonaria; para que tenha materiaes com que dizer alguma cousa consequente, se quizer continuar a escrever.

O author começa o seu opusculo, intitulando-se “Hum amador da Religiaõ, dá humanidade, e da patria.” (p. 3);

e faz um pequeno proemio, em que diz ser o opusculo que dá á luz traducção feita para o Portuguez por algum estrangeiro, o que elle conjectura de certas faltas na linguagem, que emendou, e accrescenta algumas notas, para illustração do texto.

Divide depois a obra em duas partes; a primeira desenvolve, ao seu o modo de pensar, os mais secretos arcanos da sociedade dos pedreiros-livres; a segunda dá a saber ao Mundo o que he a intrincada seita dos illuminados.

Principia a primeira parte com estas palávras. “O abominavel plano de subverter o throno, e o altar, que tem sido nos tempos modernos promulgado por toda a Europa, e por todos os povos, póde-se julgar ter principiado a formar-se, e a ganhar consistencia no Continente, com a infatuação, com que Montesquieu, na sua obra *l'Esprit des loix*, dá toda a preferencia ao Governo representativo, &c.” A questaó, sobre qual das formas de governo he a mais adequada para promover a felicidade dos povos, não pertence a este lugar; mas seguramente a decisaó de Montesquieu, que a França respeita pelo seu mais profundo politico, e que toda a Europa considéra como um author de primeira ordem, não pode ter mais connexaó com os planos das sociedades particulares, de que se trácta do que a decisaó de Aristoteles, ou de outros escriptores, que se occupáram da exposiçaó das differentes formas de Governo.

O author (a p. 9.) depois de haver dicto, sem prova alguma, que Montesquieu, Voltaire, e Rosseau, formávam planos nas loges dos pedreiros livres, faz dizer ao Rey da Prussia cousas por onde se conclue, que este monarcha sabia ser a maxima destes inovadores, “que os Vassallos devem gozar do poder de desthronar os Soberanos, quando se acham descontentes com elles.” Uma taó extraordinaria asserçaó, requeria seguramente mais provas do que o simples dicto de um author anonymo; mui principal-

mente sendo bem sabido, que Frederico de Prussia era Framaçõ, e se correspondia com algumas loges. Como he pois crível que um Soberano illuminado, perspicaz, e politico fosse o fautor de uma sociedade, que se propunha a destruir os thronos?

Na gazeta literaria de Berlim, fol. 726, em 23 de Fevereiro de 1778, se acha copiada por extenso uma carta d'El Rey de Prussia, dirigida á Loge Amizade de Berlin, cujo original diz a mesma gazeta que se conserva nos archivos dessa Loge; onde El Rey mostra a sua mais decidida approvaçã aos principios desta Sociedade. (\*) He logo necessario, para desfazer este argumento, mostrar, ou que o Rey de Prussia éra taõ estúpido, que pertencendo a esta sociedade naõ sabia o que ella éra; ou que era um inimigo de si mesmo, pois favorecia e louvava uma sociedade, que tinha por objecto o destruillo.

Em uma nota (p. 12.) fallando do juramento que daõ os pedreiros livres, diz o anotador estas palavras. “ Faz pasmar a fragilidade com que estes fanfarroens da Philoſophia escorrégam em continuas contradicçoens! ; Quem deixa de conhecer, que a maior força do juramento he mais espirital que civil? Para subtrahir-se á puniçaõ civil podem achar-se mil maneiras; mas aos olhos do Ente Supremo, nada se pode esconder. Para os que tem ésta crença, serve de muito o juramento, mas para os brutaes materialistas, e atheos, he som de vozes sem significado; logo ; para que o adoptam? Incoherencias, incoherencias a montes, e brutal cegueira.”

---

(\*) Eis aqui como esta carta acaba. *S. M. est bien-aise de vous assurer a son tour, q'elle s' interessera toujours au bonheur et a la prosperité, d'une assemblée, qui met sa premiere gloire dans une propagation infatigable, et non interrompue, de toutes les vertus de l' honnete homme, et du vrai patriote.*

Potzdam ce 7 Fevrier 1778.

FREDERIC.

O anotador parece aqui tirar uma conclusãõ naõ só adem, mas até opposta aos principios que estabelece; porque, se elle cré que os Framaçõs se obrigam por meio de juramento a cumprir com os deveres da sua sociedade; sendo da essencia do juramento a persuasãõ da existencia de Deus; segue-se que para ser Framaçõ he necessario crer em Deus, e por tanto os Framaçõs naõ pôdem ser atheos, como o author lhe chama.

A descripçãõ do governo interno da sociedade, grãos de que se compoem a ordem, &c.; descreve o author com tal miudeza, que parece estar fallando de uma materia taõ conhecida, que naõ admite a menor duvida; ao mesmo tempo que a principal accusaçãõ contra a sociedade consiste, em ella ser taõ occulta, que se naõ podem descortinar os seus mysterios. E a fallar a verdade la he custoso dar uma resposta sêria a um homem, que se poem a raciocinar sobre um objecto, que lhe he desconhecido; e depois de formar um ente imaginario, a quem attribue as propriedades que lhe parece; enfurece-se contra elle, que nem um D. Quixote contra os encantadores.

A mixtura de illuminados, framaçõs, e jacobinos he tal, que nem o author, nem o anotador certamente podem entender o que dizem; assim a p. 21 attribue aos illuminados, que elles se propoem á annihilaçãõ das artes e sciencias; ao mesmo tempo que o anotador assenta (nota 9 p. 10) que tem dado uma prova convincente do quanto he perigosa e prejudicial a liberdade da imprensa; tanto pelo que respeita á Religiaõ como pelo que respeita ao civil; e portanto, ao menos ésta vez, vai coherente com os taes suppostos illuminados.

Se o author tivesse sabido do seu paiz, e visto o que ha publico da sociedade dos framaçõs concluiria dahi o que ha de particular nella; com alguma propriedade. Por exemplo; em Inglaterra he agora Gram-mestre dos Framaçõs o Principe de Gales, que he o herdeiro da coroa;

cha entre os officiaes da grande Loge os nomes l mais respeitaveis Senhores Inglezes. Para saber isso não precisa ser Framaçõ ; porque os almanacks masonicos, que se imprimem todos os annos, acham-se de venda em Londres, em qualquer livreiro ; e tanto o Principe de Gales, como as de mais personagens Inglezas, que tem empregos na grande loge dos Maçons, unem esse titulo aos outros de que são condecorados ; fazendo assim declarar nos almanacks da Corte ; tal he o Principe de Gales que se intitula, entre as mais graduaçõens, Gran Mestre dos Maçons. Se quem escreveo o papel de que se tracta tivesse o trabalho de axaminar isto que está patente, não diria que uma sociedade, presidida pelo Principe herdeiro da Inglaterra, tem unicamente por fim conspirar contra os Principes.

As accusaçõens que agora se fazem, em Lisboa, contra os Framaçõs, não são novas ; porque o mesmo se tem dicto delles em outras partes, quando os perseguiam ; e o mesmo se tem imputado a outras muitas corporaçõens ; por exemplo, quando em Portugal se reputava um acto de religião perseguir os judeus, e queimallos vivos, ficando-lhes com os bens, disse-se que elles nas suas synagogas so se ajunctavam para commetter abominaçõens ; que furtavam crianças para as matare e crucificar, na celebração da sua Paschoa ; que tramavam conjuraçõens contra todas as pessoas que não seguiam a sua seita ; e outras muitas couzas desta qualidade, que se podem ver em uma obra, que se imprimio, e reimprimio muitas vezes em Lisboa, intitulada Centinella contra Judeus. Quando se extinguiram os Templarios, disse-se outro tanto contra elles ou ainda mais. No tempo da perseguição dos Christãos, em Roma, tambem espalharam os ignorantes, ou malevolos, que esses christãos faziam as suas assembleas occultas para nellas commetter incestos, matar crianças, e fazer brucharias ; e toda a pureza de costumes, que os christãos primitivos tinham, não bastava para os justificar das continuas imputaçõens que

lhes faziam ; attribuiam-se-lhe os incendios, os roubos, em uma palavra tudo quanto acontecia de mau ; até mesmo as tempestades.

Muitos outros exemplos de perseguições, se ácham na historia, dirigidas contra diversas corporações ; e em todas ha sempre accusações sobre pontos, que firmam o governo, ou ataquem os bons costumes ; para indispor contra os accusados as pessoas de probidade. Depois disso sempre essas accusações são vagas, sem que se provem factos particulares, o que éra absolutamente necessario para fazer a accusação crível ; he tambem de notar que taes accusações nunca fôram acreditadas pelos homens sensatos de nação alguma ; os quaes se não refutavam as opinioens do vulgo, éra por se não exporem aos seus ataques ; porque os instigadores das perseguições costumam chamar complices aos que pertendem disputar a verdade de taes accusações, e disto se não pode dar melhor prova, doque o discurso de Plinio a favor dos Christãos.

As accusações, e perseguições contra os Framaçons tem seguido estes passos de todas as outras ; porque sendo fundadas na ignorancia, acabaram ja em Inglaterra, e em todos os mais paizes, onde as sciencias tem feito progressos, e assim, em Portugal, será talvez a ultima parte onde éstas perseguições acabem ; porque o atrazo dos conhecimentos na quella infeliz nação he taõ proverbial na Europa ; que se julga andarem os Portuguezes tres seculos atraz das mais naçoens. He verdade que falta nestas accusações agora, em Portugal, accusar os Framaçons de bruharia ; mas isto até mesmo em Portugal seria mui calvo.

Durante o entusiasmo republicano, ou para melhor dizer mania democratica, que padeceo a França nesta revolução, fôram prohibidas as Loges de Framaçons ; e muitos fôram guilhotinados por esse crime, asseverando-se que o ser Framaçon e Aristocrata, éra a mesma cousa. A

morte de Robespierre, trazendo mais alguma ordem ao interior da França, deo o socego aos Framaçons.

A authoridade das naçoens Ingleza, Franceza, Alemaã, do Reyno de Napoles, Suecia, &c. &c. onde a sociedade dos Framaçons está publicamente admittida, e onde a ella pertencem os Principes, e pessoas mais notaveis da nação, parece que seria argumento bastante, para que o author deste folheto não crêsse em accusaçoes absurdas de sua natureza, e produzidas por testemunhas anonymas.

Que a inveja e interesse tenham tido tanta parte nas perseguiçoens dos Framaçons, quanta tem a ignorancia em acreditar-se as accusaçoes que se lhe fazem, he mui natural. Todo o homem conspicuo em dignidades sciencias, ou outras quaesquer circumstancias, que o distingam do *commum*, tem impreterivelmente emulos, detractores, e invejosos, os quaes se augmentam á proporção que cresce a celebridade da pessoa. As corporaçoes soffrem igualmente ésta injustiça; e como a dos Framaçons he mui distincta, pela multidão de socios, pela dignidade de muitos de seus membros, e por outras razoens; éra consequencia necessaria servir de alvo de inveja; e ésta havia precicadamente ajudar-se da calumnia, e mascarar-se ao mesmo tempo com a louvavel capa do bem publico. Mas deirando essas accusaçoes contra christãos, Judeus, Templarios, ou Framaçons, todas igualmente contradictorias e allegadas sem prova; vejamos em geral a natureza e tendencia das sociedades particulares.

A sociabilidade dos homens he quasi nenhuma entre os selvagens; estes somente se congrégam para guerrear algum inimigo *commum*, e quando muito, ajunctam-se algumas vezes para celebrar as suas festividades publicas, que são tanto mais raras quanto a nação he menos culta, e mais remota do estado de civilização. Esta falta de habito de contrahir amizades faz até enfraquecer os vinculos

do parentesco ; de maneira que, entre os selvagens, as relações de entre pais e filhos parecem de todo extintas acabado o tempo da educação phisica. A proporção que a nação se adianta em grãos de civilização, augmentam-se tambem as associações particulares; e assim vemos, que as pequenas tribus de Americanos, que tem sahido do primeiro estado selvagem, e tem adquirido alguma civilização pela vizinhança das colonias Europeas, fazem ja entre si suas associações para commerciar, caçar os animaes, cujas peles vendem aos Europeos, &c. As nações que habitam a Mauritania são muito mais civilizadas, que as tribus Americanas de que se acabou de fallar, e assim ja entre os Mouros se observa maior numero de associações particulares. As nações mais civilizadas da Europa são tambem as que mais abundam em associações particulares ; e por isso se vé, na Inglaterra, por exemplo, raro he o homem que não esteja unido a uma ou mais sociedades particulares ; principalmente fallando da classe mais bem educada da nação. Estas associações particulares não são uteis as nações incultas, por que as trazem pouco a pouco ao Estado de civilização ; mas são tambem mui interessantes ás nações ja mais propectas ; porque nestas sociedades particulares necessariamente se habituam os homens á virtude da condescendencia, que tanto contribue para manter a tranquillidade entre os homens. O uso destas sociedades ensina tambem practicamente a necessidade das leis e estatutos ; e mostra que sem a existencia e observancia das leis não podem os homens viver em commum ; e he certo que os homens se convencem mais pela practica do que pela theoria. Os membros destas sociedades passam alternativamente de superiores a subditos ; e portanto haõ de necessariamente adquirir o conhecimento pratico de manter a ordem, e socego publico na sociedade civil. Donde se segue que prohibir ou desanimar as socie-



dades particulares, he pôr obstaculos aos progressos da civilizaçãõ, e destruir directamente os fundamentos da sociabilidade.

(*Continuar-se-ha.*)

---

*Analyze de um folheto impresso no Porto, intitulado. Desengano proveitoso, que um amigo da patria se propoem dar a seus concidadaõs. Na Officina de Antonio Alvarez Ribeiro, 1809, com licença do Governo.*

SE um escripto, que a ignorancia tem dictado, mas o bem do publico pode haver impellido o author a publicar, merece desculpa ; como a dêmos no opusculo mencionado na analyze precedente ; uma obra tal como a que faz o objecto destas observaçoens naõ merece senaõ a execraçaõ de todo o homem honrado : e seu author se faz digno de tudo quanto ha infame ; porque a ma fé, a audacia das falsidades ; os motivos de trahir a patria a um inimigo cruel, saõ taõ viziveis em todas as sentenças desta obra, quanto saõ inconcludentes, e capciosos os argumentos de que usa.

Os objectos que o author se propoem tractar os desenvolve elle mesmo no seu primeiro paragrapho, com um certo ar de laconismo, imitante aos grasnadores Francezes. “ Os males, diz elle, que de presente fazem o infortunio de Portugal, devem obrigar-nos a indagar a sua causa.

1. Quem forceja pela descobrir a seus concidadaõs he um homem benemerito, e digno de ser escutado.
2. Vertigem geral dos Principes da Europa.
3. Assoma Napoleaõ á testa dos exercitos Francezes.
4. Sua Coroaçaõ.
5. Qual devia ser entaõ a politic dos Reys.
6. Influencia maligna dos Inglezes.
7. Rasgos de despotismo daquella naçaõ para com os Portuguezes.
8. Trabalha por despojar-nos de todas as riquezas.
9. Obriga o Principe do Brazil a refugiar-se naquelle continente.
10. Delirio dos Portuguezes.
11. Como se conduzio o Governo Inglez a nosso respeito.

12. Provas incontestaveis de que intentava apoderar-se de Portugal. 13. O que practicou, quando o não pôde conseguir á força descuberta. 14. Regencia de Lisboa, Juizo sobre este Governo. 15. Renuncia do Principe do Brazil á corôa de Portugal. 16. Anarchia, em que cahimos. 17. Desordens que se seguíram. 18. Necessidade de um Governo energico. Como nos devemos conduzir em um negocio de taõ grande momento. 20. Dous partidos a tomar : Paz ou Guerra. 21. Sorte de Portugal, se proseguir na guerra com a França. 22. Motivos que nos devem determinar a pedir o Ex.<sup>mo</sup> *Duque de Dalmacia* para nosso Rey. 23. O que seremos entã.

Numeram-se as proposiçoens para mais commodidade das citaçoens nesta analyze. E quanto á primeira depois do author se querer mascarar com a mais pueril hipocrisia; atreve-se a tentar persuadir-nos de suasboas intençoens; um homem que faz um opusculo de proposito para defender a causa dos Francezes, e elogiar o seu governo, ao mesmo tempo que acabava de testemunhar, os horrorosos, e não provocados assassinios, roubos, e incendios, que esses mesmos Francezes acabavam de praticar naquella infeliz Cidade, onde este refinado hypocrita esta escrevendo. Se o ser testemunha occular dos attentados commettidos pelo exercito Francez, e seu inhumano chefe, não causou ao nosso author o mais intranhavel odio a esta nação; o menos que posso dizer delle he, que he taõ insensivel como uma pedra; porque até os brutos se irritam contra quem lhe ataca os seus semelhantes; quem he pois este monstro, que vê a sangue frio as atrocidades commettidas por um exercito barbaro na sua patria, na mesma cidade em que escreve; e com uma calma que só se acha no mais corrompido coração, se poem a escrever o elogio dos Francezes? Vem ca barbaro, hypocrita; não sabes que o coração humano derrama uma lagrima, vendo justiça até o culpado, cujo castigo se confessa justo? Ainda pois que este author esti-

vesse persuadido de que os habitantes mereciam todos os injustos males, que lhe infligiram seus tyrannos oppressores, éra preciso ter o coração mais depravado imaginavel, para se esquecer da desgraça do opprimido, e entrar a cantar os louvores do oppressor. Transcreverei porém o ultimo periodo deste paragrapho ; porque as palavras de seu hypocrita author, me serviraõ despois de argumento contra elle.” O vida! e es tu hum bem quando te flagellam as calamidades da guerra?”

Para provar a 2ª proposição diz assim. “ Causas bem conhecidas motiváram a revolução da França. Não me pertence examinar a especie de justiça, com que Luiz XVI. foi levado ao cadafalso. Mas eu sei que as naçoens saõ independentes, e que não toca aos Soberanos punir os crimes de vassallos, que lhes não pertencem. Os Reys da Europa devêram regular sua conducta por este principio ; mas a ambição presidio a seus conselhos, e fingindo lastimas, que não sentiam, e promettendo desafrontar a familia do defuncto Rey, quizéram retalhar a França, parecendo-lhes que as divisões intestinas daquelle vasto paiz, facilitariam a execução de seus projectos.”

“ Exaqui o fatal crime que comettéram os Reys para desgraça de seus povos ; não he outra a fonte donde temos visto correr rios de sangue, &c.”

Deixou o author as causas da revolução da França, e com sua acostumbrada hypocrisia diz, que lhe não pertence examinar a justiça do assassinio de Luiz XVI. Eis aqui a linguagem dos satelites do Governo Francez. Sim ; pertence a este lugar esse exame ; porque se tracta de indagar as causas das calamidades da Europa : aquelle successo deve ser discutido, pois delle dimanáram immensas desgraças. A injustiça da morte de Luiz XVI. pode mostrar-se por muitas razoens ; mas ja que o author se cala nisto, contentar-me-hei com alegar uma. Segundo a Constituição, que aquelle infeliz monarcha jurou, e pactuou com

o povo de França, a sua pessoa éra inviolavel, nem éra elle responsavel por acção alguma, que obrasse durante aquella constituição; regulamento que os Francezes imitáram da excellente constituição Ingleza, e cuja sabedoria todo o Mundo louva; Donde se segue que, segundo a sua mesma constituição, não podiam os Francezes nem processar, nem menos punir ao seu Rey, sem cometer, não ja somente uma infracção de leis particulares; mas um attentado á Constituição do Estado.

De se intrometterem as outras naçoens nos negocios do interior da França deduz o author as causas da guerra, e diz, em uma nota (p. 5.) que todos sabem, que a França não foi a aggressora.

He ésta assersão um sophisma, ou para melhor dizer uma falsidade total; dirigida a enganar as pessoas, que não estiverem presentes na historia da Revolução Franceza. Sim a França foi a aggressora. Com insinuaçoens perfidas publicou, que hia reformar os abusos, que os Governos antigos tinham introduzido; e quando alguns povos, por ignorancia de alguns, e perversidade de outros individuos, dêram entrada aos Francezes; qual foi a reforma? O roubo, a pilhagem, os assassinios. Que prova mais convincente do que a injustissima invasão da Suissa. O General Montesquieu, recebendo ordem para invadir a Suissa, admittio uma deputação daquelles infelizes povos, em que lhe effereciam fazer tudo quanto a França quizesse; elles éram governados por uma forma de governo republicano; mas mudallo-hiam, ou fariam tudo que os Francezes mandassem, so para evitar a entrada dos exercitos indisciplinados, e crueis que a Republica Franceza dirigia contra a pacata Suissa. O gen. Montesquieu, parou a taõ justas representaçoens e communicou-as ao Governo Francez; qual foi a resposta? que marchasse, e concluisse a invasão: e resolvêram as algozes Republicanos de Paris, depôr e castigar o General Montesquieu, só porque prestára ouvidos á razão, e represen-

tára, antes de commetter um acto, que tinha tanto de injusto como de impolitico.

Este procedimento assustou, como éra de esperar todas as naçoens ; e os homens perspicazes de todo o Mundo conhecêram logo o cahos, em que os Francezes, com a sua Revoluçã, hiam a precipitar a Europa. O grande politico Burke, foi um dos primeiros ; que preveo as monstruosidades, que devíam resultar daquella informe massa de ideas, porque os Francezes se dirigiam. Naõ que Burke, e todos os mais homens sabios, naõ conhecessem que havia abusos nos Governos, que éra necessario remediar ; mas porque conhecia claramente que o remedio naõ havia nunca provir dos Francezes ; e na verdade os factos tem mostrado que Burke fallava como propheta. A guerra pois contra a França tinha por fim evitar estes males, que ella hia a produzir em toda a Europa. Os Francezes tem ficado victoriosos de todas as naçoens, excepto da Inglaterra ; mas o bom successo das armas naõ he prova de sua justiça ; e a causa de seu bom successo deve achar-se na ignorancia dos povos, que continuávam a crêr que o remedio de seus males lhe podia vir da França. Na Inglaterra, como a naçaõ mais illuminada, e onde a liberdade da imprensa faz com que o povo seja instruido de seus verdadeiros interesses, tem os Francezes achado, e acharaõ, uma resistencia incontestavel. He verdade que alguns Governos mandáram escrever obras, com que mostrassem ao publico os ferros que os Francezes preparávam a toda a Europa ; em Portugal, por exemplo, se mandou traduzir, e publicar a excellente obra de Mallet du Pan ; mas o povo, que conhece naõ tem a liberdade da imprensa, naõ éra possivel que desse credito a esses escriptos, que alias sabia vi-nham do governo ; ao mesmo tempo que em Inglaterra ; a liberdade da imprensa, fazia com que as obras dessa natureza produzissem toda a convicçaõ ; e he claro que ésta naõ se produz com a força. Eis aqui a causa da guerra

atroz, que a aggressora França originou, e tem continuado ; e exahi porque foram bem sucedidos no continente, e o não foram nem seraõ na Inglaterra.

Na 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, e 5.<sup>a</sup> proposiçoens envolve o author seus estupidos paralogismos, com a servil adulaçãõ de Bonaparte, de quem diz que “ sua conducta sempre honrada e valerosa, suas virtudes superiores, todas as qualidades, que formam o character do grande homem digno de reynar, lhe déram o throno da França conformemente aos votos da naçãõ inteira.” De todos os argumentos que podãa o author usar para persuadir, que se devia abraçar o partido Francez, nenhum certamente he mais ridiculo do que appellar para a *honra e probidade* de Napoleaõ. Que? ja se esqueceo o Mundo do procedimento infame, com que elle adquirio, por se cazar com a amiga de Barras, o commando de um exercito da Italia? Ja se esqueceo o Mundo do abominavel e atroz expediente de envenenar os seus proprios soldados enfermos em um hospital, para se livrar do trabalho de os conduzir, ou da ignominia de os deixar prisioneiros? Ja se esqueceo o Mundo da proffissãõ que fez do Mahometismo no Egypto ; de atheo no tempo de Robespierre ; de Catholico, quando quiz que o Papa o Coroasse ; e agóra neste mesmo tempo, de perseguidor do Summo Pontifice? &c. &c. &c. E he este o homem, que o nosso descarado author se atreve a louvar pela sua honra !

Diz o author que a sua coroaçãõ fez prever aos homens sensatos, que a França hia a dar leis a toda a Europa, &c.

Eis aqui o author confessando, que as outras naçoens tinham o direito de fazer guerra a França, contra o que disse na proposiçãõ 2.<sup>a</sup> Que? Haviam as naçoens da Europa, e os homens sensatos conhecer, que a França hia a dar-lhes leis ; e devãam essas naçoens independentes avassallar a sua Soberanãa, a essa invasora França? Se alguma cousa se deve lançar em rosto ás naçoens da Euro-

pa, he não cooperárem com todas as suas forças, junctas com as da Inglaterra, para debellar essa França, que o author confessa ter em vista a dominação de todo o Continente. Conclue elle este raciocinio sobre a coroação de Bonaparte fazendo uma apostrophe aos Portuguezes, e dizendo-lhes que vai a provar, que são os seus alliados a quem devem attribuir os seus infortunios. Vejamos como o prova ; pois passa á proposição—6<sup>a</sup>.

“ A Inglaterra, diz elle, trabalhou sempre por nos tirar o ouro do Brazil.”—E como? pergunto eu. Seria como os Francezes impondo contribuições aos Portuguezes para resgatar a sua mesma propriedade ; com uma jurisprudencia propria de Napoleão ? Seria exigindo a titulo de subsidios, emprestimos, e extorsoens, as immensas sommas, que a França levou de Portugal, desde o principio de sua revolução, e que só serviam para estimular a avareza e rapacidade do governo da França a exigir novos sacrificios ? Não : a Inglaterra vendia as suas Fazendas a Portugal, e recebia em troco, os generos que os Portuguezes lhe podiam dar, e o saldo em ouro ; Não he este um contracto o mais legitimo que se pode imaginar ? O Governo Portuguez poderia talvez fomentar mais a industria ; e estabelecer mais fabricas ; mas que tem essa falta, que provem dos Portuguezes mesmo, com o comportamento da Inglaterra ? ésta vendo a necessidade que tem os Portuguezes de seus manufactos, lhes vende pelo preço em que se acordam ; que comparação tem isso com os roubos, até sem pretexto, que a França tem feito a Portugal ? A França a respeito de Portugal tem sempre seguido a justiça dos salteadores de estrada ; “ da-me o ouro que tens, e senão, como sou mais forte do que tû, mato-te.” E ha um Portuguez, para infamia de sua Patria, que se atreve a deffender ésta nação !! Mas em fim todas as naçoens, e todas as idades tem a infelicidade de haverem

nutrido lobos desta natureza, que devorem a mãy que os alimentou.

Diz o author (p. 7.) “ Determinado S. M. o Imperador e Rey a restabelecer a liberdade dos mares, que a Gram Bretanha taõ impudentemente havia usurpado, enviou a Portugal o General Junot, a cujo cargo poz deffender nossos portos da tyrannica influencia dos Inglezes.” Porém S. A. o Principe do Brazil, illudido pelas suggestoens do Gabinete de S. James, chegou a intimidar se suppondo dirigidas, contra a sua pessoa, armas, que so se dirigiam a manter a honra, e a independencia do seu throno. Pelo que teve a fraqueza de abandonar os seus vassallos, levando Marinha, thesouros, e todo o precioso ; e deixando-nos na cruel tituação do mais deploravel desampáro. Que Principe?—Que Conselheiros?—”

Eis aqui a força de racionios, que suppoem o author bastantes para provar as suas 6.<sup>a</sup>. 7.<sup>a</sup>. 8.<sup>a</sup>. e 9.<sup>a</sup>. proposiçoens.

Protecção do General Junot? Este traidor Portuguez author do folheto affecta ignorar o que até os rapazes de Lisboa sabem ; isto he que os Francezes chamáram protecção aos roubos, e injustiça de toda a casta. Permitta-se-me introduzir aqui um vulgarismo. Os rapazes em Portugal, desde que a entrada dos Francezes lhes deo a conhecer o que elles chamavam protecção, costumavam ameaçar-se uns aos outros dizendo ; “ olha que te vou proteger os narizes com dous murros.” E ainda despois disto ha um Portuguez, que intenta persuadir aos seus, que a viagem de Junot se dirigia, a proteger a liberdade dos portos de Portugal.

Mas fallando sério, quem impedio ja mais a livre navegação dos Portuguezes senão a França ? A Inglaterra nem prohibio nunca a navegação e Commercio dos Portuguezes, nem lhe convinha prohibir ; porque quanto mais se



enriquecessem os Portuguezes, que eram os compradores de muitas fazendas Inglezas, melhor poderiam pagar o que comprassem. Qual foi a sorte dos portos de Portugal occupados pelos Francezes? A que elles bem sabiam que devia succeder: a total annihilação do Commercio Portuguez, e a ruina de milhares de familias; mas os Francezes em seu odio contra a Inglaterra, teriam gosto de ver morrer de fome tres milhoens de pessoas em Portugal, só para se gabar, que haviam tirado aos Inglezes tres milhoens de freguezes, que lhe costumavam comprar as suas fazendas. He assim que os Portuguezes não fôram outra cousa mais que innocentes victimas, que a sanguinaria França sacrificou ao seu odio contra a Inglaterra.

Fallando da emigração do Principe para o Brazil, diz o folheto “ Que Principe?—Que Conselheiros?—Eu te respondo a estas perguntas traidor Portuguez. Um Principe que soube escapar-se á sorte, que não evitaram os Reys da Hespanha. Um Principe que soube perder um Reyno, para conservar a sua independência; se não tivesse o vasto imperio do Brazil, deveria ir para fóra, ainda que fosse para as Berlengas; ainda que se conservasse no mar sobre a vella, em suas esquadras; fóra das garras dos tyrannos, em qualquer parte que se ache, he o Soberano de Portugal, sem se ver obrigado a assignar os documentos de renunciias nullas, que para salvar as vidas assignaram os Soberanos da Hespanha. Que? devia o Soberano deixar-se ficar na sua capital, cercado de tropas inimigas, que lhe imporiam a ley que quizessem?

Que Conselheiros? — Eu respondo. Homens, que, quaesquer que fossem as suas faltas, ou descuidos, na administração do Reyno; tivéram a honra, a probidade, e a coragêm, de perder tudo quanto tinham, e seguir a sorte do monarcha, aquem acompanháram; sugeitando-se a viver de uma pensão paga pelo Erario, que um desfavor da

Corte lhe pode tirar de um dia para o outro, e reduzillos a mendicidade. Sim, outra vez digo, prouvéra a Deus que todas as acçoens, que tiveramos a recordar dos Conselheiros do Governo Portuguez, fossem desta natureza.

Levou thesouros para o Brazil! Que thesouros? Quem não sabe que o Erario de Portugal estáva exhausto com as contribuiçoens, que se havíam pago á França?

Da proposição 10<sup>a</sup>. até a 13<sup>a</sup>. se occupa o author a mostrar, que os Portuguezes se não devíam levantar contra os Francezes; isto he contra esta gente sancta, que os estáva protegendo. Começa ridicularizando a revolução de Portugal; e diz (p. 8.) que, foi feita por quatro soldados, isto he, quatro homens que tem pouco que perder &c." Não ha um só Portuguez, que deixe de conhecer a falsidade desta insinuaçãõ; porque se levantáram as provincias do Sul, e logo as do Norte, quasi ao mesmo tempo; sem terem plano formado, sem chefes, e sem meios; o que prova indubitavelmente, que o sentimento de resistencia aos Francezes éra geral em toda a naçaõ.

Com a inconsistencia de um homem, que quer sustentar falsidades para favorecer os seus fins sinistros; attribue o author (p. 8.) ao frenesi da naçaõ, o suporem-se capazes de se deffenderem contra os exercitos de Bessieres, Le Febvre, e Moncey; e logo na pagina seguinte accusa os Inglezes, de terem mandado a Portugal 40.000 homens; insinuando que o fim deste grande armamento, éra o tomar Portugal para si. Alma sincera, e compadecida!! Seria horroroso que os Inglezes, uma naçaõ livre, ficassem senhores de Portugal, e lhe introduzissem suas instituçoens livres, e sensatas; mas he bello, e agradavel, que o Despota Napoleaõ, e seu subdesposta Soutl sejam Soberanos de Portugal? e taes são sempre os raciocinios de quem pretende deffender absurdos.

O Author puxando a martello algumas acçoens, que

nem aqui em Inglaterra, nem lá em Portugal, se approvaram aos Generaes Inglezes, principalmente a Convenção de Cintra; poem estas palavras em em uma nota (p. 10. nota 2.) “ Naõ nos consta que o Governo Inglez desse ainda a mais leve satisfacção pelo escandaloso, e detestavel procedimento de seus Generaes na campanha de Portugal. Ora sendo certo que *Qui tacet consentire videtur*, julguem os meus leitores, se sou encarecido no que tenho escripto, tocante ao Governo Inglez, &c.”

As malditas restricções da imprensa, que hâvia em Portugal, mas que felizmente principiam a diminuir-se, daõ lugar a que taes asserções, falsas como saõ, passem por verdadeiras. Se os Portuguezes ao menos pudessem ter lá traduzidas as gazetas Inglezas, veriam que a convenção de Cintra foi desaprovada pelo Governo Inglez, á primeira vista, até quasi sem conhecimento de causa; que ao despois se mandou indagar ésta materia, por uma meza de officiaes generaes; e em consequencia disso foi o General Dalrymple, que assignou a Convenção, riscado do serviço. Isto quanto ao Governo Inglez. Quanto á nação, foi tal a indignação; o odio publico, e os discursos das gazetas; que ja mais vî medida alguma em Inglaterra, que fosse taõ geralmente desaprovada. Este he o modo porque, naõ obstante a publicidade deste facto em Inglaterra; valem-se os Francezes da falta da liberdade de imprensa em Portugal, e da ignorancia dos povos, que dahi resulta, para espalhar a falsidade de que a nação Ingleza “ naõ dando a menor demonstração de desagrado da Convenção de Cintra, mostrou approvall.”

A p.11, accusa a nação Ingleza de haver aprezado os navios Portuguezes, e diz “ Ja o exercito do Duque de Abrantes naõ pisa o territorio Portuguez; ja se naõ pode pretextar, que Portugal he um paiz de conquista, sugeito ao governo do Imperador e Rey. Qual he pois a nova es-

pecie de justiça, com que se detem nos portos de Inglaterra uma multidão de navios Portuguezes? Os Commerçiantes de Lisboa e do Porto reclamaõ suas fazendas embargadas, e entregues á disposiçaõ de corruptos commissarios; fazem as mais justas representaçoens ao Ministerio Britanico, e os navios apodrecem anchorados; as fazendas umas se damnificam, outras são roubadas, e nenhuma remettidas a seus donos.”

Este paragrapho, dirigido a tocar os Portuguezes pela parte do interesse; mereceria maior desenvoluçaõ do que permitem os limites desta analyze. Mas sempre direi sobre a materia duas palavras. Antes que os Portuguezes se queixem do governo Inglez, a este respeito, deveraõ saber, que os Commissarios que o author chama corruptos &c. são compostos de dous Portuguezes, e dous Inglezes; e debaixo da Inspeccãõ do Ministro Portuguez em Londres.

He logo isto um resultado de negociaçoens, entre as duas naçoens, feito amigavelmente; e se porque os donos dos navios não soubéram requerer os seus direitos, ou não quizéram representar o negocio á Corte do Brazil; ou porque nestes arranjos se não preveram, ao principio, consequencias que ao despois appareceram; fosse isto como fosse he um arranjo feito entre ambas as cortes, e em que a violencia não teve lugar.

Despois; quando o author escrevia isto no Porto, ja não estava, havia muito tempo, navio algum detido em Inglaterra; e por tanto o author com a mais decidida má fé introduz as palavras “os navios estaõ apodrecendo.”

Mas supponhamos ainda que he verdade, que a ambiçaõ de alguns individuos causasse injustiças, neste modo de proceder sobre os navios Portuguezes apreçados sem estes procedimentos, pelo menos cobonestados com as formas de justiça, comparaçaõ alguma com os roubos manifestos dos Francezes? *Da-me 40 milhoens pelo resgate do que he teu!* Esta he a frase Franceza.

Na proposição 13 e 14. *Attribue aos Inglezes o reestabelimento da Regencia e diz. “ He a éssa nossa amiga que devemos o restabelimento daquelle cobarde e inepto governo, que, fraco em sua origem, offendeo depois altamente a nação inteira, roubando metade do soldo aos defensores da Patria, e decretando, com escandalo universal, a extinção de muita tropa, que se tinha organizado ; daquelle governo, composto de fidalgos, que aprenderam a politica entre os divertimentos do jogo, e da caça; daquelle governo, que sempre dormio sobre os assumptos mais sagrados da causa publica: daquelle governo, que dividio em companhias os nossos regimentos, e formou Batalhoens com soldados de cinco ou seis uniformes, tirando assim á tropa aquelle pundonor e brio, com que trabalha por sustentar a gloria do seu corpo ; daquelle governo, que vendo nossas fronteiras do Norte ameaçadas por um exercito taõ valoroso, quanto disciplinado, confiou a defeza da Provincia a paizanos desarmados ; daquelle governo em fim, que nunca se occupou em manter a independencia da nação, e que taõ graves crimes perpetrou que mereceo o odio, e a execração de todos os Portuguezes, &c.”* e em uma nota faz uma grande declamação contra os fidalgos.

Quanto ao estabelimento da Regencia, está ja mostrado, que naõ proveio dos Inglezes originariamente, mas supponhamos que proveio ; porque o naõ emendáram os Portuguezes ? O seu Soberano estava no Brazil ; porque naõ creáram junctas como os Hespanhoes, até saber a vontade de seu Soberano ?

Mas deixemos isto por agora. Creou-se a Regencia ; e poderá haver quem acredite que he sincéro este author ; que se propoem éxpressamente a advogar a causa dos Francezes ; quando as principaes acusaçoens, que faz á Regencia, saõ de naõ tomarem precauçoens bastantes para

se defenderem contra esses Francezes? chama a isto não curar da causa publica, logo segundo o mesmo author pede a causa publica que se repulsem, e não admittam taes Francezes.

Porém respondendo directamente á invectiva contra os Governadores do Reyno; digo, que não obstante achar eu mesmo alguma cousa que notar-lhe, as asserçoens do author são exaggeraçõens impudentes, e algumas falsidades atrozes. Mesmo naquillo, em que eu desejava que obrassem melhor, assento que merecem desculpa, vistas as difficultosas circumstancias, em que se achão. Mas supponhamos que os Governadores do Reyno não tem a actividade necessaria; ou são preocupados dos prejuizos, que infelizmente graçam em sua nação; que tem com isso os Francezes? Os nacionaes devem queixar-se, entre si, procurar remediar, quando for possível, os males do Estado, até aqui he justo, e necessario; mas com que authoridade se intromettem esses estrangeiros, ou o traidor que os defende, a insultar-nos, lançando em rosto aos Portuguezes os seus defeitos (que os do governo seus são) e metter-se a governar a caza alheia? Sim o mais depravado, ou fraco governo nacional, nunca pode produzir a metade dos males, que necessariamente devem resultár de uma conquista, e de ser tyrannizado por uma nação estrangeira; e tal como a Franceza, orgulhosa com suas victorias, e inconstante por character. Os Portuguezes devem remediar os seus males, pelos meios legaes que lhe competem, e se o não podem fazer, sugêitem-se aos pequenos abusos de um governo de nacionaes, que sempre terão infinitamente menos que soffrer, do que se se sugêitarem ao sceptro de ferro de um conquistador, que, quaesquer que sejam suas palavras, será sempre de facto um tyranno.

Di z o folheto (p. 12.) que “ os Inglezes fingindo-se ainda nossos alliados, acabariam de esbulhar-nos o pouco

ouro, que nos restava.” Que? Donde vem agora ouro a Portugal, se não he do pagamento das tropas Inglezas, que la estão, e que se gasta no Reyno? ¿que pedfiam os Inglezes a Portugal, ou que tem elle agora qué dar-lhe? Os Inglezes mandam para la, armas, dinheiro, e gente. He verdade que tem interesse nisso; mas o menos bem, que se pode dizer delles, he que cumprem com o que devem.

A proposição 15 he tractada de p. 13 em diante; e fallhou o author tão completamente nisto, que nem alega razão alguma a que valha a pena de responder; diz elle, “O Principe do Brazil nasceo em Lisboa: e as leis que lhe punham nas mãos o Sceptro Portuguez, tiraraõ-lho, logo que S. A. se retirou do nosso seio.”

¿Que tem o lugar do nascimento de S. A. com o direito que elle tem á coroa? O Principe do Brazil he o legitimo herdeiro da coroa de Portugal por ser o primogenito, e não por ter nascido aqui ou ali; se quando os Reis de Portugal faziam a guerra em Affrica lhe nascesse lá o primogenito ¿dexaria este de ser o herdeiro da coroa? As leis que dão a coroa a S. A. são as fundamentaes do Reyno; bem especificadas nas Cortes de de Lamego, e nem nellas se estabelece, nem ninguem ja mais disse, que o sahir o Soberano do Reyno, por cauza de guerras, ou outros motivos, invalidasse por forma alguma o direito á Coroa. Poderaõ os Portuguezes disputar se he conforme ou não á politica, que o Principe fosse para o Brazil, ou para uma das ilhas, &c. mas dizer que essa sabida do Reyno, ou prudente, ou não prudente, lhe tirou direito á coroa, he absurdo que ainda ninguem proferio. Quando D. Joaõ I. foi tomar Ceuta muitos dos politicos do Reyno reprovavam a empreza, e a mesma Raynha fez tudo quanto pôde para que El Rey não sahisse do Reyno; D. Joaõ teimou em ir, e nomeou uma regencia

ao Reyno ; mas nem entaõ, nem de entaõ até agora, nunca ninguém suppoz, que ésta sahida do reyno fizesse perder o direito á coroa. O mesmo se deve dizer de D. Affonso o Africano ; D. Sebastiaõ, e muitos outros ; isto por naõ citar exemplos de Reynos estrangeiros : pois em toda a parte se considerou sempre o Soberano, com o direito de sahir do Reyno, quando lhe parecer que isso convem ao bem publico ; e a segurança da pessoa do Monarcha he indubitavelmente de grandissima importancia para a salvação de Estado. Comparem pois os satellites dos Franzezes este modo justo e legal de proceder dos Soberanos de Portugal, com esse dezertor Napoleaõ, que fugio do Egypto desemparando o exercito, de que se lhe havia confiado o commando ; ésta, sim, foi uma dezersaõ, marcada com todas as circumstancias da infamia.

O author calando inteiramente o comportamento de Bonaparte a respeito dos Soberanos da Hespanha ; diz (p. 13.) que nunca se pôde capacitar, que o Principe corria algum risco se ficasse em Portugal ; e traz os exemplos do Rey de Prussia, e Imperador d'Austria. O exemplo da Hespanha estava mais perto, mas nesse naõ lhe fez conta fallar. O Rey da Prussia ficou em tal condicãõ, que de Soberano só tem o nome ; e se o author confessa, que essa éra a sorte que aguardava o Principe do Brazil, entaõ fez mil vezes bem em ir para a America ; e se naõ tivesse o Brazil melhor lhe seria ir buscar um asylo a um reyno amigo, onde seria considerado como um Soberano em desgraça, do que ficar no seu reyno, onde naõ seria mais que um escravo, adornado com as insignias reaes, para realçar a gloria do vencedor.

Eu passo em silencio o paragrapho (p. 14) em que o Author se queixa de que a Corte do Rio de Janeiro naõ tem mandado soccorros nenhuns a Portugal, levar-me-hia isso a uma tediosa discussaõ ; e repito aqui o que ja disse



acima sobre a Regencia. Que tem os Francezes, ou que tem este traidor seu sequaz, com que os Ministros de Estado no Brazil não séjam proprios, se he que o não saõ, para os lugares que occupam; isso pertence aos Portuguezes o examinar; se os ministros saõ fracos ou ignorantes o povo Portuguez deve requerer ao Soberano que os mude; se saõ negligentes, devem representar isso ao Monarcha, para que os castigue, se falsos ou criminosos, deve se provar isso á Justiça, para que se lhe imponha o rigor das leis; mas quando os Francezes se quizérem metter a prescrever aos Portuguezés o que estes devem obrar, a resposta deve ser bala, tiro, espada; porque he evidente que estes falsarios intrigam o povo com o governo, expoem os males da nação, promettem remediallos, e assim que saõ admittidos, exigem uma contribuição de 40 milhoens para resgate das propriedades; e daõ faculdade á sua soldadesca para largar as redeas á insolencia, rapina, e libertinagem.

Diz o author (p. 15.) “ As leis fundamentaes da nossa Monarchia não permitem que o Rey traspasse a coroa a sujeitos da sua amizade.—He logo nullo por sua natureza o Governo da Regencia.” Quem vio ja mais um racionar taõ absurdo? Acaso quando o Soberano nomeia Governadores, Generaes, Magistrados, &c. para exercitar aquellas partes da Soberania, que lhe competem, e que se exercitam em seu nome, resigna a coroa? Este acto está taõ longe de poder interpretar-se como renuncia da Soberania, que he um exercicio della, que necessariamente se requer do Soberano; porque he evidente, que El-Rey não pode estar presente em todos os tribunaes de justiça em todas as provincias do Reyno, em todos os seus exercitos, se não por meio de seus deputados, e representantes; e ainda que tudo se faça em seu nome; he porque, por uma ficção de direito, adoptada em todas as naçoens do

Mundo, se suppoem o Soberano presente a todos os actos de administracção de Justiça.

Nas proposiçoens, 16 e 17, (p. 13 eseguintes) descreve com exaggeraçõens o estado de anarchia em que cahio o Reyno; e faz grande bulha, sobre tres ou quatro mortes que fez o povo (porque nos milhares de mortes que fizéram os Francezes, nisso assenta que não he preciso fallar).

A isto he o que eu chamo despejo Francez. O Principe do Brazil, assentando, com o conselho dos seus Ministros, que devia sahir do Reyno, nomeou Governadores, que ficassem com a Regencia delle; entráram os exercitos Francezes, que fôram recebidos como amigos; e o primeiro acto, que fizéram, foi ir ás fortaleras da barra do Tejo, e fazer fogo ás embarçaõens deste Soberano amigo, que hia com a sua esquadra para dominios seus; o que indubitavelmente podia fazer, se he que se considéra Soberano. O Segundo acto dos Francezes foi impor uma contribuiçãõ, não ja ao Soberano (esse diziam elles que tinha abdicado o Reyno) mas ao povo, á naçãõ que os estava recebendo como amigos; e com que titulo, ou pretexto? Seria para obras publicas, ou cohonestaõa com algum motivo de justiça? Não. Plana e chaãmente para resgate de suas propriedades. Eia bons amigos! Que mal te fez a naçãõ que ja não pertence ao Soberano que te offendeo? Da-se-lhe tudo o que exigíram; e por fim a covardia de Junot fez com que concentra-se as tropas todas que tinha em Lisboa, e dissolveo o governo da Regencia, que o Principe tinha estabelecido; e não poem nas Provincias forças bastantes, para manter a sua authoridade usurpada: e deste modo deixou as Provincias de Portugal sem o Governo da Regencia; e sem o seu mesmo governo intruso; e por consequencia reduzidas exactamente ao que se chama anarchia. Desembarcam os Inglezes batem a Junot, e elle pôde apanhar uma capitulaçãõ, em virtude da qual se escapa com suas tropas para França, e deixa aos seus

protegidos sem o Governo da Regencia, porque o tinha dissolvido; e sem estipular de forma alguma governo, ou authoridade, que dirigisse a nação. Não foi pois Junot que reduziu Portugal á anarchia? Este General dissolveo o Governo que havia, bom ou mau, e não lhe substituiu outro, nem bom nem mau, e não he isto reduzir um estado á anarchia? entre tanto he este partidista Francez, que, com desprezível hipocrisia, nos vem lamentar os males, que produziu a anarchia de Portugal.

As proposições 18, 19, 20, and 21, são um tecido de maos discursos para mostrar, que na situação actual de Portugal, nada pode convir mais aos Portuguezes do que sugerir-se á França, cujas virtudes, e excellencias o author eleva até as nuvens. Diz o author que “Portugal, como Potencia da segunda ordem, hade ser influida por alguma Potencia da primeira: ora no actual systema politico do globo, a preponderancia do Imperio Francez he tão clara como a luz do Sol.” Mas por esta mesma razão he que nem Portugal, nem as outras potencias da Europa devem tomar partido com a França; porque essa preponderancia total não pode ter outro fim, senão fazer a todas as potencias escravas dessa; que tendo uma preponderancia geral, continua sempre a augmentar a sua influencia.

Repete aqui o trilhado argumento de que, “a Inglaterra tira a sua subsistencia e grandeza do producto do commercio; e a França, posto que tambem Nação commerciante, acha na fertilidade de seus campos, e nas relações immediatas com os demais Estados da Europa, com que prover superabundantemente ás suas necessidades. Fechados pois os portos do Continente ao commercio Inglez, he força que baquee a sua soberba.” Eu quizéra que o author explicasse, quaes são essas chamadas *relações immediatas* com os Estados da Europa, d’onde a França tira a sua subsistencia; porque eu não sei de outras senão as contribuições, e roubos. E continuando os

Francezes a annihilar o commercio de todas as naçoens da Europa so para fazer um pequeno mal aos Inglezes, segue-se que se hade necessariamente secar essa fonte de suas rendas. Que a Europa não pode fechar os seus portos á Inglaterra, de maneira que prohiba a ésta fazer contrabando no Continente, he um facto que a experiencia diaria nos demonstra; porque todas a leis prohibitivas, que tem publicado Bonaparte a este respeito, so tendem a vexar os infelizes povos que são obrigados a obedecer-lhe, e lançar nas mãos dos Inglezes todo o commercio activo do Mundo. Mas supponhamos ainda esse impossivel, que Bonaparte prohibia effectivamente o commercio dos Inglezes no Continente; dahi se não podia seguir a ruina de Inglaterra; porque está demonstrado (veja-se o Correio Braziliense, Vol. I. p. 42.) que de 27.399:000 libras esterlinas (valor official) que se expórtam todos os annos de Inglaterra; 20:084.000, vão para paizes independentes da Europa, sobre que Bonaparte nem tem, nem pode ter influencia.

Diz mais o author, (p. 17,) “ Imaginem-nos em estado de guerra com estas naçoens; qual he mais temivel?” Eu respondo, sem hesitação, a Inglaterra. E se não, compare-se o estado do Reyno, quando delle estávam de posse os Francezes, e por consequencia em guerra com a Inglaterra, com o actual; então parou inteiramente o commercio; e a pobreza, fazendo progressos a passos rapidos, hia a reduzir um Reyno, que vivia principalmente do commercio, á ultima ruina; quando, auxiliado pelos Inglezes, faz outra vez guerra á França, e não obstante os roubos, as mortes, a desolação, que lhe causáram os Francezes, e mais minguem, começa a prosperar, e está em estado de se manter; e se as cousas continuarem prosperas, está em estado de se recuperar dos estragos, que os amigos do nosso author lhe causáram.

A p. 18 pergunta o author, “ qual he melhor buscarmos a paz, a segurança de nossas pessoas, e propriedades, na sugeição aos decretos do Imperador dos Francezes, ou

continuarmos na imprudente luta, que nos expoem a perder a liberdade, a fazenda, os amigos, e a propria vida?" Considerando que os Portuguezes foram saqueados, e maltratados pelos Francezes, recebendo-os como amigos, está claro o que delles tem de esperar agora, que tem feito alguma resistencia, e portanto a resposta a ésta pergunta do author se acha nas suas mesmas palavras a p. 5, "O vida! e es tu um bem, quando te flagellam as calamidades da guerra?" Sim; nestas palavras do author está a soluçã da sua pergunta. He melhor morrer com as armas nas mãos, do que morrer fuzilado amarrado a um páo, como succedeo aos innocentes das Caldas; ou morrer mil vezes de dôr, vendo as atrocidades que os Francezes commettêram no Porto, matando indefeças mulheres, innocentes crianças, e velhos estropeados. So um monstro, como o author deste folheto, se atreve a recordar estes factos, sem se encher de indignação e horror, contra os barbaros que os comettêram: e para cumulo de sua impudencia, elle mesmo descreve estes males, a p. 18; naõ se lembrando dos elogios que tinha acabado de tecer-lhe. Ex aqui suas mesmas palavras.

"Os males da guerra saõ os que vós sabeis (quem faz guerra aos Portuguezes senaõ os injustos Francezes?) o sangue, os assassinios, o saque violento, o sacrilegio o estupro, o adulterio, a fome, o incendio, a indigencia, e a miseria. Oh! Quem naõ treme ao imaginar somente a pavorosa scena do infausto dia 23 de Março? (este he o dia, em que os Francezes entraram na Cidade do Porto, e cometeram os horrores, que o author pretende palliar); Qual de vós naõ vio ou as praias, ou as ruas, ou as praças publicas, ou seus proprios lares, juncados dos cadaveres de seus amigos e parentes! Qual naõ vio o esposo, e a esposa, a mãi, e os tenros filhos, formando rimas de corpos esmagados? Taes saõ as calamidades a que vos arrastou a vossa inconsideraçã!"

Vil hipocrita . Dize com mais verdade ; Taes são as calamidades, que injustamente vos causáram os Francezes ; esses malvados, que não podendo atacar os seus rivaes, os Inglezes, vem vingar-se em inocentes victimas, em um povo, que nunca os offendeo. Que mal fez nunca Portugal á França para que ella lhe infija essas calamidades, que o author confessa !

Suppondo o author (a p. 19.) a hypothese de que Bonaparte não pode conquistar Portugal ; diz, que nesse cazo “ se applicaria o Imperador e Rey a fazer-nos uma guerra ainda mais cruel e ruinosa. Sim, disistindo então S. M. do projecto de conquista, enviaria algumas Divisoens ao nosso Reyno, no qual os incendios, as mortes, e o saque geral, seriam o castigo de nossa insensata rebeldia.” Que linguagem tão depravada e insensata. O crime da resistencia está commettido ; isso aque o author chama rebeldia, isto he, resistir a um invasor injusto, está feito, e dos Francezes agora não ha que esperar, senão tudo quanto ha de máo e se se hade morrer como covarde, com os braços cruzados, he melhor acabar com honra ; e muitas vezes a fortuna favorece um ataque desesperado. Quanto mais que não se está ainda nessa figura de lhe chamar desesperado. Como hão de os Francezes chegar a Portugal, sem ter a Hespanha ? e assim se conquista um Reyno daquella magnitude, e tão resolutos a defender-se ? Alem disto não basta entrar a Hespanha, e Portugal com um exercito ; he preciso conservar forças em todas as provincias, para ter em sugeição uma população, que não quer obedecer, nem obedecerá aos Francezes, senão obrigada de uma força superior. He necessario guarnecer os inumeraveis portos de Hespanha ; e para isto, e para os mais planos ambiciosos do insaciavel Bonaparte, não ha exercitos que cheguem.

O Imperador dos Francezes vale-se das mesmas naçoens que conquista, para subjugar outras ; por que ha homens que pensam como o author, que a submissao he o

unico meio de escapar. Assim fez o Despota da França marchar tropas da Alemanha para Portugal, para com ellas subjugar os Portuguezes ; e de Portugal levou tropas para a Alemanha, que agora assistiram nas batalhas do Danubio. Que ganháram pois os Portuguezes, em submeter-se como fizéram aos Francezes ? Isto ; fazer a penosissima marcha desde Lisboa até Vienna ; e morrer ali sem gloria, e até sem que nelles se fallasse, para defender as usurpaçoens do tyranno ; quanto melhor pois não éra que aquelles soldados tivessem perdido a vida, na honrosa occupaço de defender a patria contra um invasor injusto ? A morte he certa, pois entáo busque-se ésta sustentando a causa da patria. Estejam os Portuguezes certos, que se Napoleão tomar posse de Portugal ; a mocidade hade toda deixar o Reyno, e amarrados em gargalheiras haõ de ir os Portuguezes unir-se aos infelices das outras naçoens senhoreadas pela França, para fazer a espantosa marcha por terra ate a India ; sem outro fim mais doque dar a Bonaparte a juvenil satisfacção, de fazer gastar aos Inglezes algum dinheiro, em defender este ou aquelle insignificante posto da India ; que os Francezes puderem atacar ; O plano de Bonaparte he este ; se succede em fazer alguma cousa tem a consolação de ter feito aos Inglezes algum mal, por pequeno que seja ; se he mal succedido ; quem morre ? Os moços Portuguezes, e os das outras naçoens avassaladas, de quem Bonaparte se deseja desfazer, seja do modo que for.

Tal he indubitavelmente a morte, que espera os Portuguezes, se elles aguardarem o inimigo com os braços cruzados, ou se fiarem em sua fingida clemencia.

Para fecho de infamias, conclue o author com a proposição, de que se deve pedir para Rey de Portugal o Marechal Soult ; que elle com toda a veneração chama em letra grifa o E<sup>mo</sup>. Sñr. Duque de Dalmacia.

Vem cá Portuguez traidor ; se assentas que he neces-

sario outro Soberano, ou outro governo, he precizo que passes pela vergonha de pedir um estrangeiro a Bonaparte para teu Rey ; como as raãs o pediram a Jupiter, que lhes deo para as governar um pedacinho de páo ? E se esses facinorosos generaes te deslumbram a vista com seus plumachos, ou fama dos execrandos crimes que tem commettido, com o nome de empresas militares ; e porque não desejas ao menos ter por Soberano o Capitão dos ladroens, o Bonaparte, em pessoa ? Mas para que não faltasse de passar o author por mais ésta baixeza não se avantájam os seus desejos, e a sua ardidez, se não a pedir para Rey, um desses subordinados salteadores, que oppressor, e opprimido em Portugal, faria sentir aos povos um dobrado pezo de vexames!

O tecido de adulaçoens nauseosas, que o author faz ao marechal Soult, aquem por fim proclama Rey de Portugal, só pode achar paralelo, no despejo com que o hypocrita pretende mostrar que “ não he o que exprime venal insenso, queimado em obsequio daquelle grande homem.” Mas depois do que este author avança contra a sua Patria; e a favor dos invasores della; ésta satisfacção he de todo escusada.

Concluamos pois, que, tendo os Portuguezes uma certeza de que o Tyranno os hade fazer morrer pelejando na Turquia, ou na India, para favorecer os seus ambiciosos planos de conquista, e satisfazer sua vingança contra os Inglezes ; deve a mocidade Luzitana morrer antes com as armas na mão, defendendo a Patria ; preferindo deste modo uma morte honrosa, de que se pode esperar algum bem, a uma morte ignominiosa precedida da escravidão, o seguida da ruina da Patria.—Assim falláram os Heroes.

*Moriamur, et in media arma ruamus.  
Una salus victis nullam sperare salutem.*



## COMMERCIO E ARTES.

*França.*

**U**MA decizaõ Imperial de 17 de Julho, de 1809 ; referindo-se ao decreto Imperial de 4 de Junho, estabelece as relaçoens commerciaes, no mesmo pé em que estávam, antes do Decreto de 16 de Setembro de 1808 ; cujo theor he o seguinte.

Extracto das minutas da Secretaria de Estado, no Palacio de S. Cloud aos 16 de Setembro de 1808.

Napoleaõ Imperador dos Francezes, &c. Tendo ouvido o nosso Conselho de Estado decretamos o seguinte.

ART. I. He prohibida a entrada de todo o producto colonial vindo da Hollanda, e Hespanha ; até nova ordem em contrario.

Art 2. Os vasos carregados com estas fazendas, que entrarem no Weser, Elbe, e Jade, seraõ apprehendidos, e confiscados.

Art. 3. Este decreto naõ derroga a disposiçaõ de 9 de Junho, pela qual nos reservamos o direito de permittir, em circumstancias particulares, a introducçaõ de algoeas, e laãs.

Art. 4. O nosso Ministro de Finanças fica encarregado da disposiçaõ do presente decreto.

NAPOLEAÕ.

Huma carta particular de Amsterdam, datada de 28 de Julho diz assim : “ O nosso recente decreto de 30 de Março (deveria ser 31 de Março: veja-se o Correio Braziliense Vol. II. p. 361.) deve ser revogado ; naõ se admittiraõ em França, nem nos portos de seus alliados, os navios Americanos, em quanto a Inglaterra insistir no seu pretendido direito de busca ; as fazendas, que agora chegam, seraõ sequestradas. Que confusaõ naõ deve isto crear ! Entre outros rumores que correm ha um que

diz ; que o nosso Rey se muda para a Austria ; e que este paiz se annexará a França. He evidente que ha em contemplaçãõ alguma mudança.”

---

*America.*

Casa dos Representantes. Quarta feira, 21 de Junho. Mr. Newton do Comité de Commercio e Manufacturas, fez o seguinte rellatorio ao Congresso.

O Comité de Commercio e Manufacturas, a quem se referio aquella parte da Mensagem do Presidente dos Estados Unidos, que diz respeito á revisaõ de nossas leis commerciaes, para o fim de proteger, e fomentar as manufacturas dos Estados Unidos, e tambem as petiçoens, e memoriaes de varios fabricantes de chapeos, fazendas d'algodaõ, canamo, linho, chumbo, pannos de laã, e sal, tem submettido á consideraçaõ da casa um relatorio, em que dizem, que a brevidade da presente sessaõ, e a falta de materiaes, naõ permittem ao Comité o investigar este ponto plenamente, e concluem propondo as seguintes resoluçoens :

Resolvido ; que se devem impor novos direitos sobre os seguintes artigos importados para os Estados Unidos : a saber. Vestidos feitos ; e obras de modistas, dous e meio por cento *ad valorem*.

Manufacturas de algodaõ d'alem do Cabo de Boa esperanza, riscados de colxaõ, fustoens, e musselinas, dous e meio por cento *ad valorem*. Chumbo, e outros manufactas, em que este metal he o artigo de principal valor ; meio por cento por libra.

Resolvido ; que um direito de oito *centos*\* por *bushel* sobre o sal importado, animaria a manufactura deste artigo nos Estados Unidos.

---

\* Cento he uma moeda dos Estados unidos que vale a centccima parte de um dollar, ou pezo forte. O *bushell* he medida seca, que anda por dous alqueires de Portugal.

## MISCELLANEA.

---

*Parallelo da Constituição Portugueza com a Inglesa.*

*Vincit amor Patria.*

N.º I.

*Introdução.*

**A** EMPREZA, que tomo sobre mim, de publicar uma serie de ensaios, para mostrar a excellencia da Constituição Portugueza, deve attrahir-me o odio de muitos dos Portuguezes, e talvez de alguns Ingleses; mas a estas considerações se oppoz, e venceo, o amor da Patria.

Ja mais pude acomodar-me á opiniaõ de que muitas verdades se não devem dizer ao publico. Verdade he a conformidade das nossas ideas com os objectos que ellas representam; ou com as ideas eternas; a verdade logo nunca pode ser nociva aos homens: o engano ha mister de outros enganos para se sustentar; e o systema de governar os povos com illusões, traz com sigio sempre uma serie de desgraças de que as paginas da historia nos dão abundantes provas.

Desejaria com tudo poder exprimir as opinioens que julgo verdadeiras, sem o amargo que as faz odiosas; mas infelizmente não estou habituado ao costume cortezaõ de dourar pilulas.

Os continuados ataques, que se fazem ao character Portuguez, como nação, sendo algumas vezes bem fundamentados, são, pela maior parte, calunias dos estrangeiros, occasionadas pela ignorancia em que se acham da lingua, e por consequencia dos escriptos Portuguezes. A muitos tenho ouvido dizer, que não vale a pena de aprender a lingua Portugueza só para ler Camoens, e nenhum outro livro se deixa imprimir em Portugal, que valha o trabalho de ler-se. E pois a triste escravidão, em que tem

até agora estado a imprensa em Portugal, faz com que ésta accusação sêja verdadeira; nem por isso se segue, que a nação Portugueza não tenha obrado feitos gloriosos, e que os seus antigos não estabelecessem taes leis, e tal constituição politica, que apenas em alguns pontos tem que ceder á Constituição Inglesa, que a Europa illuminada tanto admira. He verdade que a demasiada, e illegal accumulacão de poder, na corôa, pos em desuso muitas instituçoens uteis, e algumas até essenciaes á constituição do Estado; e os partidistas do despotismo, e algumas penas timidas, ou venaes, tentáram negar, mesmo em Portugal, a existencia, ou ao menos os poderes de varias corporaçoes, a quem competiam direitos hoje exercitados pela corôa; mas ainda assim ninguem se atreveo a revogallos expressamente.

Em um ponto, na verdade, devo dar a decidida preferencia, senão á Constituição, ao menos aos Ingleses como nação; e he, que havendo elles recebido de seus antepassados uma constituição livre, livre a tem mantido para a transmittir não só pura, mas ainda melhorada, á sua posteridade; custando-lhes isto, muitas despezas, muito sangue, e muitos incommodos. Ao mesmo tempo que os Portuguezes, desde que fizéram um bem succedido esforço contra a tyrannia de Fellipe II. e seus immediatos successores, se entregáram a uma criminosa indolencia, deixando ao ministro do dia usurpar os direitos que lhe parecia, e menosprezar as instituçoens antigas, que faziam a gloria da Nação; e serviam de mola real ao patriotismo dos individuos.

Em todas as naçoens do Mundo, e em todos os tempos, o partido governante se inclinou a estabelecer ésta concentração de poderes, que se chama o despotismo; e isto por duas razoes; uma pela ambição e vaidade de governar absolutamente, e sem restricçoens; outra pela difficuldade que ha em governar um povo livre, que tendo a faculdade de disputar os motivos, e conducta dos que

governam, exige nas pessoas, que estão á testa dos negocios, habilidade, e assiduidade nos seus empregos; e talentos para se justificarem contra os seus opposentes, que sempre existem publicamente nos governos livres; e éstas bellas qualidades se fazem desnecessarias nos governos despoticos; onde se tracta de estabelecer a maxima; que a authoridade extrinseca dos que governam merece sempre obediencia, só por isso que elles govêrnam; de maneira, que uma vez que ésta maxima está bem estabelecida, he ja escusado ao Ministro, para ser obedecido, que tenha talentos para excogitar planos uteis á nação, nem agilidade para executar as medidas convenientes.

Em Inglaterra pois se ácha que nesta luta, sacrificando os Inglezes, em repetidas occasioens, o seu socego, e as suas vidas, para não deixar ao partido governante usurpar todo o poder, tem-se conservado illesa a feliz Constituição do Reyno; entretanto que em Portugal, fosse demasiada habilidade dos que governávam, comparada com a ignorancia dos povos, desde a introducção da Inquisição; fosse fraqueza e falta de patriotismo nos individuos, que antes queriam um repouso de escravos, do que os encommodos e perigos necessarios para obter uma liberdade bem entendida, como a que seus antepassados possuiram, e agora possuem os Inglezes; o certo he, que deixáram annihilas as instituições a que estava inherente a liberdade dos individuos, e a prosperidade da nação.

He porem necessario, que o Leitor entenda sempre as minhas proposições no sentido, que anima as minhas intenções de escrever; e que fórmam a baze dos meus principios tanto theoreticos como practicos; isto he que a obediencia, e o respeito ao Soberano são um dever sagrado; que o cidadão, que assim não cumpre, insulta a honra de sua patria, faltando ao respeito devido ao Cabeça da nação; e se expoem a produzir a anarchia, o maior crime que se pode cometter n'um Estado; pelos muitos

crimes que ella traz apoz de si. Quando pois fallo de que a nação não deixe ao partido, que governa, apoderar-se de direitos, que não competem ao Monarcha; entendo por isto os remedios legaes; quaes elles sejam, em Portugal, a historia da nação os mostra, e eu terei occasião de os tocar para o futuro.—Porque he tão indigno do homem honrado faltar ao respeito devido ao governo; como he injurioso á nação soffrer os abusos de poder, que as leis ensinam a remediar.

As restricções, bem entendidas, do podêr da coroa em Inglaterra, dão ao Soberano uma solidez, e permanencia de poder, de que elle nunca gozaria se fosse despotico; e desta segurança, e inconcussa firmeza do throno, que tem a sua baze na liberdade da nação, se segue, que o povo jamais pode tentar o menor ataque contra o poder executivo; porque sabendo a intima connexão que elle tem com a prosperidade da nação, e resto da fabrica politica do Estado, conhecem todos que o mal recahiria sobre a nação, e perderiam as vantagens de que agóra gozam, e que um habil author reduzio ás seguintes. 1<sup>a</sup>. As restricções da authoridade governante. 2<sup>a</sup>. A liberdade de fallar, e de escrever. 3<sup>a</sup>. A illimitadissima liberdade, nos debates do corpo legislativo da nação. 4<sup>a</sup>. A balança de poderes, que restringe aos justos limites cada uma das ordens do Estado. 5<sup>a</sup>. A faculdade que tem todos os individuos de tomar uma parte activa nos negocios do Governo. 6<sup>a</sup>. A estricta imparcialidade com que se administra a justiça sem distincção de pessoas. 7<sup>a</sup>. A brandura das leis criminaes, 8<sup>a</sup>. A obediencia da authoridade governante á letra das leis. 9<sup>a</sup>. A submissão do poder militar ao civil.

Eu não emprehando o panegirico; mas a justificação da Constituição Portugueza; e portanto não deixarei de confessar os defeitos, quando os houver, assim como intento mostrar-lhe as perfeições. A obscuridade em que

agora se acha a nação Portugueza, de certo, não he devida à pequenez de seu territorio; e se as minhas multiplicadas occupaçoens me permittirem continuar ésta serie de ensaios, não só mostrarei, que os antigos Portuguezes estabelecêram uma constituição assas sabia, e bem calculada, para fazer prosperar o Estado, mas que, em consequencia disso, fizêram uma figura no Mundo tanto ou mais brilhante do que a maior parte dos Estados da Europa, que se lhe avantajávam em territorio, e população; e os nomes Portuguezes que ainda conservam inumeraveis portos, rios, ilhas, e mares do Oriente, são um padrão das victorias dos Portuguezes, que só um sceptico poderia por em questaõ.

O mais leve conhecimento da historia Portugueza será bastante para mostrar, que o espirito publico, e até o valor da nação se fõram extinguindo á proporção, que a ignorancia, e o despotismo solapáram a liberdade dos Portuguezes. O despotismo favorece sempre a ignorancia; ésta he o unico apoio do despotismo; porque a força está da parte da multidão, e só as noçoens erradas, e prejuizos fomentados pelo mesmo despotismo, he que podem conter em sujeição abjecta essa multidão, que possui o poder phisico.

Mas deixando á parte as noçoens meramente especulativas, e theoreticas de governo, reduzindo ésta materia a certos pontos essenciaes, tomarei em cada um delles um periodo na historia de Portugal, e o compararei com o seu correlativo na de Inglaterra; depois mostrarei os progressos de declinação em uma parte, e os de perfeição na outra; trazendo a historia destes pontos de direito publico, em quanto elles fõrem susceptiveis disso, até aos tempos em que vivo; sendo, como sou, testemunha da grande prosperidade de uma nação, e da quasi annihilação da outra.

Ha tambem alguns pontos de direito particular, que merecem sêr examinados, junctos com os de direito publico; ja pela sua intima connexaõ com os principios da constituição politica, ja pela influencia que tem, no gozo da liberdade individual; e estes seraõ tractados da mesma maneira historicamente.

Tomando, pois, por concedido, que tanto os fundadores da Monarchia Portugueza, como os da Ingleza, fôram os povos do Norte, que invadiram o Imperio Romano; e que esses povos se governávam por leis e costumes, muito analogos uns aos outros; me dispensarei de entrar na discussaõ da origem destas naçoens. E como a destruição da Heptarchia em Inglaterra, que consolidou a Monarchia Ingleza, he de data mais antiga do que o estabelecimento do Reyno de Portugal, em D. Afonso Henriques; será dos tempos deste em que o parallelo dos dous governos deve começar; com o reynado de Guilherme o Conquistador, em 1066, periodo mui proximo ao de 1094, em que o Conde D. Henrique passou a Portugal.

A falta de documentos authenticos, e positivos, por onde se possam provar muitas proposiçoens do direito publico destas naçoens, obrigam necessariamente a recorrer, tanto em Inglaterra como em Portugal, aos costumes dos povos do Norte que havendo passado o Rheno se apoderáram de toda a Europa. Os seus principes não tinham outro titulo ao poder que exercitávam, senão o seu valor, e a livre eleição dos povos; e como estes nos seus desertos tinham mui limitadas ideas do poder Soberano seguiam aos seus chefes, menos em qualidade de vassallos ou subditos, do que na de companheiros na conquista.

Guilherme o Conquistador, passando da França á Inglaterra depois do governo feudal estar estabelecido no Continente, não podia deixar de trazer com sigo as mesmas ideas de que deviam estar imbuidos todos os capitaens que o acompanháram, e porquem elle dividio a terras que



tomou. Da mesma forma o Conde D. Henrique Francez de Origem, e acompanhado por guerreiros da mesma classe e descendencia não podia deixar de levar da França, a Portugal as mesmas ideas de governo que passáram á Inglaterra. Esta presumpção fundada em factos historicos, de que ninguem duvida, he corroborada por um sem numero de exemplos em que os Baroens se oppuzéram á vontade dos Soberanos, ajustando-se as suas differenças ou pela força armadá, ou por meio de pactos; e com a intervenção da terccira classe, da nação.

Tanto em Inglaterra como em Portugal, a força da espada atropelou muitas vezes a justiça das leis; mas nem por isso deixáram mesmo os vencedores de alegar os direitos, em que fundávam as suas pretensões; porque raras vezes a maldade chega ao ponto de perder o respeito até á opiniaõ publica; e ainda que um politico seja assaz depravado para tractar com indifferença os principios do justo, e do injusto; se he bastante illuminado para conhecer os seus seus interesses, na arte de governar, não deve perder nem perde occasioens de justificar a sua conducta; senão por solidas razoens, quando as não tem, ao menos por argumentos especiosos.

Daqui vem que, não obstante a confusão daquelles tempos, acham-se monumentos das discussoens, e allegações que se fizéram por uma e outra parte, para occupar ou reivindicar estes ou aquelles direitos reaes ou imaginarios; e assim, pelas suas mesmas allegações, poderemos concluir quaes éram as pretensões, e poderes dos Soberanos, dos Baroens, e dos povos.

Concluirei pois este pequeno prefacio aos meus ensaios, observando; que a discussão dos pontos de direito publico de qualquer nação, he materia tão essencial aos que governam como aos que são governados; porque se o orgulho de alguns homens, que commandam uns poucos de soldados lhes faz suppor, que o poder da força basta para gover-

nar ; esse engano provem de não reflectir, que o exercicio do poder, quando não tem por objecto o bem dos que lhe são subordinados, não he outra cousa mais do que *o direito do mais forte* ; o qual póde, pela mesma razão, ser repellido por uma reacção fundada no mesmo principio ; e quem diz eu governo-te por que sou mais poderoso ; parece aconselhar aos outros, que adquiram força, para ter a sua vez em governar. Não he assim a respeito dos principios fundados na razão de direito, segundo o qual a justiça da causa, e não o poder da parte deve decidir a questão.

—◆—

*Continuação da serie de buletims Francezes.*

*Buletim 11.* Ebersdorf, 24 de Maio, 1809.

O marechal duque de Dantzick está senhor do Tyrol : entrou em Inspruck aos 19 deste mez. O paiz se lhe submetteo inteiramente. Aos 11, tinha o duque de Dantzick tomado a forte posição de Strub-Pass, e tomou ao inimigo 7 canhoens e 600 homens.—Aos 13 despois de ter battido Chasteller na posição de Vergen, e de o ter completamente derrotado, tomando-lhe toda a sua artilheria, o perseguiu alem de Rastenbergo. Este miseravel deveo a sua salvação á velocidade do seu cavallo. Ao mesmo tempo o gen. Deroy, tendo bloqueado a fortaleza de Kufstein, fazia a sua junção com as tropas que o duque de Dantzick commandava em pessoa. O marechal louva a conducta do major Palm, do chefe do batalhão ligeiro Bavaro, do Tn. corone Haberman, do capitão Haider, do capitão Bernard do terceiro regimento de cavallaria ligeira de Baviera, dos seus ajudantes de campo Montmarie, Maingarnaud, e Montelegier, e do chefe de esquadraõ Fontange, official do estado-maior.—Chasteller havia entrado no Tyrol com um punhado de mãos homens ; prégon a revolução, o roubo, e o assassinato.—Vio estrangular debaixo dos seus olhos muitos milhares de Bavaros, e uma centena de soldados Francezes. Animou os assas-

sinios pelos seus elogios, e excitou a ferocidade dos Ursos das montanhas. Entre os Francezes, que perecêram, nesta mortandade, se acham uns sessenta Belgas, todos compatriotas de Chasteller. Este miseravel cuberto de beneficios pelo Imperador, quem deve o ter recobrado os bens, que importam em muitos milhoens, éra incapaz de experimentar sentimentos de gratidaõ, nem estes affectos, que ligam até os barbaros, ao paiz que lhe deo o nascimento.—Os Tyrolezes tem em execraçaõ os homens, cujas perfidas insinuaçoens os tem excitado, á revolta, e chamado sobre si as infelicidades que ella traz com sigio. O seu furor contra Chasteller he tal, que, quando elle se salvou depois da derrota de viergel, elles o apanháram em Hall, fustigáram-no, e maltratáram-no ao ponto que foi obrigado a passar dous dias de cama. Ao despois atreueo-se a apparecer para pedir capitulaçaõ. Respondeo-se-lhe que se não capitulava com um salteador, e elle fugio a toda a pressa para as montanhas de Carinthia.—O vale de Zillerthal, foi o primeiro que se submetteo; entregou as armas, e deo refens: o resto do paiz seguio este exemplo. Todos os chefes ordenáram aos paizanos, que se mettessem em suas casas; e observou-se que de todas partes desciam das montanhas; e vinham para as suas aldeas. A cidade de Inspruck, e todos os circulos enviáram deputaçoens a S. M. El Rey de Baviera, para protestar a sua fidelidade, e implorar a sua clemencia. O Voralberg que as proclamaçoens incendiarias, e as intrigas do inimigo tinham tambem illudido, imitará o Tyrol; ésta parte da Alemanha será subtrahida aos desastres, e aos crimes das insurreiçoens populares.

*Combate de Ursar.*

A 17 deste mez, ás duas horas despois do meio dia, tres columnas Austriacas, commandadas pelo gen. Granville, Bucalowitz, e Somariva, e sustentadas por uma reserva ás ordens do gen. Jellachich, attacáram

o gen. Vandamme, na aldea de Ursar, diante da cabeça de ponte de Lintz. Neste momento chegou a Lintz o marechal Príncipe de Pontecorvo, com a cavallaria, e a primeira brigada de infantaria Saxonica. O gen. Vandame á frente das tropas Wirtemberguezas, e com quatro esquadroens de hussares, e de dragoens Saxonios, repulsou vigorosamente as duas primeiras columnas inimigas, expulsou-as de suas posiçoens, tomoulhe 6 peças de artilheria e 400 homens, e poz o resto em fugida. A terceira columna inimiga appareceo sobre as alturas de Bolingsberg, ás 7 horas da tarde, e a sua infantaria corou, em um instante, o cimo das montanhas vizinhas. A infantaria Saxonica attacou o inimigo com impetuosidade, expulsou-o de todas as suas posiçoens, tomou-lhe 300 homens, e muitas caixas de muniçoens. O inimigo se retirou em desordem para Frezstadt, e Haslach. Os hussares, que se mandáram em seu seguimento trouxéram muitos prisioneiros. Acháram-se nos matos 500 espingardas uma quantidade de carroças, e caixas cheias de artigos de vestuario. A perca do inimigo alem dos prisioneiros, he de 2000 homens mortos ou feridos. A nossa não chega a 400 homens, que ficassem incapazes de combater. O marechal príncipe de Pontecorvo fez muitos elogios ao gen. Vandamme. Elle louva a conducta de M. de Leschwitz, gen. em chefe dos Saxonios, o qual conserva, em 65 annos, a actividade e ardor de um mancebo; do gen. de artilheria Mossel, do general Gerard, chefe do estado-maior, e do tenenente coronel ajudante de campo Hamelinaie.

### *Exercito da Italia.*

O Vice Réy commandante em chefe, informou o ministro da guerra da serie de operaçoens do exército da Italia. Segundo a relação dos prisioneiros, a perca que o inimigo soffreo na batalha de Piava, chegou a 10.000 homens. O marechal de campo Wauxelle he um dos mortos e um dos dous generaes, Giulay, foi ferido mortalmente. Depois da batalha do Piava, foi o inimigo perseguido, e a panhado em Sacile, ao momento em que trabalhava por estabelecer os seus reductos, para ganhar tempo; foi attacado e posto em fugida; tomáram-se-lhe alguns centos de prisioneiros. Na manhã de 10, se continuou a perseguir o inimigo, e a guarda avançada trouxe um grande numero de prisioneiros, Dous batalhoens de infantaria ligeira, do 23, que tinham sido enviados sobre Brugniera, alcançáram a cauda de uma columna inimiga, tomáram-lhe 500 homens, e uma peça de artilheria.—Aos 11, todo o exercito passou o Tagliamento; e encontrou o exercito Austriaco, em S. Daniel, ás 3 horas depois do meio dia. O gen. Giulay oc-

cupava as alturas, com muitos regimentos de infantaria, muitos esquadroens de cavallaria e cinco peças de artilheria. O archiduque Joaõ ahi se achava em pessoa tinha mandado resistir até a ultima extremidade, para dar tempo ao resto do exercito a desfilar ao longo do vale de la Fella. A posiçãõ foi logo attaccada; o inimigo foi expulso de todas as alturas, e posto na maior desordem: á meia noite a nossa guarda avançada se postou sobre o Ledrá. O inimigo perdeu no combate de S. Daniel 2 peças de artilheria, 600 homens mortos ou feridos; a bandeira, 1500 homens do regimento de Rieski. Nos tivemos 200 homens mortos ou feridos.—Aos 12 o gen. Grouchi expulsou o inimigo para alem do Isonzo, tomou-lhe 800 homens, e apoderou-se em Udina de todos os seus armazens, seus pontoens, e muitos carros de equipagem. No mesmo dia o Coronel Giflenga á frente de um esquadraõ do 6 de hussares, e um esquadraõ dos dragoens da Rainha, alcançaram uma columna que se retirava para Gemmona. Carregou tambem derrotou o inimigo, quem tomou 800 homens, em que havia 8 officiaes, uma bandeira, e uma bandeira do regimento de Francisco Jellachich.

—

*Buletin* 12. Ebersdorf, 26 de Maio de 1809.

Empregou-se toda a jornada de 23, e a noite de 23 a 24 em reparar as pontes. Aos 25 ao amanhecer estavam ja promptas. Os feridos e caixoens vazios, e todos os objectos que éra necessario renovar, passaram para a margem direita. A enchente do Danubio devia ainda durar até 15 de Junho julgou-se que, para contar seguro com estas pontes, convinha plantar adiante das linhas estacas a que se amarrasse uma grande cadea de ferro, que está no arsenal, e que foi tomada pelos Austriacos aos Turcos, que a destinavam a um semelhante uso.—Trabalhou-se nestas obras com a maior actividade, e ja se começam a enterrar as estacas; por este meio, e com as fortificaçoens que se fazem na margem esquerda estamos seguros de poder manobrar em ambas as margens, á nossa vontade.—A nossa Cavallaria ligeira está defronte de Presbourg, apoiada contra o lago de Neusiedel. O gen. Lauriston está na Styria, sobre o Simeringberg, e Bruck. O marechal duque de

Dantzick vai a marchas forçadas, com os Bavaros; e não tardará a unir-se ao exercito juncto a Vienna.—Os caçadores de cavallo, e a guarda chegáram hontem; os dragoens chegaraõ hoje; em poucos dias se espera que cheguem os granadeiros de cavallo, e 90 peças de artilheria da guarda. Desde a capitulaçaõ de Vienna temos feito prisioneiros sette tenentes-marchaes-de-campo, nove major-generaes, dez coroneis, 20 majores e tenentes-coroneis, 100 capitaens, 15 tenentes, 200 subtenentes, e 300 sub officiaes e soldados, entre os quaes se naõ comprehendem os homens, que estávam nos hospitaes, e que montam a muitos milhares.—O archiduque dirigio ao duque de Ragusa a carta aqui juncta, datada de Conegliano, aos 17 de Abril. A posteridade apenas poderá crêr, que os principes de uma casa illustre, de quem o publico tem o direito de exigir procedimentos, que inspiram uma situaçaõ elleuada, e uma educaçaõ bem cuidada, sêjam capazes de uma acçaõ taõ contraria á delicadeza, que regula a conducta de todos os homens bem educados, e aos sentimentos que dirigem a gente honrada. O principe Joaõ he o mesmo que, nos campos de Hoheinlinden, mostrou tanta falta de experiencia e taõ pouca coragem. A vantagem ephemera, que obteve em Italia, á custa de uma traiçaõ, atacando um exercito espalhado em seus acantonamentos, debaixo da fé dos tractados, e do direito das gentes, exaltáram o seu orgulho. E para com elle, assim como para com todos os homens, cujo character he sem elevaçãõ, um momento de prosperidade produzio uma farronada, e a arrogancia. Hoje, fugindo em desordem, expulso, e affrontado por toda a Italia, as circumstancias ajunctam ao odioso da carta, que escreveo, o mais evidente ridiculo. Um general, que foi capaz de a assignar, naõ he digno do nome de soldado; elle naõ conhece nem os deveres nem a honra da profissaõ. O duque de Ragusa fez da sua carta o caso que devia fazer, naõ lhe respondeo

senaõ com o silencio e com o desprezo.—Esperando o signal de entrar em actividade, reunio o duque de Ragusa o seu exercito ante Kuin, aos 27 de Abril, houvéram muitas escaramuças com o inimigo: o gen. Soyez, que estava de observaõ, em Ervenich, o derrotou, e obrigou a retirar-se. Apparecendo varios destacamentos na margem esquerda do baixo Zermagna, o coronel Caseaux, com um batalhaõ do regimento 18 de infantaria ligeira, os encontrou nas alturas da aldea de Obrovatz, e ainda que fossem superiores em numero, derrotou-os, matou-lhe ou ferio-lhe 400 homens, e fez alguns prisioneiros.—Houve tambem outra acçaõ, no alto Zermagna, entre as tropas da divisaõ do gen. Clausel, e uma guarda avançada Austriaca, de 5. a 6.000 homens, que sahia á planicie de Bender. Um batalhaõ do 11, e os volteadores do 8 carregáram dous batalhoens do regimento Sluin, e um batalhaõ de Ottochatz, e os precipitáram em um pantano, onde fizeram nelles grande carnagem. O principal do exercito do duque de Ragusa estava a 20 milhas de Zara, aos 5 de Maio, prompto a por-se em movimento, para unir-se ao exercito de Italia.

*Carta do Archiduque ao duque de Ragusa.*

Sem duvida vos terá chegado o rumor das victorias alcançadas por minhas armas. Seis dias de combates consecutivos leváram o exercito Francez das margens do Isonzo até alem do Piava; a minha guarda avançada passou alem deste rio, e não acha outro obstaculo para combater senaõ dez mil prisioneiros, que tem de conduzir; a artilheria, e carros immensos que cobrem os caminhos. O povo no Tyrol levantou-se ao ver approximar-se a tropa Austriaca, e desarmou o corpo Bavaro, espalhado no paiz. Em fim de todas as partes os mais brilhantes successos coroáram os nossos esforços. Estas vantagens, e a segurança de que o exercito, que tenho diante de mim, não tem senaõ reservas novas que apresentar-me, me puzêram em estado de dispor de uma, que vou dirigir para a Dalmacia. Neste estado das cousas as hostilidades de vossa parte seriam sem proveito; o sangue, que ellas custariam, inutilmente derramado, seria desde entaõ perdido para a gloria. He logo, Snr' Duque tendo em vista o

vosso proprio interesse, assim como o desejo de diminuir os males da guerra, que vos requeiro o depôr as armas, com o corpo que commandais. Condiçoens honrozias taes quaes merecem a reputaçã de vossas tropas, e a alta dignidade que occupais, vos serã concedidas. A minha intençã he soccorrer a humanidade, e naõ humilhar os valerosos.—Espero pois Snr'. Duque, que respondereis de uma maneira satisfactoria as proposiçoens que vos faço, e desejo vivamente, que me procureis, em breve, occasions de testemunhar pessoalmente a estimaçã, e consideraçã com que sou, &c.

(Assignado) JOAÕ, Archiduque de Austria.

Quartel-general de Conegliano, 17 de Abril, 1809.

*Relaçã official das operaçoens da divisaõ Wrede no Tyrol. Munich, 20 de Maio, de 1809.*

Aos 15 o marechal duque de Dantzick deo ao Ten. gen. de Wrede ordem, para ir com a 2 divisaõ Bavara de Rattemberg para Schwartz. O valente major de Zaiger, que commandava nesse dia os carabineiros da primeira brigada foi morto, e o tenente Schmiec foi ferido. Obteve-se bem depressa, he verdade, o fazer callar o fogo dos rebeldes, mas logo tentãram disputar a passagem do Zill. Repulsados, nesta parte se retirãram para uma capella, situada juncto a uma garganta, enviãram sette deputados até o pé da montanha, e pediram o submeter-se, mas apenas o tenente general baraõ de Wrede se avançou para estes deputados, com um trombeta e alguns cavallos ligeiros, matãram o cavallo do cabo de esquadra ordenança, e dêram uma carga geral á vanguarda. Algumas granadas, que o tenente coronel baraõ de Gravenruth dirigio bem, bastãram para os dispersar; entretanto naõ pode a divisaõ continuar a sua marcha para Rotholtz, senã debaixo de um fogo vivissimo da parte dos rebeldes. Em Rothholtz, os insurgentes, postados sobre as montanhas de ambas as partes, augmentãram o fogo; mas a batteria Kaspers, e algumas descargas de mosquetaria os dispersãram. Quando a vanguarda se aproximou a Schwartz, onde o vale se abre sobre uma planicie assaz extensa; percebeo-se um batalhaõ Austriaco, pouca cavallaria, e alguns batalhoens de milicia, e muitos corpos de insurgentes em marcha. O tenente general, Baraõ de Wrede, fez logo avançar a artilheria a fim de canhonar o inimigo, e de o repulsar; mas os rebeldes se lançãram na cidade, e foi logo facil prever que elles tinham tomado, com os Austriacos, a terrivel resoluçã de a defender. Como o terreno éra favoravel, o tenente general Baraõ de Wrede conduzio em



pessoa o regimento de cavallaria ligeira de Linange, para attacar o batalhaõ Austriaco; este foi derrotado, passando-se á espada, ou aprisionando-se a maior parte. O valoroso tenente coronel Principe Löwestein ficou nesta occasiaõ gravemente ferido por um tiro. Cahindo do cavallo gritou aos seus camaradas, “dizei ao Tenente general, que eu morro por El Rey e pela Patria.”—Os Austriacos se lançáram entaõ com os rebeldes nas casas; outra parte trabalhou por ganhar a ponte; a batteria de Kaspers chegou a conseguir o impedir-lhe que a não destruíssem de todo: entretanto, para conseguir completamente este fim, éra preciso expulsar o inimigo da Cidade. Os carabineiros da primeira brigada apoderáram-se do arrabalde, o 6º batalhaõ de infantaria ligeira, e o 3º regimento do duque Carlos, se avançáram para tomar a cidade por assalto. Duas vezes chegou o tenente general de Wrede até o meio da cidade; e duas vezes o fogo dos rebeldes, e dos Austriacos, que attiráram das casas sobre as tropas Bavaras, o obrigou a retrogradar até a igreja principal. Em fim o regimento 13 de infantaria chegou, e deo novo assalto. Tudo quanto se achou de inimigos nas ruas, e nas casas, foi morto ou feito prisioneiro: no numero d’estes se acharam tres capitaens e 132 soldados do regimento Austriaco de Devaux. A carnagem foi horrosa, e a coragem das nossas tropas sem limites. O tenente Rudersheimer morreo: o tenente coronel Baraõ de Rudenstein, o tenente Baraõ de Beulwitz, e o tenente Kommender ficáram feridos. Durante o assalto foi a ponte tirada, e toda a divisaõ se desenvolveo na planicie diante da Cidade, sobre a margem esquerda do Inn, por detraz da aldea de Vomp. A segunda brigada de infantaria do major general Beckers passou entaõ á primeira linha, e perseguio os restos do inimigo até Terfen. A divisaõ estava mui fatigada para poder ir mais adiante, nesse dia. A penas as tropas tinham entrado na guarda de *bivouac*, quando appareceo um incendio nos arrabaldes adiante e atraz da cidade, sendo isto causado pelos obuses que se haviam atirado durante o ataque e em menos de hora meia, estávam os arrabaldes em chamas. O Ten. general ordenou logo um destacamento dos regimentos 3 e 13 de infantaria, para que trabalhassem em extinguir o fogo; mas como faltávam as machinas necessarias, e os habitantes haviam fugido, foi ao outro dia pelo meio dia, que estes dous regimentos, fazendo todos os esforços, pudéram conseguillo. A’s 8 horas da tarde se levantou um vento forte, que assoprava para a parte da cidade que se tinha preservado, as faiscas ateáram ahí um fogo, que foi impossivel extinguir, a maior parte desta florecente cidade ficou re-

duzida a cinzas. No mesmo dia atacou o inimigo quatro vezes a linha de postos avançados do major general Conde Beckers, mas foi sempre repulsado. O coronel do 6º regimento de infantaria, Conde de Spreti, foi ferido.

*Munich, 22 de Maio.* Recebemos neste instante a agradavel novidade de que a deputação do Tyrol, chamada nacional, e protectora, se submetteo, á discripção, ás armas Bavaras, ao momento em que o marechal duque de Dantzic, com a terceira divisaõ Bavara ás ordens do tenente general Deroi; e a segunda debaixo das ordens do tenente general Bavaro, de Wrede, iam avançando de Terfen, ao longo das duas margens do Inn. Tinha-se concluido, aos 17 ás seis horas da tarde, uma suspensaõ de armas, com os insurgentes, por 36 horas, que pediram ao despois uma prolongaçãõ deste termo, o que se lhe recusou. As tropas Bavaras entrãram em Inspruck, aos 19, pelas 4 horas da tarde. Os paizanos armados voltãram arrependidos para os seus lares, e se restabeleceo a antiga ordem das cousas.—O ajudante general, e major Austriaco Baraõ de Feither, e o major Teimer propusêram, no mesmo dia, aos insurgentes, que concluisssem uma capitulaçãõ em nome dos commandantes Austriacos, mas o Tn. general Baraõ de Wrede respondeo, naõ entraria na capital do Tyrol para capitular, mas para vencer.

*Quartel general de Ebersdorf, 20 de Mayo.* As pontes do Danubio estaõ acabadas, e todo o exercito passa neste momento. Diz-se que o inimigo está daqui a quatro leguas. Naõ se atreveo a oppôr-se a ésta operaçãõ, que um general responsavel naõ haveria tentado, por causa das grandes difficuldades que ella apresenta. O genio de S. M. tem paralizado os seus inimigos. Opêra nelles o effeito da cabeça de Medusa. As armas do Imperador triumpham em todos os pontos. Os Polacos, com 11.000 homens apresentãram a bayoneta ao Archiduque Fernando, e penetrãram a Galicia. O exercito de Italia avança victorioso. Os tyrolezes estaõ batidos e bem depressa será Inspruck occupada. O exercito do gen. Bellegarde quiz apoderar-se da cabeça de ponte de Lintz: o principe de Ponto corvo e o gen. Vandamme, o derrotãram, tomando-lhe 16 peças de artilheria, e 1.500 prisioneiros. Em todos os outros tem havido combates igualmente felizes, posto que menos importantes.

*Frankfort, 26 de Maio.* Trinta e cinco mil homens de infantaria, entre os quaes se observãram muitos batalhoens do primor da guarda Imperial, atravessaram a nossa cidade para ir a Hanau, e incorporar-se ahi com o corpo de exercito ás ordens do marechal duque de Valmy. Mais 22.000 homens estaõ em marcha com o mesmo des-

timo. O parque da artilharia deste exercito, composto de 38 bocas de fogo, chegou ja; e tambem um corpo de 7.000 cavallos ligeiros do gram ducado de Berg. Aos 23 chegarã aqui dous batalhoens de infantaria, e uma bateria de artilheria volante. Mr. Simeon, ministro plenipotenciario de S. M. El Rey de Westfalia, juncto a S. A. I. o Principe Primario, e de S. A. R. o Gram duque de Hesse, ha alguns dias que se acham em Frankfort. A gazeta da Corte de Stutgardt publicou, aos 22, uma relaçaõ official das operaçoens do corpo d'exercito Wurtemberguez, datada do quartel general de Lintz, aos 18 de Maio, trazida a S. M. aos 23, pelo tenente Conde de Southein, e concebida nestes termos.—“ Recebendo-se, aos 15' a noticia de que o inimigo ameaçava Lintz; se pôz a brigada de infantaria ligeira e os dous regimentos de caçadores de cavallo, na linha de Mathausen, Weikersdorf, e Hölmansöd: a brigada de Scharffenstein occupou a cabeça de ponte; e a brigada de Franquemont ficou em Lintz para formar um corpo de reserva. Havendo o inimigo feito avançar 4 a 5.000 homens, com seis canhoens, sobre Hölmansöll; o corpo de exercito real se retirou e se concentrou quasi inteiramente na cabeça de ponte. Esta retirada se fez na melhor ordem. O Cap. Werder, do Estado maior dos caçadores de cavallo do duque Luiz; e o Cap. Ssarkloff do batalhaõ de caçadores do Neuffer, conduziram a retaguarda com a maior habilidade. Aos 16 não fez o inimigo progressos; mas aos 17 se apresentou com grande superioridade de forças. Neste dia o corpo de exercito de Wurtemberg com o exercito chamado de Bohemia, commandado pelo Conde Kollowrath, e composto de 26.000 homens, a quem não podia oppôr senã 10.000 homens; porque tinha sido obrigado a destacar precedentemente muitos regimentos; o valor eminente das tropas de Wurtemberg descompos os projectos do inimigo, que foi repulsado com grande perca. Nesta jornada taõ gloriosa para as armas de S. M. o inimigo atacou com a maior impetuosidade os postos avançados, cerca da uma hora depois do meio dia, repellios até Koxbach, e desenvolvendo sempre forças mais consideraveis, manifestou claramente o seu plano de penetrar até Lintz. As brigadas de Franquemont e de Scharffenstein, se avançaram entã com a bateria do Cap. Brand; e se formáram na esquerda de Dornach, marchando logo ao iniinigo. Este tinha na sua ala direita uma aldeia situada sobre um rochedo, e occupada por um corpo, que cubria o seu flanco direito, e que ameaçava voltar a nossa ala esquerda. Os coroneis de Brussele e de Wolff, apezar do fogo do

inimigo, ganharam esta aldea á bayoneta, com os seus batalhoens; o primeiro dos quaes voltou o posto, e o segundo atacou em frente, O Cap. de Baur; do quartel general do estado maior, que conduzia o batalhaõ de Wolff, foi morto de um tiro. Nestas acçoens os regimentos de Neubronn e de Phull, tinham desdobrado as suas columnas, atacado e penetrado a ala direita do inimigo, com valentia incomparavel. O regimento de caçadores do duque Luiz, junctamente com o esquadraõ de Milkau de caçadores do Rey, atacou a ala esquerda do inimigo, tomou-lhe 4 canhoens e fez experimentar á sua artilheria uma perca consideravel em mortos e feridos, e prisioneiros. O inimigo derrotado se retirou pelo caminho de Gallneukirchen.—Outro successo ainda mais glorioso estava reservado para as nossas tropas nesta jornada.— Em quanto os Austriacos, que acabavam de ser derrotados, iam fugindo, outra columna inimiga se avançava de Friestadt por Zweten, para cortar a retirada do nosso corpo de exercito. O major-general Hügel, á frente do batalhaõ de caçadores de Rey, e de parte do de Neuffer, conseguiu, por habéis manobras, derrotar completamente esta columna. Propunha-se a ganhar o castello de Steinruch, o ponto mais elevado dos arredores; chegou ás 10 horas da noite a pezar das multiplicadas descargas da infantaria ligeira do inimigo; e abrindo caminho por desfiladeiros entre rochedos, por meio dos atiradores Austriacos, com uma tropa exausta de fadiga, e que ja não tinha com que atirar um tiro de espingarda. O feliz successo desta manobra desconcertou o inimigo, a obscuridade da noite favoreceo a evasão de grande parte dos prisioneiros, dos quaes so restaram 300. A perca do inimigo, nesta jornada, consiste em 4 peças de artilheria, 22 officiaes, e 800 a 1.000 prisioneiros. Nos perdemos 6 officiaes, o Cap. Baur do quartel general do Estado maior, os Tn. d'Adelsheim, dos caçadores do duque Luiz; Schwartz do regimento de Phull; Dotschmann, do regimento de Neubronn; os Cap. de Moter, e Wibbeking, os caçadores do Rey, que morreram no campo de honra; temos alem disso 20 soldados mortos e 211 feridos. Os officiaes feridos são o major Hovel, os capitaens Schimid e Sattler, e o tenente Neubronn: o cap. Lienhart; os tenentes Imthurn, dos caçadores do Rey, e Groschob, dos caçadores de Neuffer.

*Buletim 13.* Ebersdorf, 28 de Maio, de 1809.

Na noite de 26 para 27, fôram as nossas pontes sobre o Danubio arrebatadas pelas aguas, e pelos moinhos, que se largaram. Não tinha ainda havido tempo para acabar

a estacada, e fixar a grande cadea de ferro: hoje se restabeleceu uma das pontes; espera-se que a outra o será amanhã.—O Imperador passou o dia de hontem sobre a margem esquerda para visitar as fortificações, que se fazem sobre a ilha de In-der-Lobau; e para ver muitos regimentos do corpo do duque de Rivoli, que estão de posse desta especie de cabeça de ponte.—Aos 27 ao meio dia, o Cap. Bataille, ajudante de campo do principe Vice rey, trouxe a agradavel novidade da chegada do exercito de Italia a Bruck. O gen. Lauriston tinha mandado ao seu encontro, e a junção fez-se em Simeringberg. Um caçador do 9º, que marchava como batedor de estrada de um reconhecimento do exercito da Italia, encontrou um caçador de um pelotão do 20, enviado pelo gen. Lauriston. Depois de se terem observado por algum tempo, se reconheceram que eram Francezes, e abraçaram-se; o caçador do 20 marchou para Bruck, para se apresentar ao Vice-rey, eo do 9 se dirigio para o general Lauriston, para o informar da aproximação do exercito da Italia. Havia mais de 12 dias que os exercitos não tinham noticias uns dos outros. Aos 26 pela tarde estava o gen. Lauriston em Bruck, no quartel general do Vice-rey. Este tem mostrado, em toda esta campanha, um sangue frio, e um golpe de vista, que presagiam um grande capitaõ.—Na relação dos factos que tem illustrado o exercito de Italia, durante os 20 dias proxime passados; notou S. M., com prazer, a destruição do corpo de Jellachich. Foi este general o que fez aos Tyrolezes aquella insolente proclamação, que incendiou o seu furor, e aguçou os seus punhaes. Perseguido pelo duque de Dantzick, ameaçado de ser tomado pelo flanco pela brigada do gen. Dupellin, que o duque de Auerstadt tinha feito sair por Mariazell, veio a cair como em um laço, diante do exercito de Italia.—O archiduque Joaõ, que em tão pouco tempo e no excesso de sua presumpção, se degra-

duou por sua carta ao duque de Ragusa, evacuou Gratz hontem, 27, levando apenas 30, ou 25.000 homens deste bello exercito que tinha entrado na Italia. A arrogancia, o insulto, as provocaçoens, a revolta, todas éstas acçoens que trazem o character do furor, se tórnam em vergonha sua. Os povos da Italia se tem conduzido como o poderiam fazer os povos da Alsacia, da Normandia, ou do Delphinado. Na retirada dos nossos soldados, elles os acompanhavam com lagrimas, e votos. Conduziam por desvios, os homens extraviados, acompanhando-os por cinco dias até chegarem ao exercito; quando algum prisioneiro, ou algum ferido Francez, ou Italiano, éra trazido pelo inimigo, e passava pelas villas ou aldeas, os habitantes os soccorriam. Durante a noite procuravam meios de os salvar.—As proclamaçoens, e os discursos do archiduque Joaõ, não inspiravam senão desprezo, e irrição: apenas se poderia descrever a alegria dos povos do Piava, do Tagliamento, e do Friul, quando viram que o inimigo fugia em desordem, e o exercito do Soberano e da patria ficava triumphante.—Quando se visitaram os papeis do Intendente do exercito Austriaco, que era ao mesmo tempo chefe do governo e da policia; e que foi preso em Padua, com 4 carros; se descobrio nisto a prova do amor dos povos da Italia ao Imperador. Todos tinham recusado empregos; ninguem queria servir a Austria; e, entre sette milhoens de homens, que compoem a população do reyno, não achou o inimigo senão tres miseraveis, que não repulsaram a sedução. Os regimentos de Italia, que se tem distinguido na Polonia, e que se tinham rivalisado em intrepidez, na campanha de Catalunha, com os mais antigos bandos francezes, se cubriam de gloria, em todas as acçoens. Os povos de Italia marcham a passos largos para o ultimo termo de uma feliz mudança. Esta bella parte do Continente, onde ha tantas lembranças de illustres feitos; que a corte de Roma, que esta nuvem de

frades, e que as suas divisões tinham perdido; torna a aparecer com honra sobre a scena da Europa. Todas as relações, que chegam do exercito Austriaco convem de que, nos dias 21 e 22, a sua perda foi immensa. Segundo as *amaveis* de Vienna, as manobras do general Danubio salváram o exercito Austriaco.

O Tyrol e o Voralberg estão perfeitamente submettidos. A Carniola, a Styria, a Carinthia, o paiz de Saltzbourg, a Austria alta, e baixa, estão pacificadas, e desarmadas.—Trieste, ésta cidade, em que os Francezes e Italianos soffrêram tantos ultragens, está occupada. As mercadorias colonias Inglezas fôram confiscadas. Ha uma circumstancia na tomada de Trieste, que foi mui agradável ao Imperador; e he a liberaçãõ da frota Russiana. Esta tivera ordem de se aparelhar para Ancona; mas retida por ventos contrarios ficou em poder dos Austriacos.—A junçãõ do exercito de Dalmatia está proxima. O duque de Ragusa se poz em marcha, logo que soube que o exercito de Italia estava sobre o Isonzo; espera-se que chegará a Layback antes de 5 de Junho.—O salteador Schill, a quem se dava, com razaõ, o titulo de general no serviço da Inglaterra, depois de haver prostituido o nome do Rey da Prussia, como os satelites da Inglaterra prostituem o nome de Fernando, em Sevilha, foi perseguido e lançado a uma ilha do Elbe. O rey de Westfalia, alem de 15.000 homens de suas tropas, tinha uma divisãõ Hollandeza, e uma Franceza; e o duque de Valmy se reunio, em Hanau, duas divisões do corpo de observaçãõ, commandadas pelos generaes Rivaud, e Despeaux, e compostos das brigadas Lameth, Clement, Taupin, e Vanfreland.—A pacificaçãõ da Suabia deixa sem emprego o corpo de observaçãõ do Gen. Beamont, que se reunio, em Augsburgo, e onde acham mais de 3.000 dragoens.—O furor dos principes da casa de Lorraine, contra a cidade de Vienna, pode pintar-se em um só

traço. A capital he aprovisionada por 4 moinhos, e tabé-  
lécidos na margem esquerda deste rio; elles fizeram-nos  
tirar, ou destruir.

---

*Operaçoens do exercito da Italia.*

O Vice-rey commandante em chefe informa o Ministro da guerra, da serie de operaçoens do exercito de Italia. Depois da passagem do Tagliamento, e das vantagens ganhadas no combate de S. Daniel, a retaguarda do inimigo, que éra sempre perseguida com a espada nos lombos, foi alcançada em Venzone, pela nossa guarda avançada, debaixo do commando do gen. Dessaix. Mostrou querer defender-se, mas foi logo derrotada, tomáram-se-lhe 430 prisioneiros, entre os quaes havia mritos officiaes do Estado-maior.—O gen. Colloredo, que a commandava, foi ferido em uma coxa, por um tiro. A nossa perca consiste em dozes mortos, e 54 feridos.—O inimigo havia queimado todas as pontes do Fella, mas vencêram-se todos os obstaculos. Tinha-se fortificado no forte de Malborghetto, e sobre o monte Predal. Estas posiçoens foram voltadas; a primeira debaixo do fogo do forte, e sem perder um só homem, a segunda pelos vales de recolana e de Dogna. As tropas encarregadas destes movimentos encontráram o inimigo juncto a Tarvis, e tomáram esta villa à bayoneta calada. O forte de Marlborghetto foi canhonado aos 17, desde as 5 horas da manhã, até as nove e meia. Ordenou-se entaõ o assalto. Em meia hora todos os parapeitos, e palissadas fôram assaltados, e penetrados ao mesmo tempo, e o inimigo perseguido e forçado, com grande carnagem, até aos seus ultimos entrincheiramentos. Deixou 300 homens sobre a praça, tomáram-se 350 prisioneiros, dous obuzes, 5 peças de tres, uma de seis, duas de 12, e muniçoens consideraveis. A tomada deste forte, que se chamava *l'Osapo de la carinthia*, só nos custou 80 homens, que ficassem impossibilitados de entrar, em combate. Devemos este pequeno numero de nossos feridos á rapidez com que as nossas tropas se arremecáram. O principe Vice-rey louva o gen. Grenier, que dirigio tudo debaixo de suas ordens; o general Durutte; gen. Patethod, que foi primeiro a entrar nos intrincheiramentos do inimigo; o chefe de batalhaõ Amoretti que foi ferido, o chefe de batalhaõ Colas do regimento 102; e do capitaõ Gerin de artilheria. Os granadeiros e volteadores do 1º de linha, e do 52, 62, e 102, se distinguiram mui particularmente.—No mesmo dia, e immediatamente depois da tomada do forte de Malborghetto, o principe Vice-rey foi sobre Tarvis,



onde uma nova victoria corôou ésta jornada. O inimigo tinha se estabelecido da outra parte do vale estreito e profundo, por onde corre o Schlitz, occupando, com 5 regimentos de linha, e muitos batalhoens Croatas, uma linha dobrada de redutos elevados uns acima dos outros, e guarnecidos por 25 peças de canhão. Deixava ver na retaguarda uma numerosa cavallaria. Estes corpos éram commandados pelos generaes Giulai e Frimont.—A nossa guarda avançada, sustentada pelas brigadas Abbé e Valentin, attacou em frente, e a divisaõ Fontañelli attacou a esquerda do inimigo. Esta divisaõ, que não tinha ainda a sua artilheria, não achou obstaculo no fogo das baterias inimigas, a quem não deo outra resposta senão bater a carga, e derrotando o inimigo á bayoneta, destruiu tudo quanto achou diante de si. O inimigo fugio na maior desordem, e a vanguarda o acabou de pôr em uma completa derrota. Deixou no campo de batalha um grande numero de mortos; 3.000 homens prisioneiros, e 17 peças de artilheria. Nos não tivemos 200 homens, que ficassem incapacitados de combater. Os gen. Fontanelli, e Bonfanti, o coronel Tuchi, do 1.º de linha Italiano, e o Major Grenier, do 60 de linha, se distinguiram. A artilheria do exercito assim como a divisaõ Serras, estavam demoradas pelo forte do Predel. O Viceroy ordenou ao Major Grenier, que fosse ter com tres batalhoens, e duas peças, ao vale de Raibell, para attacar o forte pela retaguarda, em quanto o gen. Serras, que estáva informado deste movimento, o attacaria, em frente. Em um quarto de hora foi este forte tomado, e tudo quanto estava nas palissadas foi passado ao fio da espada. A guarniçaõ éra de 400 homens, dous somente escapáram. Acharam-se no forte 8 peças de artilheria.—Aos 19, 20, e 21, marchou o exercito de Tarvis para Villach, Klagenfurt, e Saint-Weit. Aos 22, 23, e 24, entrou em Fresach, Unzmarkt e Knittfeld.—A ala direita do exercito commandada pelo gen. Macdonal, e composta das divisõens Broussier e Lamarque, e da divisaõ de dragoens Pully, tinha sido mandada sobre Goritz. Passou ella o Isonzo aos 14; e aos 15 tomou a posiçaõ de Goritz, apezar dos esforços do inimigo. Em Goritz se tomáram onze peças de canhão, dous morteiros, e muitas provisõens de artilheria.—Aos 17 A divisaõ Broussier forçou o inimigo, ante Prevald, e obrigou a retirar-se precipitadamente para Taysbach. A divisaõ Lamarque, que marchava pelos caminhos de Podvel, e Poderay, derrotou por toda a parte o inimigo, em seus passos, e fez 400 prisioneiros, um dos quaes he coronel, e 15 officiaes; e tomou uma peça de artilheria.—Aos 18, o gen. Schilt entrou em Trieste, e em sua marcha tomou 4 ou 500 prisioneiros. Aos 20, o

gen. Broussier intimou e fez capitular os fortes de Prevald; 2.000 homens depuzeram as armas. Tomáram-se 15 peças de artilheria, armazens consideraveis, e muniçoens de guerra, e de boca.—Aos 21 os fortes de Laybach fôram reconhecidos, e apertados de mui cerca. Aos 22 o gen. Macdonald encarregou ao gen. Lamarque do ataque da esquerda, e ao gen. Broussier do ataque da direita, e a cavallaria foi disposta de maneira que pudesse cortar a retirada do inimigo. No mesmo dia pela tarde, estes fortes, que custáram a Austria sommas enormes, e que só estavam defendidos por 4.500 homens, pediram capitulação. Os generaes Giulai e Zach, á vista das disposiçoens do ataque, se salváram com alguns centos de homens. Um Tenente general, um corouel, tres majores, 131 officiaes, e 4.000 homens depuzeram as armas. Achou se nos fortes, e no campo intrincheirado 55 bocas de fogo, 4 bandeiras, 8.000 espingardas, e muitos armazens.—O principe Vice-rey louva mnito o gen. Macdonald, que tem dirigido todas as operaçoens da ala direita do exercito; os gen. de divisãõ Broussier, e Lamarque se tem distinguido.—Quando o exercito de Italia chegou a Knttelfelds, foi o principe Vice-rey informado, que as reliquias do corpo do gen. Jellachich, escapando ao exercito de Alemanha, tinham sido alcançadas em Rottenmann; por varios batalhoens que vinham do interior; e formavam ao todo um corpo de sette a oito mil homens, dirigidos sobre Leoben. A divisãõ Serras teve ordem de forçar a marcha; para chegar antes delle á encruzi lhada dos caminhos. Aos 25 ás 9 horas da manhaã, encontrou a sua vanguarda o inimigo; que desembocava pelo caminho de Mau-tern. O inimigo formou-se na vantajoza posiçaõ de St. Michel, com a direita apoyada em montanhas escarpadas, e a esquerda em o Mur; occupava o centro um plano de difficil accesso. O gen. Serras foi encarregado do ataque em frente, com uma brigada da sua divisãõ, e uma brigada da divisãõ Durutte, commandada pelo gen. Valentin. Havia na retaguarda da sua linha, o 9 e 6 de caçadores acavallo, commandados pelos coroneis Triare e Delacroix, ajudante de campo do principe. O Gen. Durutte estava em reserva, com o resto da sua divisãõ. Sobre as duas horas começou o ataque em toda a linha; e em toda a parte foi o inimigo derrotado: o plano foi tomado, e a cavallaria acabou o destroço. Ficáram sobre o campo de batalha 800 Austriacos; 1.200 feridos, com 70 officiaes ficáram prisioneiros. Tomaram-se duas peças de artilheria e uma bandeira. O gen. Jellachich, com outros dous generaes, e 60 dragoens fugíram á redea solta. O gen. Serras entrou em Leoben ás 6 horas da tarde, e aprisionou 600 homeus. Um numero quasi igual se salvou nas

montanhas largando as armas. Assim tudo o que restava do corpo do gen. Jellachich foi destruido nesta jornada, nos tivemos 500 homens que ficaram incapazes de combater. O prinicipo Vice-rey fez um elogio particular ao gen. de divisaõ Serras, aos gen. Roussel e Valentin, aos coroneis Delacroix e Triare, ao ajudante-commandante Forcitier, ao Cap. Aimé do 9 de caçadores, o qual tomou uma bandeira; o tenente Bougeois do 102, que com 4 caçadores acavallo, tomou uma peça de artilheria, despois de ter morto os artilheiros. Na manhaã de 26 ao meio dia, chegou o exercito de Italia a Bruck, onde fez a junccãõ com o gen. Lauriston, e com o exercito da Alemanha.

*Buletim* 14. Ebersdorf, 1 de Junho, de 1809.

As pontes sobre o Danubio estaõ inteiramente restabelecidas, addio-se-lhe uma ponte volante, e preparam-se todos os materiaes necessarios para lançar outra ponte de jangadas. Sette malhos batem a estacada; mas tendo o Danubio, em muitas partes, 24 e 26 pes de fundo, gasta-se, sempre, muito tempo para fazer segurar as ancoras, quando se deslocam os malhos. Entretanto adiantam-se os trabalhos, e em pouco se terminaraõ. O gen. de brigada de engenheiros, Lazowski, fez trabalhar na margem esquerda, em uma cabeça de ponte, que terá 1.600 toezas de periferia, e que será cuberta, por um bom fosso, cheio de agoa corrente. O 44 de equipagem da flotilha de Boulogne, commandado pelo cap. de navio Baste, chegou ja. Grande numero de bateis batem todas as ilhas, cobrem a ponte, e fazem grandes serviços. O batalhaõ de artifices da marinha trabalha na construcãõ de pequenos barcos armados, que serviraõ para dominar inteiramente este rio.—Despois da derrota do corpo do gen. Jellachich, Mr. Mathieu, capitaõ adjuncto ao estado-major do exercito da Italia, foi enviado, com um dragaõ de ordenança, pelo caminho de Saltzbourg; tendo encontrado successivamente uma columna de 650 homens de tropa de linha, e uma columna de Landwehrs, ambas as quaes estãvam cortadas, e extraviadas, intimou-lhe que se rendessem, e

ellas depuzéram as armas.—O general de divisaõ Lauriston chegou a Oedenbourg, primeiro Comitato de Hungria, com uma forte guarda avançada. Parece que ha na Hungria sua fermentaçãõ, e que os espiritos se acham la mui divididos; e que a maioridade naõ he favoravel á Austria.—O gen. de divisaõ Lassalle tem o seu quartel general defronte de Presbourg, e leva os seus postos até Altenbourg, e juncto de Raab.—Tres divisoens do exercito de Italia chegãram a Neustadt. O Vice-rey ha dous dias que está no quartel general do Imperador.—O gen. Macdonald commandante de um corpo de exercito da Italia, entrou em Gratz. Achou-se, nesta capital da Styria, immensos armazens de viveres, e effeitos de vistuario, e petrechos de toda a especie.—O Duque de Dantzick está em Lintz.—O principe de Ponte corvo marcha sobre Vienna. O gen. de divisaõ Vandamme, com os Wirtemberguezes, está em St. Polten, Mautern, e Krems.—No Tyrol reyna a tranquillidade. Cortados pelos movimentos do duque de Dantzick, e do exercito da Italia, todos os Austriacos, que imprudentemente se tinham empenhado nesta ponta fõram destruidos uns despois dos outros, como o corpo de Jellachich pelo exercito da Italia. Os que estavam em Suabia naõ tivéram outro recurso senãõ tratar de ir em partidas para a Alemanha, dirigindo-se ao alto Palatinado. Formãvam elles uma pequena columna de infanteira, e de cavallaria, que se tinha escapado de Lindau, e que foi encontrada pelo coronel Bieset; do corpo de observaõ do general Beaumont. Foi cortada em Neumack, e a columna inteira, officiaes e soldados, depõz as armas.—Vienna está tranquila; ha paõ e vinho em abundancia; mas a carne, que ésta capital tirava do centro da Hungria, começa a ser rara. Contra todas as razoes politicas, e todos os motivos de humanidade, faz o inimigo tudo o que he possivel para reduzir á fome os seus compatriotas, e ésta capital que encerra suas mu-

lheres e seus filhos. Dista bem deste modo de proceder o de nosso Henrique IV. nutrindo elle mesmo uma cidade que éra entã inimiga, e que elle sitiava.—O duque de Montebello morreo hontem pelas cinco horas da manhaã. Algum tempo antes se havia o Imperador entretido com elle por mais de uma hora. S. M. tinha mandado buscar, pelo gen. Rapp, seu ajudante de campo, ao Doutor Franc, um dos medicos mais celebres da Europa. As feridas estãvam em bom estado ; mas uma febre perniciosa fez, em poucas horas, os mais funestos progressos. Fôram inuteis todos os soccorros da arte.—S. M. ordenou que o corpo do duque de Montebello fosse embalsemado, e transportado á França, para la receber as honras, que saõ devidas a uma dignidade elevada, e a eminentes serviços. Assim acabou um dos militares mais distinctos, que tem tido a França : em numerosas batalhas em que se achou recebeo treze feridas. O Imperador foi extremamente sensivel a esta perca, que será tambem sentida por toda a França.

*Buletin* 15. Ebersdorf, 2 de Juhno, de 1809:

O exercito de Dalmacia tem alcançado as maiores vantagens. Derrotou tudo quanto se lhe appresentou diante, nos combates de Mont Kitta, Gradchatz, Lieca, e Ottachatz. O general em chefe Shissevich foi aprisionado. O duque de Raguza chegou a Fiume aos 28; e assim fez a sua junção com o grande exercito, de que este da Dalmacia forma a ala direita. Far-se-ha publica a relação do duque de Raguza sobre estes differentes acontecimentos.—Aos 28, uma esquadra Ingleza de 4 vasos, duas fragatas, e um brigue, se apresentãram diante de Trieste, com a intenção de tomar a esquadra Russiana. O general conde Caffarelli acabava de chegar áquelle posto. Como a cidade estava desarmada, desembarcãram os Russos 40 canhoens, 24 de 36, e 16 de 24. Assestãram éstas peças em batteria, e a esquadra Russa amarrou-se com boças.

Estava tudo prompto para receber o inimigo, o qual vendo que lhe falhou o golpe de mão, se retirou. Um milhar de Austriacos, que passáram de Krems para a margem direita do Danubio fôram destroçados pelo corpo Wurtemburguez, que lhe aprisionou 60 homens.

---

*Hespanha. Sevilha, 7 de Julho.*

O tenente general D. Francisco Venegas dirigio, em data do 1º. deste mez, ao Senhor D. Antonio Cornel o Officio seguinte:

“ Tenho a honra de remmetter copiada a V. Excellencia a parte, que me deo o Coronel D. Luiz Lacy da acção de Torralba, que he literalmente a seguinte: “ Excellentissimo Senhor: o primeiro ensaio do corpo volante, composto do regimento de Burgos, da companhia de caçadores do de Cuenca, e do de cavallaria de Farnesio, se verificou hontem, 28, nos planos de Torralba; sorprendendo e atropelando o primeiro regimento de lanceiros Polacos, o 80 e 26 de caçadores Francezes de cavallo, e outros dois dos de cavallaria ligeira de Westphalia com duas peças de artilheria. Seriaõ cinco e meia da tarde quando me avisáraõ, que no dito povo se apresentava o primeiro corpo inimigo; voei de Almagro para o atacar, dando as ordens convenientes para começar, logo que a escuridade da noite ajudasse melhor as minhas intenções. Chegando esta, marchei á testa das minhas tropas, occupei um grande plano immediato ao povo, e nelle com ousadia se deo ás nove da noite a acção mais gloriosa, attendida a hora, posição, e superioridade do inimigo. O campo ficou juncado de cadaveres contrarios: os seus feridos devem ser em grande numero: lanças, murrioens, malas, toda a especie de armas, cavallos, e um unico prisioneiro para testemunhar o facto, saõ o fructo desta feliz noite, em que se pelejou com enthusiasmo e valor. Pelo referido prisioneiro, e dos dragões Alemáens, que desertáraõ, se sabe que os ini-

migos suppoem terem sido atacados por mais de 8.000 Hespanhoes, cuja opiniaõ talvez tenha por objecto encobrir a vergonha de terem sido atacados por 900 infantes e 350 cavallo. Farnesio atacou á espada com valor, cumprindo os chefes, officiaes, e tropa os seus deveres. Distinguindo-se o Tenente D. Antonio de Vargas, commandante da descoberta. (Segue-se o elogio do corpo de Burgos, e da companhia de Cuencia.) O inimigo naõ se atreveo a picar-nos a retirada que fiz, em razaõ das noticias que tive de terem entrado em Daimiel consideraveis forças de cavallaria inimiga. Os desertores declaraõ que os inimigos tiveraõ 114 mortos, e muitos feridos, entre elles o seu coronel. A nossa perda he muito pequena, e della farei a relaçaõ apenas os corpos me derem as partes particulares. Por ora posso dizer a V. Excellencia, que ficáraõ levemente feridos o Capitaõ D. Antonio Manso, Ajudante do Regimento de Farnesio, e o Tenente do de Burgos, D. Pedro Lamparez, que naõ se quiz retirar: ficou contuso de varias cutiladas no chapeo o coronel de Farnesio D. Ramon Aviz de Zuza. Tudo o que ponho na presença de V. Excellencia para seu conhecimento, e para determinar o mais conveniente.—Estrada de Calatrava 29 de Junho de 1809.—Excellentissimo Senhor—Luiz de Lacy—Excellentissimo Senhor D. Francisco Xavier de Venegas.

Seguem-se depois os elogios que o General Venegas faz deste corpo, particularmente do coronel Luiz Lacy e pede ao Governo Supremo, que elle e outros commandantes sejaõ promovidos aos postos immediatos. Em consequencia disto S. M. se dignou promover a brigadeiros dos reaes exercitos a D. Luiz Lacy, e a D. Ramon Aviz de Zuza: conferio o posto immediato a D. Joaõ José de Olazabal, D. Joaõ Francisco Ortiz, D. Antonio de Vargas, D. Antonio Manso e D. Pedro Lamparez; sem prejuizo dos outros benemeritos, apenas o General em Chefe

remetter as noticias convenientes, e mandou que todos os officiaes e tropa, que concorrêraõ para esta acção, tragaõ um signal ou distinctivo em prova della.

—

*Parte do General D. Joaquim Blake.*

Excellentissimo Senhor.—De Calanda remetti a Vossa Excellencia uma representaçãõ feita a Sua Magestade com data de 58 de Junho, participando-lhe o infeliz successo da acção de Belchite, advertindo-lhe ao mesmo tempo, que no estado de abatimento a que a força da desgraça tinha reduzido o meu espirito, me naõ era possivel occupar-me das particularidades deste terrivel acontecimento. Sem embargo de conhecer o horror da confusaõ, e das consequencias, que se podem seguir desta derrota, que nem a Nação, nem eu, nem os bons Officiaes do Exercito deviamos jámais esperar, pareceo me de absoluta necessidade inteirar a Vossa Excellencia para que o faça a Sua Magestade, naõ dos detalhes, mas do todo he uma acção, que naõ chegou a ter effeito, senaõ para realizar um acontecimento, que ninguem podia suppôr possivel.

“ Na parte que dei a Vossa Excellencia com data de 17 do corrente, lhe expuz a nossa situaçãõ, de que confiava tanto, que esperava que o inimigo que tinhamos a vista fosse rechaçado, no caso que tivesse a ousadia de nos atacar. A fortuna podia ser-nos contraria até o ponto de sermos vencidos; mas ninguem devia esperar que a tropa do meu commando fugisse sem combater, e que aos primeiros tiros de artilheria abandonasse uma posiçãõ, que a punha ao abrigo dos ataques da cavalleria, e d’outras vantagens do inimigo, das que infundem algumas vezes nos exercitos um certo terror panico, que os faz fugir sem saberem de que. Belchite está situado no declive de uns montes que quasi o rodeaõ, os quaes tem o seu principio junto do caminho de Zeyla, de maneira que para entrar na Povoação ha uma descida, que principia



no sitio de Calvario. Os ditos montes seguem o caminho que vai a Fuende todos, e passa pelas fraldas de um oiteiro, situado mais adiante de outro aonde está a ermida de Pueyo. O terreno que lhe fica pela parte de diante, e estradas de Saragoça, he plano, cheio de hortas, e olivæes, sem mais desigualdades que umas elevações, por onde atravessa o caminho da Puebla de Alborton, distante pouco mais de uma legoa de Belchite. Os montes por onde passa o mencionado caminho de Fuende todos, começãõ em Belchite na ermida de Santa Barbara, em cujos arredores ha muitos palheiros, e dois grandes edificios para recolher os gados. Estes edificios, e a ermida cobriaõ em flanco direito da nossa posição, para cujo fim se lles tinhaõ aberto portinholas. Pela frente, e pela esquerda seguia-se a dita cordilheira de montes com algumas aberturas, e por trás tem um canal que vai ter ás hortas, passando por entre a povoação, e oiteiro do calvario. As tropas que estavaõ na ermida de Santa Barbara, e nos palheiros, não podiaõ ser atacadas pela cavallaria; nem o centro, sem que o inimigo se expuzesse a soffrer a acção de muitos fogos cruzados. Os da esquerda podiaõ retirar-se a todo o tempo para a ermida de Santa Barbara.

“ Em consequencia de tudo isto occupou-se a ermida do Pueyo, guarneceo-se o oiteiro do calvario com dois regimentos, e collocou-se o parque da artilheria atrás d'elle. Tambem guarneceamos os olivæes das hortas. A cavalleria estava no caminho de Saragoça, e na entrada do lugar para o cobrir, sustentada por outro regimento de infantaria. O resto da tropa occupou os montes, desde Santa Barbara, até o caminho de Fuende todos, segundo as circumstancias do terreno, de maneira que formava em algumas partes tres linhas. Havia além disto tres columnas para sahir ao encontro do inimigo, caso que fizesse algum ataque vigoroso pela esquerda. Ainda que rechaçasse estas columnas, tinhamos a facilidade de nos retirar

para o centro, e flanco direito, aonde não podíamos ser atacados senão pela frente; o que impossibilitava o inimigo de nos perseguir por aquelle lado. Finalmente a artilheria estava em uma posição tão vantajosa, que protegia o ataque das columnas; e em caso de desastre podia retirar-se para o mesmo ponto para onde se retiravaõ as tropas.

Já as tropas estavaõ nos seus postos, tendo protestado que desempenhariaõ as suas obrigações, em resposta a uma falla que lhes fiz sobre este assumpto, quando o inimigo depois de apparecer nas alturas de puebla de alberton marchou sobre a nossa esquerda, fazendo adiantar uma columna com duas peças de artilheria, precedida por um grande piquete. No tempo em que a nossa se reunia, appareceo no monte a testa da sua columna, e a sua artilheria disparou quatro, ou cinco tiros. No mesmo tempo arrebutáraõ-nos duas, ou tres granadas. e inutilizáraõ quatro, ou cinco homens. A nossa artilheria continuou a bater-se com a sua, ou para melhor dizer, respondeo aos seus tiros. Neste comenos principiou a fugir repentina, e desordenadamente um regimento sem fazer fogo, segundo dizem por ter cahido entre elle uma granada do inimigo. Este regimento foi seguido de outro, que tambem fugio sem disparar um tiro, o qual foi do mesmo modo seguido de outro, ficando finalmente abandonada aquella posição no espaço de poucos minutos, fugindo talvez alguns corpos por se não poderem sustentar no meio da confusão que os atropellava, e impedia os seus fogos. Assim ficámos sós os generaes, e alguns officiaes naquella posição, sem podermos reunir um corpo com que pudesse-mos fazer frente ao inimigo, passando pelo terrivel desgosto de vermos dispersar um exercito, que abandonou todos os seus effectos, e largou as espingardas, e mochilas, fugindo a uma só divisaõ, que não tinha senão duas peças de artilheria. Não podíamos parar em quanto não en-

contrassemos o abrigo de uma praça forte ; porque não era possível reunir 900 homens para fazer frente ao inimigo. Não nos faltavaõ munições, nem viveres, e eu não omitti medida alguma das que dependiaõ dos meus esforços para procurar a victoria, ou ao menos para conservar com honra a gloria das nossas armas. Se Sua Magestade diffirir ao que lhe pedi na minha representação de 18, poderei mostrar com mais extensaõ o que acabo de expôr.

“ Não jugo conveniente tratar aqui das causas destas dispersões, por desgraça assás communs nos nossos exercitos ; mas não posso deixar de dizer, que basta o máo exemplo de alguns individuos para desanimar um exercito, sem que o general o possa saber, por chegarem difficilmente aos seus ouvidos as práticas dos homens tímidos, os quaes de ordinario costumaõ ser acutellados. Se o amor da minha Patria não sobrepujasse em mim á segurança da minha consciencia, ficaria socegado, sabendo que o mesmo exercito confessa, que não õmitti nada como general, nem como soldado, para o conduzir ao caminho da honra. A mentira que os cobardes espalháraõ para encobrir a sua vergonhasa dispersaõ, de que havia chegado um reforço de 15 mil homens aos Francezes, mostra que não podem deixar de reconhecer, e confessar que fugíraõ, sem ter com quem se possaõ desculpar. Deos guarde a Vossa Excellencia muitos annos. Xerta 22 de Junho de 1807.—Excellentissimo Senhor — Joaquim Blake—Excellentissimo Senhor D. Antonio Cornel.

---

*Inglaterra.*

*Expediçaõ Inglesa no Scheldt, despacho official.*

Quartel general de Middleburg, 7 de Agosto.

MY LORD! Depois do meu ultimo officio, não tem occorrido cousa de maior importancia. Temos estado in-

cessantemente occupados em trazer artilheria para o cerco, muniçoens, e petrechos para a vizinhança de Flushing; e as tropas tem estado occupadas na construcção de baterias, e em adiantar as differentes obras diante da praça; mas tem sido naturalmente interrompidas, pelas grandes chuvas que aqui tem havido. O inimigo he activo e emprendedor, e a guarnição tem certamente recebido consideraveis reforços da costa fronteira; e até agora não tem estado no poder da flotilha, o prevenir isto. Nestas circumstancias se achou que éra necessario desembarcar a divisaõ do ten. gen. Grosvenor; e dous batalhoens ligeiros da Legião Alemaã fõram tambem ao presente postos em terra. Logo que se tomou Rammekins, eu determinei, que logo que se pudessem fazer os arranjos necessarios, passasse a infantaria do corpo do ten. gen. Conde de Rosslyn, com a divisaõ do ten. gen. Marquez de Huntley, e as brigadas ligeiras de cavallaria, para Beveland do Sul, afim de fazer uma junção com a reserva, commandada pelo ten. gen. Sir Joaõ Hope, e que os navios da cavallaria, e artilheria, juncto com os transportes da divisaõ do ten. gen. Grosvenor, ao momento em que se pudessem dispensar os seus serviços ante Flushing, fossem trazidos pela passagem estreita, e procedessem pelo Scheldt occidental acima; mas o decurso desta operaçaõ não pode ter lugar até que uma força naval sufficiente possa entrar no rio, e proceder adiante; porém o máo tempo, que temos constantemente experimentado, juncto á grande difficuldade de navegaçaõ tem até aqui frustrado todos os seus esforços. Por cartas do ten. gen. Sir Joaõ Hope, acho que o inimigo tinha, aos 5 do corrente, vindo para baixo com 28 barcas canhoneiras, juncto a Batz, e neste lugar fizéram uma viva canhonada, por algumas horas, mas fõram obrigados a retirar-se pelas peças do forte, e tudo está socegado naquella parte. Tenho a honra de in-

chuir uma lista das percas, que tem tido os diversos corpos ante Flushing. Tenho a honra de ser &c.

(Assignado) CHATHAM.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Extracto das percas. Mortos, 1 cirurgião assistente, 25 soldados: feridos, 1 major, 6 tenentes, 2 alferes, 4 sargentos, 114 soldados: entraviados 4 soldados.

Middleburg, 1 de Agosto, 1809.

MY LORD! Depois de fechar o meu officio datado de hontem, fez o inimigo uma vigorosa sortida, juncto ás 5 horas da tarde, atacando com força consideravel a direita da nossa linha, occupada pela divisaõ do major gen. Graham. O ataque se dirigio principalmente sobre os nossos piquetes avançados, que fõram sustentados pelo 3º batalhaõ dos Royals, pelo 5. , e 35 regimentos, commandando o Coronel Hay. Estes corpos, juncto com os destacamentos da artilheria Real, o 95, e os batalhoens ligeiros da Legiaõ Alemã d'El Rey, recebêram o inimigo com a sua acostumada intrepidez; e depois de uma contenda de alguma duraçaõ, o forçãram a retirar-se, com perda consideravel, em mortos, feridos, e prisioneiros. O inimigo teve nesta acçaõ outra occasiaõ de testemunhar a superior valentia das tropas Britanicas; e nenhum exemplo conseguiu o inimigo o fazer á menor impressaõ na nossa linha; e bem longe de tirar proveito de sua tentativa, foi obrigado a deixar algum terreno, bem vantajoso, onde estaõ agõra estabelecidos os nossos postos avançados. Eu naõ posso exprimir em termos demasiado energios o meu sentimento pela assidua vigilancia e habilidade, que manifestou o major gen. Graham; segurando, e mantendo o seu posto, cõtra os repetidos ataques que o inimigo fez para o desalojar; e tenho grande satisfacçaõ em informar a V. S. que o major gen. faz mençaõ, em termos da maior approvaçaõ do distincto comportamento, e valor dos of-

ficiaes e tropas, que pelejáram nesta occasiaõ. Posso agora remetter, para informaçãõ de V. S. um abstracto da artilheria, muniçoens, e petrechos, que temos tomado desde que desembarcamos nesta ilha.

Tenho a honra de ser &c.

(Assignado) CHATHAM.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Quartel general de Middleburg, 16 de Agosto, de 1809.

MY LORD! Tenho a honra de informar a V. S., que aos 13 do corrente, estando completas as baterias de Flushing (e tomando ao mesmo tempo as suas paragens as fragatas, navios bombardeadores, e canhoneiras) abrio-se o fogo á hora e meia depois do meio dia, com 52 peças de artilheria pezada; a que o inimigo respondeo vigorosamente. Na mesma noite se completou uma bateria adicional de seis peças de 24; e tudo continuou a jogar sobre a cidade com pouca ou nenhũa intermissãõ até a tarde do seguinte dia.—Na manhã de 14 cerca das 10 horas, as nãos de linha, anchoradas na passagem Durloo, se fizeram a vella, commandadas por Sir Ricardo Strachan, e arranjando-se ao longo da linha de defeza do mar, mantivéram, durante a sua passagem, uma tremenda canhonada, sobre a cidade, por varias horas, com o maior valor, e melhor effeito possivel. Cerca das 4 da tarde, percebendo que o fogo do inimigo tinha inteiramente cessado, e a cidade appresentava a mais horrorosa scena de destruiçãõ, estando incendiada em quasi todos os bairros, eu determinei ao ten. gen. Sir Eyre Coote, que mandasse uma intimaçãõ á praça; o gen. Monnet deo em resposta, que replicaria á intimaçãõ logo que tivesse consultado um conselho de guerra; concedera-se-lhe uma hora para este fim; mas havendo decorrido tempo consideravel, alem daquelle periodo; mandáram-se recommear as hostllidades com o maior vigor, e cerca das 11 horas da noite uma das bate-

rias inimigas, avançada sobre o Sea Dike, em frente da posição do ten. gen. Frazer, foi valorosamente levada á ponta da bayoneta; por destacamentos do 36, e 71, e batalhoens ligeiros da Legião Alemaã d'El Rey, commandando o ten. coronel Pack; tendo em opposição grande superioridade de numero: fizéram 40 prisioneiros, e mataram e feríram grande numero do inimigo.—Naõ devo deixar de mencionar, que, na noite precedente, foi tambem forçado um entrincheiramento em frente da posição do major gen. Graham; com igual valentia; obrando o reg. 14; e destacamentos da Legião Alemaã d'El Rey, sob o ten. cor. Nicholls, que expulsou dali o inimigo, e fez um alojamento a tiro de espingarda dos muros, tomando uma peça, e 30 prisioneiros. Cerca das duas horas da manhã, pediu o inimigo uma suspenção d'armas por 48 horas, o que foi recusado, concedendo-se-lhe somente duas horas; quando elle conveio em render-se, na forma da intimação, sobre a base de que a guarnição ficaria prisioneira de guerra.—Agora tenho a satisfação de informar a V. S. que concordando-se nestes preliminares; logo que o Almirante desembarcou de manhã, o coronel Long, ajudante general, e o Capitão Cockburn, da armada Real, fôram nomeados para negociar os artigos da capitulação, que tenho a honra de incluir aqui. Elles fôram ratificados ésta manhã pelas 3 horas, quando os destacamentos dos Royals, pela esquerda, tomáram posse das portas da cidade: a guarnição marchará para fóra amanhã, e se embarcará o mais depressa que for possivel.—Tenho de dar os parabens a V. S. do rendimento de uma praça taõ indispensavelmente necessaria ás nossas futuras operaçoens; pois muito grande proporção de nossa força se requerfa neste lugar para levar a diante o cerco com aquelle grão de vigor e celeridade, que tornávam absolutamente necessarios os meios de defenza, que possuia o inimigo, e particularmente a sua faculdade de inundar, o que se ía extendendo a um ponto

de assustar. Esperando, se as circumstancias o permittissem, o proceder pelo rio acima, logo de principio, havia eu encarregado ao ten. gen. Sir Eyre Coote a direcção dos arranjos particulares do sitio, e das operações ante Flushing; e não posso expressar sufficientemente os meus sentimentos pelo indefatigavel zelo, e trabalho, com que elle conduzio o arduo servico, que lhe fôra confiado; no qual fôra habilmente ajudado pelos ten. coroneis Walsh, e Offerey, que lhe fôram addidos, como assistentes, nas repartições de ajudante, e quartel-mestre general.—Tenho toda a razão de estar satisfeito, com a judiciosa maneira em que os officiaes generaes dirigiram as differentes operações; assim como com o espirito e intelligencia que manifestáram os officiaes commandantes dos corpos, e o zelo e ardor de todas as classes e officiaes.—He com o maior prazer que refiro a uniforme boa conducta das tropas, que, em todas as occasioens, tem não somente mostrado a maior intrepidez na presença do inimigo; mas tem supportado com o maior prazer e alegria, as laboriosas obrigações, que tinham de preencher.—O activo e perseverante esforço dos Engenheiros Reaes, tem sido conduzido com muita arte, e juizo, pelo coronel Tyers, ajudado pelo ten. cor. D'Arcey; e he-me impossivel fazer assas justiça á distincta conducta dos officiaes e gente da artilheria Real, debaixo da habil direcção, e animante exemplo do brigadeiro general M'Leod.—Os marinheiros, cujos trabalhos haviam ja sido tão uteis ao exercito, procuráram a sua remuneração, em ulterior oportunidade de se distinguirem; e uma das baterias lhes foi confiada, e elles a servíram com admiravel vigor, e effeito.—Devo aqui pedir licença para exprimir os meus vehementes sentimentos, pela constante e cordeal cooperação da frota, em todas as occasioens; e o meu mais profundo reconhecimento he particularissimamente devido ao Cap. Cockburn do Belleisle, commandante da flotilha, e ao Cap. Richardson, do Cesar, commandante da brigada de marinheiros, que desembar-



cáram com o exercitos. Tenho a honra de incluir a lista da guarnição de Flushing; e alem disso tenho sabido, que a demais do numero de mortos, que era consideravel, se transportáram para Cadsand mais de 1.000 feridos, antes de se investir completamente a cidade. Ajuncto tambem aqui o estado dos desertores, e prisioneiros; exclusivos da guarnição de Flushing. Este officio será entregue a V. S. pelo meu primeiro ajudante de campo, major Bradford, que he plenamente capaz para dar a V. S. toda a demais informação, e a quem peço licença para recommendar vivamente á protecção de S. M.—Tenho a honra de ser,  
&c. &c. (Assignado) CHATHAM.

◆◆◆◆◆

*Capitulação de Flushing.*

Sua Ex<sup>a</sup>. o General de divisaõ Monnet, um dos Commandantes da Legião d'Honra, commandante em chefe da fortaleza de Flushing, havendo authorizado a Mr. L'Eveque, cap. dos Engenheiros Imperiaes, e Mr. Montonnet, cap. da artilheria Imperial para tractar dos termos de capitulação para o rendimento da praça de Flushing ás tropas de S. M. Britanica; e S. Ex<sup>ta</sup>. o Ten. gen, Conde de Chatham, Cav. do banho &c. e o Contra-almirante Sir Ricardo Strachan, Cav. do banho &c. commandantes em chefe das forças militares e navaes, ante Flushing, tendo authorizado ao cap. Cockburn, do navio de S. M. Belleisle, commandante da flotilha Britanica; e o coronel Long, ajudante-general, para tractar junctamente com os dictos commissarios, elles tem, depois de haver trocado os seus respectivos plenos poderes, concordado nos artigos seguintes.—

Art. 1. A guarnição de Flushing será prisioneira de guerra, e marchará para fóra da praça, com as honras da guerra; depositaráõ as armas no caes da porta do mar; voltaráõ para a França debaixo de pálvora; e, pelo espaço de um anno, não pegaráõ em armas contra S. M. Britanica; ou alliados seus, que o fossem ao tempo da capitulação. Este artigo he applicavel ao official de marinha actualmente em Flushing.—*Resposta.* A guarnição de Flushing terá permissão de marchar para fóra da praça com as honras da guerra requeridas; deporaõ as armas na esplanada; mas devem ser considerados prisioneiros de guerra, e como taes remettidos para Inglaterra.— Os officiaes de marinha terãõ a mesma sorte do resto da guarnição.

Art. 2. Os officiaes generaes e do Estado maior, officiaes de ma-

rinha, e dos corpos, que compoem a guarniçaõ, conservaraõ as suas armas, cavallos, e toda a propriedade que lhes pertencer. Os officiaes inferiores, soldados, marinheiros, e criados dos officiaes conservaraõ as suas muchilas.—*Resposta.* Concedido.

Art. 3. Os doentes e feridos, capazes de sahir, seraõ transportados para a França; o resto dos doentes será deixado ao cuidado e humanidade do general commandante das tropas de S. M. Britanica, e mandados para os dominios Francezes, logo que a sua condiçaõ lhes permittir; deixar-se ha um sufficiente numero de ajudantes de medicina; para ter cuidado dos doentes; estes assistentes medicos teraõ as mesmas raçoens dos de S. M. Britanica.—*Resposta.* Os doentes e feridos devem ser considerados como prisioneiros de guerra. Os que estiverem em estado de ser removidos se embarcaraõ com a guarniçaõ; o resto ficará sob o cuidado dos medicos e cirurgioens Francezes, até que o seu restabelecimento admitta o serem removidos. Os medicos e cirurgioens receberaõ as raçoens, que usualmente se concedem aos prisioneiros de guerra, de sua graduacaõ e descripçaõ; junctamente com a demais remuneraçaõ, pelo seu cuidado dos doentes, que o General commandante do exercito Britanico for servido conceder-lhe.

Art. 4. Os naõ-combatentes, taes como o Sub-inspector, commissario de guerra, ajudantes medicos, cabeças das differentes repartiçoens administrativas, naõ seraõ considerados prisioneiros de guerra; teraõ liberdade de dispor dos seus effeitos, e da sua propriedade particular, e pessoal, e de a levar para a França; assim como todos o documentos relativos ás suas contas, em ordem a justificar a sua conducta para com o governo Francez. Este arranjamto he applicavel aos commissarios e officiaes civis de marinha, de artifices, e do serviço do porto, aos officiaes das alfandegas, e direitos, assim como ao pagador do exercito e marinha.—*Resposta.* Os officiaes e outros mencionados neste artigo, todos os addidos ao exercito Francez, e em uma palavra os Francezes de toda a descripçaõ, naõ habitantes de Flushing, antes do anno de 1807 seraõ mandados para Inglaterra, e ao depois tractados segundo aquelles arranjamtos, que se houverem de fazer entre os dous governos, a respeito dos naõ-combatentes, a sua propriedade particular e pessoal será respeitada, e se lhe dará permissaõ de reter todos aquelles papeis, que especificamente se referirem, ou puderem ser necessarios ao ajuste de suas contas. Todos os Francezes, e outros, que tiverem permissaõ de ficar, se espera que prestaraõ juramento de fidelidade a S. M. Britanica, quando forem a isso requeridos; e se conformaraõ a todas as leis e regulamentos, que ao diante possa fazer o Governo Britanico.

Art. 5. Se não se tiver feito alguma estipulação particular a respeito dos doentes que ficáram em Middleburg debaixo do cuidado dos ajudantes medicos, e dos officiaes do dicto hospital, serãõ tractados segundo os artigos 3º. e 4º. da presente capitulaçaõ.—*Resposta.* Concedido, conforme a resposta dada ao 3º., e 4º. artigo.

Art. 6. A propriedade dos habitantes será respeitada, elles terãõ liberdade de retirar-se para a França, com a sua propriedade particular, terãõ toda a segurança a este respeito, não serãõ molestados, de nenhuma maneira, por suas opinioens, ou parte que tenham tomado durante o cerco.—*Resposta.* A propriedade dos habitantes de toda a descripçaõ será respeitada; ficando entendido, que todos os armazens navaes e militares serãõ postos em requisiçaõ, até que se prove serem propriedade particular de individuos; e, nesse caso, o Governo Britanico terá liberdade de fazer uso da mesma, pagando aos proprietarios uma justa remuneraçaõ. Aquelles habitantes, que desejarem retirar-se para a França, e certificarem essa sua intençaõ dentro em oito dias depois da ratificaçaõ desta capitulaçaõ; terãõ permissaõ de o fazer, dentro do periodo, que for determinado pelo commandante em chefe Britanico; e nenhum habitante será molestado, por causa de opiniaõ ou conducta, que até aqui possa ter adoptado.

Art. 7. As necessarias carruagens, e vasos serãõ fornecidos pelos commissarios Inglezes, para transportar deste lugar para os dominios Francezes os doentes, e effeitos particulares dos officiaes. Estes effeitos não serãõ examinados, e terãõ plena segurança durante a sua passagem.—*Resposta.* Todas as despezas de transportar a guarniçaõ Franceza, doentes, &c. com a sua bagagem, para Inglatterra, serãõ, por consequencia, pagas pelo Governo Britanico.

Art. 8. Se houver alguma difficuldade, na interpretaçaõ dos sobredictos artigos; será ajustada pelos abaixo assignados commissarios, e quanto fôr possivel a favor da guarniçaõ.—*Resposta.* Concedido.

Dado sob nosso signal em Flushing, aos 15 de Agosto, de 1809.

(Assignados)      GEO. COCKBURN.  
                                     ROB. LONG.  
                                     F. MONTONNET.  
                                     F. L'ÉVEQUE.

#### *Artigos addicionaes.*

Art. 1. Os abaixo-assignados commissarios tem concordado, que toda a artilheria, armazens navaes e militares de toda a descripçaõ, assim como todos os mappas, cartas, planos, memorias militares, &c.

e toda a propriedade publica qualquer ; sera entregue com inventario aos commissarios, que forem nomeados pelos generaes commandantes Britanico e Francez, para junctamente entregar e receber a dicta.

Art. 2. He igualmente concordado, que logo que a ratificaçaõ da presente capitulaçaõ for trocáda as portas da cidade, e comportas dos diques seraõ occupadas por destacamentos do exercito Britanico, e as tropas Francezas evacuarã as fortalezas ao meio dia de 17 do corrente.

Art. 3. He outrosim concordado, que esta capitulaçaõ será ratificada pelos generaes, commandantes em Chefe, dos exercitos Britanico, e Francez, e que as ratificaçoens seraõ trocadas nos postos avançados Francezes, sobre a estrada de Middleburg, as 12 horas da noite ; e faltando isto a presente capitulaçaõ, e suspensaõ d'armas, seraõ consideradas nullas, e invalidas.

Dado sob nosso signal, em Flushing, aos 15 de Agosto, de 1809.

(Assignados) Os mesmos.

Approvada e ratificada por nós.

(Assignados) CHATRAM, Ten. gen. Commandante das forças.

R. STRACHAN, Contra-almirante, comm. das forças navaes.

Examinado e ratificado.

(Assignado) MONNET, Gen. de divisaõ.

Esta co nforme.

T. CAREY, Tn. cor. Secrmilitar.

Guarniçaõ de Flushing, 16 officiaes do Estado maior 101 officiaes: 3773 officiaes inferiores e soldados : 498 doentes e feridos.—Total da guarniçaõ prisioneira 4.979.

Perca do exercito Inglez. Mortos 3 officiaes : 1 sargento : 1 tambor : 26 soldados. Feridos 15 officiaes : 5 sargentos : 2 tambores : 83 soldados : Extraviados 1 soldado.

### *Exercito Inglez na Hespanha.*

Carta official do Gen. Wellesley ao Secretario de Guerra.

Placencia, 15 de Julho, 1809.

MY LORD! Depois de ter escripto a V. S. no 1º. do corrente, Jozé Bonaparte cruzou outravez o Tejo, e se unio a Sebastiani com as tropas que trouxéra de Madrid, e com um destacamento do corpo do Marechal Victor, fazendo o corpo de Sebastiani de cerca de 28.000 homens,

com intenção de atacar o corpo de Vanegas. Vanegas porém se retirou para ás montanhas da Serra Morena, e o Coronel Larcy, com a sua guarda avançada, atacou de noite um corpo avançado Francez, e destruiu muitos delles. As tropas Francezas voltáram outra vez para o Tejo: Jozé Bonaparte cruzou este rio com o reforço que tirara do corpo de Sebastiani, o qual consistia de 10.000 homens somente, e estava na margem esquerda do Tejo, cerca de Madrilejos, em frente de Vanegas, que marchava outra vez avançando. As ultimas noticias da quella parte são de 8. O exercito Francez, commandado por Victor, unido aos destacamentos, que Jozé trouxe do corpo de Sebastiani, montando tudo a cêrca de 35.000 homens, estão concentrados nas vizinhanças de Talavera, e sobre o Alberche. O exercito do ten. gen. Cuesta tem estado na posição que informei a V. S., e onde se tem conservado desde que escrevi a V. S. no 1º. do corrente. A guarda avançada do exercito Britanico chegou aos 8; e as tropas, que estiveram comigo no Tejo, chegaram aos 10, o 23 de dragoens ligeiros, e o 48 chegaram hontem; o 61 chegará amanhã. Eu fui ao quartel de Cuesta, em Almaraz, aos 10, demorei-me lá até os 12; e tenho arranjado com aquelle general um plano de operaçoens sobre o exercito Francez, que principiaremos a pôr em execução aos 18, se os Francezes se demorárem até então na sua posição.

O exercito Hespanhol commandado pelo gen. Cuesta, consiste em perto de 38.000 homens, exclusivamente do corpo de Vanegas; sete mil são de cavallaria. Obra de 14.000 homens estão destacados para a Ponte del Arzobispo, e o resto está acampado abaixo de Puente de Mirabete. Tenho o prazer de informar a V. S. que os sette batalhoens de infantaria de Irlanda, e ilhas, e as tropas da artilheria de cavallo de Gram Bretanha, chegaram a Lisboa no principio do mez. A brigada do gen Crauford,

anda em marcha para se unir ao exercito, mas não chegará aqui até os 24, ou 25. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) ARTHURO WELLESLEY.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Talavera de la Reyna, 24 Julho, 1809.

MY LORD! Segundo o arrançamento, que tinha ajustado com o gen. Cuesta, decampou o exercito de Placencia aos 17, e 18 do corrente, e chegou a Oropeso aos 20, onde formou uma junção com o exercito Hespanhol, debaixo do seu commando. Sir Roberto Wilson tinha marchado aos 15 da Venta de Bazagon, sobre o Tietar, com a Legião Lusitana, um batalhão de caçadores Portuguezes, e dous batalhoens Hespanhoes; chegou a Erenas aos 19, e a Escalona sobre o Alberche, aos 23. O gen. Vanegas teve igualmente ordem de partir de Madrilejos aos 18 e 19, e marchar por Trenbleque o Ocaña para Puente-dueñas sobre o Tejo, onde este rio se passa em um vão, e dahi para Arganda, devendo la chegar aos 22 e 23. Aos 22 os exercitos combinados se movêram de Oropeso; e a guarda avançada atacou os postos exteriores do inimigo em Talavera. A sua direita foi flanqueada pelo 1º. de Hussares, e pelo 23 de dragoens ligeiros, commandando o gen. Anson, dirigido pelo ten. gen. Payne, e pela divisaõ de infantaria commandada pelo major gen. Mackenzie, e fõram repulsados pela guarda avançada Hespanhola, commandada pelo gen. Jargas, e Duque d'Albuquerque. Nos perdemos 11 cavallos, pelo fogo d'artilheria da posiçaõ do inimigo, sobre o Alberche; os Hespanhoes tivêram alguns homens feridos. Hontem se formáram as columnas para o ataque, nesta posiçaõ, mas differio-se o ataque até ésta manhã, a desejo do gen. Cuesta; quando se puzêram em movimento para o ataque os differentes corpos; mas o inimigo se havia retirado, pela uma hora ante manhã, indo para Sancta Olalla, e dahi para

Torrijos; para formar, julgo eu, a junção com o corpo do gen. Sebastiani. Eu não tenho podido seguir o inimigo, como desejava, por causa da grande falta de meios de transporte, na Hespanha. Eu incluo a copia de uma carta, que julguei conveniente dirigir sobre ésta materia ao major gen. O'Donoghue, ajudante general do exercito Hespanhol, logo que achei que este paiz não podia fornecer meios desta descripção. O gen Cuesta tem instado com a Juncta Central, para que adopte medidas vigorosas, a fim de remediar as nossas necessidades; em quanto não for supprido, não julgo conveniente, e a fallar a verdade, não posso continuar as minhas operações. Tenho grandes esperanças, porém, de que, antes de muito tempo, serei supprido da Andaluzia e La Mancha, com os meios que requeiro; e reasumirei então as operações activas, que fui compellido a abandonar. Tenho honra de ser, &c. &c. (*Assignado*) ARTHURO WELLESLEY.

Ao Muito Honrado Lord Visconde Castlereagh.

Talavera de la Reyna, 29 de Julho, 1809.

MY LORD! O general Cuesta seguio a marcha do inimigo com o seu exercito, desde o Alberche, na manhã de 24, indo a Santa Olalla, e adiantou a sua guarda avançada até Torrijos.—Pelas razoens, que referi a VS. no meu officio de 24, movi eu somente duas divisoes de infantaria, e uma brigada de cavallaria, cruzando o Alberche até Casalegos, commandando este corpo o ten. gen. Sherbrooke, com as vistas de conservar a communicação entre o gen. Cuesta, e mim, e com o corpo de Sir Roberto Wilson, em Escalona.—Parece que o gen. Vanezas não pos em execução aquella parte do plano de operações, que diziam respeito ao seu corpo, e estava ainda em Daimiel, em La Mancha; e o inimigo no decurso dos 24, 25, e 26, ajunctou todas as suas forças, nesta parte da Hespanha, entre Torrijos e Toledo, deixando somente

um pequeno corpo de 200 homens naquelle lugar: O seu exercito assim unido consistia do corpo do marechal Victor, do corpo do gen. Sebastiani, e de 7 ou 8 mil homens das guardas de Jozé Buonaparte, auxiliadas pelos marechaes Jourdan, e Victor, e general Sebastiani.— Aos 26 a guarda avançada do gen. Cuesta foi attaccada juncto a Torrijos, e obrigada a retroceder; e o gen. se retirou com o seu exercito, naquelle dia, para a margem esquerda do Alberche, continuando o gen. Sherbrooke em Casalegos, e o inimigo em Santa Olalla.—Foi entã obvio, que o inimigo queria teatar o resultado de uma acção geral, para o que a melhor posiçã parecia ser nas vizinhanças de Talavera; e havendo consentido o gen. Cuesta, em se postar, na manhaã de 27, eu ordenei ao gen. Sherbrooke, que se retirasse com o seu corpo para o seu posto, na linha, deixando o gen. Mackenzie, com uma divisaõ de infantaria, e uma brigada de cavallaria, como um posto avançado, nos matos, sobre a direita de Alberche, que cubriam o nosso flanco direito.—A posiçã, que as tropas occupavam em Talavera, se extendia a mais de duas milhas; o terreno éra aberto para a esquerda, onde estava postado o exercito Britanico, e era commandado por uma altura, sobre que estáva, em echelon, e em segunda. linha, a divisaõ de infantaria, commandada pelo major general Hill.—Havia um vale, entre ésta altura, e uma corda de montes que ficávam ainda mais para a esquerda; este vale não foi a principio occupado, por ter a cavalleiro de si a altura, acima mencionada; e a corda de montes pareceo demasiado distante para ter influencia alguma na acção, que se esperava.—A direita consistia das tropas Hespanholas, e se extendia immediatamente em frente do lugar de Talavera, e para baixo até o Tejo. Esta parte do terreno éra cuberta de Olivaeas, e muito interceptada de valados, e marachoens. A estrada maior, que vai da ponte do Alberche, estava defendida por uma pezavaa bateria, em frente da Igreja, que estava



occupada pela infantaria Hespanhola. Todas as entradas para a villa estãvã defendidas por similhante modo ; a villa estava occupada pelo resto da infantaria Hespanhola, formada em duas linhas, por de traz dos marchoens, nos caminhos que sahem da villa, e da direita pãra a esquerda da nossa posiçaõ. No centro, entre os dous exercitos havia um terreno elevado, sobre que se tinha começado a construir um reduto, com algum terreno aberto na retaguarda.—O brigadeiro general Alexandre Campbell foi postado neste lugar, com uma divisaõ de infantaria, sustentado, na retaguarda, pela brigada de dragoens do gen. Cotton, e alguma cavallaria Hespanhola. Cerca das duas horas, aos 27, appareceo o inimigo com forças, na margem esquerda do Alberche, e manifestou intençoens de attacar a divisaõ do gen. Mackenzie.—O ataque foi feito antes que elle pudesse retirar-se ; mas as tropas, que consistiam das brigadas do gen. Mackenzie, e coronel Donkin, e a brigada de cavallaria do gen. Anson, sustentadas pelo gen. Payne com outros 4 regimentos de cavallaria, na planicie entre Talavera, e o mato ; retirãram-se em boa ordem mas com alguma perca, particularmente o 2º. batalhaõ do regimento 87 ; e o 2º. batalhaõ do regimento 31, no mato.—Nesta occasiaõ a firmeza do regimento 45, e do 5º. batalhaõ do regimento 60, foi mui conspicua, e tive particular razaõ para estar satisfeito, com a maneira porque o gen. Mackenzie retirou a sua guarda avançada.—Pelo dia adiante appareceo o inimigo, em maior numero, sobre a direita de Alberche ; e era claro que elle se avançava a um ataque geral sobre o exercito combinado.—O gen. Mackenzie continuou a retirar-se gradualmente, sobre a esquerda da posiçaõ dos exercitos combinados, onde foi posto na segunda linha, na retaguarda das guardas ; o coronel Donkin foi postado na mesma situaçaõ, mais para a esquerda, na retaguarda da Legiaõ Alemaã. O inimigo começou immediatamente o

seu ataque, no crepusculo da noite, por uma canhonada sobre a esquerda da nossa posiçãõ, e por uma tentativa com a cavallaria, para derrubar a infantaria Hespanhola, postada, como se disse a cima, na direita. Esta tentativa falhou inteiramente.—De noite cedo, puchou o inimigo uma divisaõ ao longo do vale, na esquerda da altura occupada pelo gen. Hill, e tomou, por um momento, posse da altura ; mas o major gen. Hill o atacou instantaneamente com a bayoneta, e reganhou a posiçãõ.—Este ataque foi repetido durante a noite, mas falhou ; e outra vez de dia na manhã de 28, por duas divisoens de infantaria, e foi repulsado pelo major gen. Hill.—O major gen. Hill me referio de maneira mui particular a conducta do regimento 29, e do 1.º batalhaõ do regimento 48, nestas diferentes acçoens, assim como do major gen. Tilson, e brigadeiro gen. Ricardo Stewart.—Nos perdemos muitos valentes officiaes e soldados, na defenza deste importante ponto da nossa posiçãõ: entre outros naõ posso deixar de mencionar os majores de brigada Fordice, e Gardner ; e o mesmo major gen. Hill foi ferido, mas julgo-me feliz em poder dizer, que he cousa leve.—O máo successo neste ataque foi seguido, cerca do meio dia, de um ataque geral, com todas as forças do inimigo, sobre toda aquella parte da posiçãõ occupada pelo exercito Britanico.—Em consequencia das repetidas tentativas sobre a altura da nossa esquerda, pela parte do vale, coloquei no vale duas brigadas de cavallaria Britanica, sustentadas na retaguarda, pela divisaõ de cavallaria do gen. Albuquerque.—O inimigo pos entãõ a sua infantaria ligeira na corda de montes, á esquerda do vale, que fõram oppostos por uma divisaõ de infantaria Hespanhola, commandada pelo ten. gen. De Bassecourt.—O ataque geral principiou pela marcha de varias columnas de infantaria, para o vale ; com as vistas de attacar a altura occupada pelo major gen. Hill. Estas columnas fõram immediatamente

carregadas, pelo 1º. de dragoens ligeiros Alemaens, e pelo 23 de dragoens, debaixo do commando do gen. Anson, dirigido pelo ten. gen. Payne, e sustentado pela brigada de cavallaria do gen. Fane, e posto que o 23 de dragoens soffreo uma perca consideravel, a carga teve o effeito de prevenir a execuçaõ de parte do plano do inimigo.—Ao mesmo tempo dirigio elle um ataque sobre a posiçaõ do brigadeiro gen. Alexandre Campbell, no centro dos exercitos combinados e na direita do Britanico.—Este ataque foi repellido, com o melhor successo, pelo brigadeiro gen. Campbell, sustentado pelo regimento d'El Rey de cavallaria Hespanhola, e dous batalhoens de infantaria Hespanhola, e o brigadeiro gen. Campbell tomou ao inimigo canhoens.—O brigadeiro gen. faz mençaõ particular da conducta do 97, 2º. batalhaõ do 7º. e 2º. batalhaõ do 53; e eu fiquei muito satisfeito com a maneira porque ésta parte da posiçaõ foi defendida.—Fez-se tambem um ataque ao mesmo tempo sobre a divisaõ do ten. gen. Sherbrooke, que estava na esquerda e centro da 1ª. linha do exercito Britanico. Este ataque foi valorosamente repulsado por uma carga de Bayoneta de toda a divisaõ; mas a brigada das guardas, que estava á direita, tinha-se avançado demasiado, e exposto o seu flanco esquerdo ao fogo da batteria do inimigo, e das columnas que se retirávam; e a divisaõ foi obrigada a retirar-se para a sua posiçaõ original, cuberta pela 2ª. linha da brigada de cavallaria do gen. Cotton, que eu tinha movido do centro; e do 1º. batalhaõ do regimento 48.—Eu movi este regimento da sua posiçaõ original nas alturas, logo que observei o avanço das guardas; e formou-se na planicie, e avançou sobre o inimigo, e cubrio a formaçaõ da divisaõ do ten. gen. Sherbrooke — Pouco depois de se repellir este ataque geral, em que aparentemente se empregáram todas as tropas do inimigo, começou a sua retirada cruzando o Alberche; a qual foi conduzida com

a mais regular ordem, e se effectuou durante a noite deixando em nossas mãos 20 peças de artilheria, munições, carros manchegos, e alguns prisioneiros.—V. S. observará, pela lista inclusa, a grande perca que tivemos em preciosos officiaes, e soldados, nesta longa acção, contra mais do que o dobro do nosso numero. A do inimigo foi muito maior. Estou informado de que brigadas inteiras de infantaria fôram destruidas; e na verdade os batalhoens, que se retirávam, iam mui diminutos em numero. Por todas as contas a sua perca he de 10.000 homens. Os generaes Lapisse, e Morlot estão mortos; e os generaes Sebastiani e Boulet feridos.—Eu tenho de lamentar particularmente a perca do major general Mackenzie, que se distinguio no dia 27; e do brigadeiro gen. Langworth, da Legião Germanica d'El Rey, e do major de brigada Becket, das guardas.—V. S. observara que os ataques do inimigo, éram, principalmente senão de todo, dirigidos contra as tropas Britanicas. O commandante em chefe Hespanhol, seus officiaes, e tropas, inanifestáram toda a disposição de nos ajudar, e aquelles, que entráram em acção, fizéram o seu dever; mas o terreno que elles occupávam éra tão importante, e ao mesmo tempo tão difficiloso, que não julguei proprio o urgir a que elles fizessem movimento algum sobre a esquerda do inimigo, em quanto elle se occupava com nosco.—Tenho razaõ para estar satisfeito com a conducta de todos os officiaes e tropas. Estou muito obrigado ao ten. gen. Sherbrooke, pelo adjutorio que d'elle recebi, e pela maneira em que elle conduzio a sua divisaõ á carga de bayoneta.—Ao ten. gen. Payne, e cavallaria, particularmente a brigada do gen. Anson; aos majores gen. Hill e Tilson, brigadeiros gen. Alexandre Campbell, R. Stewart, e Cameron, e ás divisoens e brigadas de infantaria, sob seus respectivos commandantes; particularmente o reg. 29, commandado pelo coronel White; o 1.º batalhaõ do 48, commandado pelo

coronel Donnellan; e depois, quando aquelle official foi ferido pelo major Middlemore; o 2º. batalhaõ do 7º., commandado pelo ten. coronel Bingham; o 97, commandado pelo coronel Lyon; o primeiro batalhaõ de destacamentos, commandado pelo ten. coronel Bunburg, o 2º. batalhaõ do 31, commandado pelo major Watson; e o 45 commandado pelo ten. cor. Guard, o 5º. batalhaõ do 60 commandado pelo major Davy, aos 27.—O avanço da brigada das guardas foi valorosamente conduzido pelo brigadeiro general Campbell, e quando foi necessario aquella brigada se retirou e formou-na melhor ordem.—A artilheria; sob o brigadeiro gen. Howorth, foi tambem por todos estes dias do maior serviço; e tenho toda a razão de estar satisfeito com o adjutorio que recebi do Chefe de Engenheiros ten. coronel Fletcher; o ajudante gen. brigadeiro gen. C. Steward, e quartel-mestre-general, Coronel Murray, e officiaes destas repartiçoens respectivamente, e do Coronel Bathurst, e officiaes do meu Estado maior pessoal.—Tambem recebi muito adjutorio do coronel O'Lawlor, do serviço Hespanhol, e do brigadeiro general Whittingham, que foi ferido conduzindo dous batalhoens Hespanhoes ao auxilio do brigadeiro gen. Alexandre Campbell.—Eu mando ésta pelo Capitaõ Lord Fitzroy Somerset, que dará a V. S. toda a informação ulterior, e quem pesso licença para recommendar a V. S. Tenho a honra de ser, &c.

(Assignado) ARTHURO WELLESLEY.

*Abstracto das percas do exercito nos dias 27 e 28  
de Julho.*

Mortos, 5 do estado major general: 2 ten. coroneis: 1 major: 7 capitaens: 15 tenentes; 3 alferes: 1 ajudante: 28 sargentos: 4 tamborés: 735 soldados.

Feridos. 9 do estado maior general: 10 ten. coroneis: 12 majores: 53 capitaens: 71 tenentes: 34 alferes; 6 ajudantes: 65 sargentos: 16 tambores: 3537 soldados.

Extraviados. 5 capitaens: 3 tenentes: 1 alferes: 15 sargentos: 9 tambores: 620 soldados. Total—5.367.

*Extracto de uma carta d gen. Wellesley, ao Secretario de guerra, datada de Talavera, 1 de Agosto, 1809.*

Despois que tive a honra de dirigir-me a V. S. aos 29 de Julho, tem continuado o inimigo a conservar a sua retaguarda, de cerca de 10.000 homens, nas alturas da esquerda de Alberche.—A extrema fadiga das tropas, a falta de provisoes, e o numero de feridos de que he necessario cuidar, me tem impedido o mover-me da minha posicao.—O brigadeiro gen. Crauford chegou com a sua brigada, na manhaã de 29; tendo marchado 12 leguas Hespanholas, em pouco mais de 24 horas.

*Extracto de outra carta da mesma data.*

Quando vos escrevi esta manhaã não tinha ainda recebido as partes dos postos exteriores. Parece que o inimigo retirou a sua retaguarda, que estava postada nas alturas á esquerda do Alberche, a noite passada ás 11 horas, e todo o exercito marchou para Santa Olalla; julgo eu que com intencao de tomar uma posicao nas vizinhanças de Guadarama.

---

*Reflexoens sobre as novidades deste mez.*

*Alemanka.*

O armisticio entre o Imperador d'Austria e Bonaparte appareceo ja nos papeis Francezes; mas ha muita razao para suppor que as hostilidades recommencaraõ em breve. O Archiduque Carlos resignou o seu lugar, em consequencia da perca da batalha de Wagram; e dizem que tomou o commando do exercito Austriaco o Principe de Lichtenstein, a grande amizade que existia entre estes dous chefes, e o distincto merecimento do segundo; me faz suppor que a mudanca de general foi feita com o consentimento, tanto de toda a Corte, como do exercito, e nenhum dos rumores, que

andam em circulaçãõ explica a causa deste acontecimento, de maneira que satisfaça: arriscar portanto conjecturas nesta materia, seria fazer especulaçoens inuteis. Isto porém he evidente, que rompendo-se agora o armisticio; Bonaparte ou hade abandonar inteiramente os paizes baixos aos Inglezes, o que dará occasiaõ a revoltas na Westphalia, e outras partes da Alemanha; ou hade enfraquecer o seu exercito do Danubio mandando grandes destacamentos para se oppor ás tropas Inglezas; seguindo o primeiro plano, não tem os Austriacos mais que prolongar a guerra, e evitar batalhas campaes, para que os Francezes se vejam com novos inimigos na retaguarda; e portanto em circumstancias mui apertadas. Seguindo o outro partido, he bem de esperar que as forças Austriacas sejaõ capazes de arrostar as Francezas, que poderaõ nesse caso ficar no Danubio; porque se os Austriacos tem perdido muito nas aççoens passadas, os Francezes não comprãram as suas victorias, nesta campanha, se não á custa de muitas vidas; assim quaesquer destamentos, que enviem aos paizes baixos, se poraõ ao level dos Austriacos. O buletim Francez 30, concede que Austria entrõu em campanha com 500 ou 600 mil homens; mas diz que está reduzida a uma quarta parte de suas forças; isto he exaggeraçãõ; mas concedendo-lhe, que he verdade, tem ainda a Austria em campanha 150.000 homens, que he uma força summamente respeitavel; e que se não annihila com palavras; e maior do que he possivel fazer entrar em combate n'uma batalha campal.

*França.*

A falta de S. M. B. no fim da sessaõ passada do Parlamento, foi por tal maneira pervertida nos papeis officiaes Francezes, que isto prova alem de toda a duvida o despejo com que aquelle governo falta a verdade, ainda em pontos cuja falsidade se pode facilmente conhecer, como he neste caso.

## Traducção do original.

MY LORDS E SENHORES! Temos ordem de S. M. para informar-vos, de que S. M. tem grande satisfação, em poder, visto o estado dos negocios publicos, dispensarvos da vossa laboriosa occupação no Parlamento.

S. M. não duvida, que voltando para as vossas respectivas provincias (counties) levareis com vosco a disposição de inculcar, tanto pela instrucção, como pelo exemplo, o espirito de affeição a estas leis estabelecidas, e a esta feliz constituição, cujo apoio e mantença tem sempre sido objecto dos mais aniciosos desejos de S. M.; e de quem, abaixo da Providencia, depende a felicidade e prosperidade deste Reyno.

Senhores da caza dos Communs.

Nos temos ordem de S. M. Para vos agradecer o liberal provimento que tendes feito para os serviços do presente anno; e de vos exprimir a satisfação que resulta a S. M. de que vos pudesseis providenciar a estes serviços, sem grande, nem immediato augmento dos encargos de seu povo.

S. M. nos manda particularmente o reconhecer a vossa prompta attenção aos seus desejos, a respeito do augmento

Traducção Franceza publicada no Moniteur, de 16 de Julho.

MY LORDS ET MESSIEURS! Nous avons reçu de S. M. l'ordre de vous informer, que l'etat present des affaires publiques permet a S. M. de vous dispenser de continuer plus long temps vos travaux en Parlement.

S. M. ne doute pas que vous ne retourniez dans vos provinces, avec l'intention d'employer toute l'influence de vos lumieres, e de vos exemples pour graver de plus en plus dans le cœur de ses peuples le respect pour les lois etablies et l'attachement a cette hereuse Constitution, que le veu lé plus ardent de S. M. a toujours eté de defendre, e de laquelle, sous la protection de la Providence, depend le bonheur et la prosperité de ce Royaume.

Messieurs de la Chambre des Communes.

S. M. Nous ordonne de vous remercier d'avoir pourvu si liberalement au service de la presente annee, e de vous exprimer combien Elle est satisfaite de voir que vous avéz pû pourvoir a ce service sans presque avoir mis aucune nouvelle charge sur son peuple.

S. M. nous commande particulierement de vous remercier de l'empressement que vous avez mis a seconder le desir q'Elle



de congruas da classe mais pobre do clero; objecto em que se interessavam ao maior ponto os sentimentos de S. M., e que merece a favoravel consideração do Parlamento.

My lords e Senhores.

O atroz e inaudicto acto de violencia e traição, pelo qual o Moderador da França atentou surprender, e reduzir á escravidão a nação Hespanhola; ao mesmo tempo que tem excitado na Hespanha uma resistencia resoluta, e inconquistavel contra a usurpação e tyrannia do Governo Francez; tem igualmente despertado em outras Naçoens da Europa a determinação de resistir, por um novo esforço ás continuadas e sempre augmentadas usurpaçoens sobre a sua segurança, e independencia.

Ainda que a incerteza de todos os acontecimentos humanos, e as vicissitudes inherentes á guerra não nos permitem ter uma demasiada confiança n'um exito feliz desta luta contra o inimigo commum da Europa, com tudo S. M. nos ordena que vos demos os parabens dos esplendidos e importantes bons successos, que recentemente coroáram as armas do Imperador de Austria, debaixo da habil e distincta conducta de S. A. I. o Archiduque Carlos. Aos esforços da Europa pela sua propria libertação, nos manda S. M. assegurar-vos, que elle esta

VOL. III, No. 15.

vous á exprimée de voir augmenter les fonds, destines a l'entretien du clerge pauvre. Cet objet interesseoi! au plus haut degre le coeur de S. M. et meritoit d'etre consideré avec bienveillance par le Parlement.

My lords et Messieurs,

L'incertitude des choses humaines, et les vicissitudes qui accompagnent la guerre, ne nous permettent pas de nous livrer avec trop de confiance a l'esperance de voir la lutte presente se terminer hereusement; car nous avons a lutter contre un ennemi d'un genie actif, a qui tout prospere, et dont tous les desseins, meme les plus incroyables s'accomplissent toujours. Cependant S. M. m'ordonne de vous assurer q'Elle est resoluée de continuer d'aider, e de soutenir de tout son pouvoir les efforts que fait l'Autriche, persuadée que vous pensez avec Elle que toutes

c c

determinado a continuar na prestação da sua mais efficaz assis-tencia e apoio, convencido de que vós concordareis com elle em considerar todos os esforços para o restabelecimento da independência, e segurança das outras naçoens, como não menos conducentes para os verdadeiros interesses, do que para o character e honra da Gran Bretanha.

Leo-se então a ordem que tinham os commissarios d'El Rey que fizêram esta falla, para prorogar o Parlamento.

les mesures qui tendent au re-tablissement de son independance, ne son pas moins utiles aux vrais interets de la Grande Bretagne, qu'elles sont convenables a son caractere, e a son bonheur.

Après ce Discours, le Chan-celler a annonce, que le Par-lement etoit prorogue au Jeudi 10 Aut prochain.

Despois de uma falsidade tão palpavel, como he possivel dar credito algum aos papeis Francezes?

◆◆◆◆◆

### *Hespanha.*

Nas gazetas Francezes appareceo uma conta, a mais ri-dula que se pode imaginar, da batalha da Talavera, em que se diz ; que José Bonaparte, se encontrara com os ex-ercitos combinados Inglez, e Portuguez, e com os rebel-des, e os derrotára inteiramente . ésta falsidade he claro que não serve para enganar os Hespanhoes, que com os seus olhos vïram este usurpador a fugir ; mas engana em Alemanha ; assim como na Hespanha se espalham as fal-sidades dos outros paizes, que ali se não podem verificar.

A Juncta Central parece occupar-se seriamente da re-forma da nação ; he verdade, que algumas pessoas de in-fluencia, mas imbuidas dos prejuizos antigos, se oppoem a reformas uteis ; mas, alem das proclamaçoens e decre-tos da mesma Juncta, em que se confessão os males do an-tigo governo, appareceo um elaborado artigo, no *Semana-rio politico* ; papel que se publica em Sevilha debaixo dos olhos da mesma Juncta ; em que se notam sem rebuço os

males politicos do estado; e indubitavelmente he o primeiro passo para a cura, o conhecer, e confessar que a enfermidade existe.

*Inglaterra.*

Tem este paiz de recordar dentro em um pequeno periodo duas victorias esplendidas, e que fazem muita honra ás tropas Britanicas: huma em Hespanha, outra nos paizes baixos. Pelo que diz respeito á Hespanha não he facil prognosticar, se as consequencias da batalha de Talavera seraõ taõ uteis, quanto o successo foi brilhante. Nos não costumamos estabelecer opinioens e systemas antes de ter sufficientes factos para decidir. O exercito Francez em Hespanha estáva dividido em muitos pequenos corpos, cada um dos quaes éra inferior ao exercito Inglez commandado por Sir Arthuro Wellesley (agora creado Lord Wellington); mas unidos lhe ficávam mui superiores em forças. He logo evidente que o plano devia ser attacallos separados; por exemplo, bater a Sout, logo que elle fugio do Porto, e continuar a perseguir os mais separadamente. Lord Wellington, goza dos creditos de taõ bom general, que nós não podemos suppor que ésta observação lhe escapasse; donde se deve concluir, que poderosos motivos, que por agora se ignoram, motiváram a sua conducta, em deixar fazer a junção aos differentes corpos do exercito Francez; he pois necessario suspender o juizo; até que elle diga; porque se entranhou na Hespanha da maneira que o fez.

A posse da ilha de Walcheren, e Cadsand, ou Cassandria, he de uma importancia infinita para a Inglaterra; porque alem do objecto immediato de destruir a esquadra Franceza que ali se estava preparando, a posse *permanente* da ilha de Walcheren, e do porto de Flushing, priva aos Francezes do melhor lugar em que podiam ter a sua força naval do norte; e alem disto dá uma facilidade aos Inglezes de commerciar com o continente, que ne-nhumas prohibiçoens de Bonaparte poderaõ frustrar.

Nem são somente estas importantes victorias as que os Inglezes tem neste momento que recordar. Os Francezes fôram expulsos do estabelecimento, que tinham, no Senegal; e tomando-lhe os Inglezes esta colonia fica a costa d' Africa inteiramente livre da pirataria Franceza. Na Italia o general Stuart tomou a ilha de Ischia. Esta he a melhor prova que a Inglaterra pode dar á França de que ainda existe com todo o seu vigor.

*Portugal.*

A publicação da carta do general Miranda (veja-se Corr. Braziliense, Vol. 2. p. 635.) produzio a seguinte ordem do dia.

Quartel general d' Abrantes, 18 de Junho, 1809.

Foi com a maior surpresa que o Marechal Commandante em chefe, soube, quando voltou do Norte para Lisboa, que tinha apparecido, nos papeis publicos, uma carta, que lhe tinha sido dirigida pelo Tn. gen. Miranda, na noite da vespera da sua partida de Thomar; não foi menos a pena do que a admiração que causou ao marechal, quando soube, por lhe ser impossivel deixallo passar em silencio, como tiuha deixado a mesma carta, pois que sendo publicada daquelle modo, se passasse sem ser censurada, daria occasião a toda a sorte de absoluta, e insubordinação; e porque, longe de ser disculpavel pelo grande emprego da pessoa que a escreveo, antes se faz mais necessario notalla para atalhar de uma vez um procedimento, que, se fosse adoptado, transtornaria ou diminuiria a authoridade regular, a etiqueta, e as regulaçoens militares, e encaminharia a um grande prejuizo do serviço de S. A. R.; pareceo tanto mais necessario o exigir as razoens, que teve o dicto Tn. gen. para um procedimento taõ opposto ás leis militares; porque tendo sido a carta entregue ao Marechal muito tarde, na noite antecedente á sua partida, e sendo impossivel que o Tn. gen. Miranda como official suppozesse, que se poderia annuir entaõ á sua supplica,

tendo deixado para a ultima hora o que elle poderia ter solicitado, se o tivesse realmente desejado; pois via o Marechal todos os dias, tinha ate imaginado, que a carta fora escripta com o unico fim de a dar ao publico; na verdade, considerando todas as circumstancias, e o estilo da carta do Tn. gen. não podia tirar outra conclusãõ; com tudo o Tn. gen. Miranda tendo formal e positivamente negado o ter dado ordem ou ter tido intento de publicar a dicta carta, parece que esta foi dirigida por algum amigo seu, mais desejoso do que prudente nos meios de augmentar a fama de Tn. gen.—O Marechal ainda que em consequencia desta affirmaçãõ do ten. gen. desistio de qualquer outra censura, ou procedimento contra elle, não pôde deixar de mostrar ao exercito, que desapprova altamente a publicaçãõ de cartas similhantes; pois que official nenhum tem direito de publicar cousa alguma, que lhe escreva o Marechal, ou que elles lhe escrevam sem serem authorizados por elle; ou por alguma ordem ou insinuaçãõ de S. A. R.

O Marechal não julga necessario, pois que não ve o bem que resulta, de que o Commandante em Chefe esteja á disposiçãõ de cada individuo, para ser o meio pelo qual a opiniaõ que cada official tem de si mesmo se mostre ao publico. O Marechal toma ésta occasiaõ de lembrar ao exercito, que qualquer que seja o dezejo dos officiaes, a sua obrigaçãõ he servir nos postos, em que estão collocados. He impossivel empregallos todos no mesmo serviço; e S. A. dignou-se deixar á disposiçãõ do commandante em chefe, a escolha dos officiaes para cada serviço em particular; e ainda que elle estará sempre prompto a receber, e attender, quanto as circumstancias o permittirem, aos requerimentos de todos os officiaes, para servirem activamente no campo contra o inimigo, quando elles evidentemente o fizérem com aquelle fim, nem quer memorias com grandes preambulos, de desejos ardentes de servirem

o seu Principe e a sua Patria, activamente ; mas em geral que acabam com razoes para requererem, o que he sô para a sua conveniencia, e vantagem pessoal, nem admite representaçã d'algum official, por não ser empregado em algum serviço particular. Todo o official que desejar ser empregado, determina o Marechal, que lhe faça saber os seus desejos com franqueza, e em geral ; porque o Marechal julgará quando poderá ser mais util ao serviço de S. A. R.—assignada pelo Sñr Marechal Beresford—esta conforme o original—Jozé Victal Gomes de Sousa—Secretario.—

Eu não posso deixar de dizer, que convenho inteiramente nisto com os principios do Marechal Beresford ; porque a disciplina militar he cousa de primeira necessidade, e nenhum official deve ser o juiz do seu proprio merecimento ; nem da qualidade de serviço em que deve ser empregado ; mas quanto á applicaçã deste principio aos factos particulares ; não tenho dados sufficientes para decidir se o Marechal emprega ou não os individuos nas differentes situaçoens que lhe conven. He porém de notar, que não obstante o espirito de despotismo militar, que respira em toda ésta ordem, que transcrevi, não se diz uma só palavra contra os papeis publicos, que publicáram aquella carta ; eis aqui um dos beneficios da influencia dos Inglezes em Portugal ; um Inglez por maiz que a sua proffissã ou habito o incline ao despotismo ; a força de educaçã o obriga a olhar para a liberdade da imprensa como um direito inherente aos homens, que mesmo aquelles individuos que o aborrecem, se envergonham de lhe fazer opposiçãõ.

Imprimem-se ja em Lisboa muitas gazetas melhores ou peiores, mas ja se escreve. Estaõ ainda estes papeis obrigados a passar pela fieira de uma censura ; mas até essa fieira se hade ir alargando com o continuado uso. O costume de não deixar imprimir senãõ uma gazeta, debaixo da immediata inspecçãõ de um Secretario de Estado, passou agora para o pobre Brazil ; por ora estaõ la satisfeitos com uma gazeta, porque até nem essa tinham ; mas logo que elles reflectam que os seus compatriotas em Portugal gozam de muitas, haõ de perguntar a si mesino ; e nós porque não gozamos tambem desta vantagem ?

Havendo pois referido este melhoramento, que se fez durante o governo da actual Regencia pede a Justiça que se diga, que os Governadores do Reyno tem ja feito outras cousas igualmente dignas de de louvor, entre outras foi a liberdade de alguns dos presos de que-

é fez menção no Correio Braziliense do mez passado; eu não approvo o modo da soltura; mas do mal o menos. Um processo occulto he sempre injusto ainda contra o maior criminoso; o procedimento de justiça publico he até honroso para o innocente, a quem se da occasião de justificar a sua fama. Nisto, não nos excede a legislação Ingleza. As leis de Portugal não reconhecem processos occultos; o que os faz, ou sofre que se façam, governa contra as leis do Reyno. Os exemplos em contrario não podem servir de regra, o abuso, por mais repetido que seja, nunca forma costume legal; he principio da ley de 18 de Agosto de 1769 na § 14. E por tanto se um Magistrado, qualquer, obra contra a ley, mettendo um reo em prizoens occultas: obra um despotismo; e se outro magistrado o imita, esse que segue o exemplo he outro desposta, e infractor das leis. Esta linguagem será forte, mas he verdadeira. Quanto aos Dezembargadores, prezos no Porto, lamento que homens populares, como elles são, tivessem de passar por aquelle encommodo, mas como os Regentes mandáram (no seu Avizo de 26 de Junho de 1809) que fossem julgados conforme a direito; digo que obráram os Regentes como devíam; pois foram o orgão da lei.

*Roma.*

O Sancto Padre foi banido de Roma, e mandado para Avinhaõ; por não querer sancionar com sua respeitavel authoridade a usurpação de Jozé Bonaparte na Hespanha; sendo convidado para o vir coroar. O Papa perdeu ja os seus Estados temporaes, e passará talvez o resto de seus dias na miseria; mas sem duvida será este um estado de triumpho, para elle, e para toda a christãdade, que o faria um Pontifice a todos os respeitos digno do alto lugar que occupa, se em um momento de fraqueza não tivesse humilliado o seu character vindo a Paris coroar Napoleaõ; mas a sua firmeza, neste caso, lavará sem duvida aquella nodoa. Bonaparte verá bem depressa, que se engana no plano de despojar o Papa de sua pompa exterior; nunca os cabeças da Igreja Catholica gozaram mais veneração do que quando viviam na pobreza Appostolica dos tempos primitivos. A virtude de muitos daquelles primeiros Pontifices arrancou tributos de veneração de principes mesmo gentios; que alguns soberanos Christãos denegaram depois aos Papas, quando estes se achavam ornados com as pomposas exterioridades de Soberanos.

*Brazil.*

Eu tenho esperado, de mez em mez, poder publicar ao Mundo as reformas uteis, que se fazem a bem dos povos, melhorando a forma

do Governo no Brazil, mas de mez em mez se frustram as minhas esperanças; e agora recebo do Pará cartas de dous sugeitos, em que se me referem do Governador daquella capitania não menos de 28 anedotas de despotismos, que fazem tremer de horror. Eu não refiro nenhuma, por que julgo isso desnecessario, por agora, para o bem publico; por quanto se o Governador do Pará fosse mandado render, por haver ordenado que dous negros dessem uma sova de virgalho em um homem branco, livre, vendo ésta horrorosa execuçaõ das janelas do seu palacio; que bem fazia isso ao publico? Nenhum. Hia para lá outro que havia igualmente abusar dos seus poderes como faz agora Jozé Narciso. Não he pois a mudança de um despota para outro despota o que se requer para o bem dos povos, he sim a destruiçaõ de uma forma de governo militar, que mais dia menos dia hade cavar a sua propria ruina. De boa vontade me reprimo não circumstancio factos; porque á testa da repartiçaõ militar está um dos homens de quem espero mais: mas se até o Conde de Linhares for com a torrente, e se fizer cumplice dos despotismos dos mais, eu farei com que fiquem recordadas as acçoens d'elle e dos outros, que só pôde fazer com que se não analizem por agora as esperanças de reforma, que ainda me restam; e que talvez não tenham outro fundamento senão os meus desejos; mas em fim esperemos, e no entanto se vão ajunctando materiaes para a historia negra.

### *Correspondencia.*

*Um amante da verdade.* O facto foi copiado, *verbatim*, das gazetas Inglezas, que o referiram; se ha ommissãõ de alguma circumstancia essencial dali provem. De boa vontade se farãõ emendas a favor da verdade, pois mais que nada se deseja ser imparcial; mas a regra adoptada he não estabelecer factos por authoridade anonyma. As iufornaçoens para corrigir erros seraõ sempre recebidas, e com agradecimento.

*Anonymus.* Não he attendivel pela razaõ supra.

*O Portuguez,* que se disfarçou escrevendo-me em Inglez, aprenda melhor a lingua, para lhe não succeder o mesmo que ao burro da fabula, que supposto se disfarçára cubrindo-se com a pelle de leão, foi conhecido por lhe ficarem as orelhas de fóra. Quanto ao contheudo, estes versinhos de Pope lhe sirvam de resposta.

Arm'd for virtue when I point the pen,  
Brand the bold front of shameless guilty men;  
Hear this and tremble, you who 'scape the laws.